



**Faroeste  
Caboclo  
o livro**

a saga de  
**João de Santo Cristo**

uma história  
inesquecível...

**Jorge  
de Siqueira Leite**

## Capítulo 01

# O NASCIMENTO DE JOÃO DE SANTO CRISTO

---

João Fernando voltava mais uma vez da roça. Havia passado mais um dia capinando a terra, envolto em seu trabalho de limpeza da plantação de milho. O mato não podia crescer naqueles dias. A chuva havia caído há dois dias e ele não podia perder tempo, tinha que aproveitar a estiagem.

João Fernando estava cansado daquela luta. Todos os anos a sua batalha era igual. Trabalhava como um louco, procurando aproveitar as chuvas. Plantava tudo o que pudesse brotar e render boas colheitas naquelas suas terras.

Eram uns poucos hectares, herdados de seu pai, e que mantinham o sustento de sua família.

Sua família era apenas sua mulher, grávida de seis meses e necessitando de repouso absoluto, por ser a gravidez de risco. Com isso, todo o trabalho na roça havia sobrado para João Fernando.

Ontem, o prefeito veio visitá-lo. Homem bom aquele. Queria vender dois garrotes para João Fernando. E estava vendendo abaixo do preço que os outros vendiam no mercado.

O restinho do dinheiro que João Fernando tinha do ano anterior, resultado da venda dos seus últimos garrotes para o mesmo prefeito, dava justamente para comprar os dois garrotes.

A sua vaquinha, a que restou, estava dando leite de novo. O bezerrinho estava crescendo bem, já que havia fartura nesta época do ano.

Com certeza iria aproveitar o ótimo preço que o prefeito estava pedindo nos dois garrotes e iria comprá-los.

O prefeito era muito bom mesmo, já que havia comprado os seis garrotes que ele tinha no ano anterior, naquela seca medonha... O prefeito comprou pela metade do preço, claro, porque estavam muito magros. Mas, se o prefeito não tivesse comprado, todos os animais estariam mortos.

O outro partido, a oposição, estava comentando que o prefeito havia mandado os garrotes para o Pará, aproveitando que havia alugado um pasto grande, onde não tinha seca.

Diziam que ele aproveitava as três carretas que tinha para despachar para o Pará todos os garrotes, bois e vacas que comprava. E agora estava vendendo pelo dobro do preço...

Mas a oposição não sabia o que falava. Como podiam falar mal do prefeito? O prefeito era um anjo enviado do céu.

Todo mundo sabia que se ele não comprasse os bois, eles iriam morrer... A seca não perdoava...

Com o dinheiro que ganhou da venda dos seis garrotes, conseguiu comprar ração para a vaca que restou. A mesma que estava prenha e deu cria a um lindo bezerrinho. Comprando os dois garrotes, ficaria com quatro. Dois a menos que no ano anterior, mas era melhor do que nada.

Se Deus ajudasse, a plantação daria lucro suficiente para poder comprar tudo de novo.

Se Deus ajudasse, poderia até comprar mais do que tinha.

Se Deus ajudasse, poderia até fazer estoque de feijão e milho, como havia feito há cinco anos atrás.

Se Deus ajudasse, não mandaria a seca de novo neste ano.

Mas Deus não ajudou. A seca veio novamente destruindo todas as plantações, secando os açudes, acabando com a esperança daqueles pobres agricultores. Houve perda total. Perda das plantações, do gado e, principalmente, da esperança de João Fernando.

Ele teve que vender, desta vez, todos os animais. Não ficou nem mesmo com a vaca.

E justo agora que Joãozinho havia nascido. Antes da hora, aos sete meses, quando sua mãe quase morreu. Mas, graças a Deus, tudo estava estabilizado. A saúde havia sido recuperada, e o menino, mesmo pequenino, estava passando bem.

Mas João Fernando não sabia o que fazer.

Como alimentá-lo? Como alimentar sua família? Estava ficando cada dia mais difícil.

Mesmo com a ajuda que o maravilhoso prefeito estava dando a ele, através da Frente de Trabalho da qual participava, no valor de meio salário mínimo, e com a cesta de alimentos que o maravilhoso prefeito entregava todos os meses em seu comitê, ainda não dava para alimentar sua família.

A oposição continuava falando que não era o prefeito quem dava aquelas coisas. Nem o dinheiro, nem a comida.

Como não? Se tudo era entregue pelas mãos dos funcionários da prefeitura, com a presença do prefeito e tudo mais?

O prefeito até fazia um discurso no seu carro de som, antes da entrega dos produtos, falando de como ajudava os necessitados...

A oposição continuava igual...

## Capítulo 02

### A MORTE DE JOÃO FERNANDO

---

João já estava com sete anos quando seu pai morreu. A sua mãe morrera há três anos, e desde então o seu pai era outra pessoa. Começou a sair com diversas mulheres, a beber demais e a se envolver em confusões.

Já havia até sido preso, por roubo. Havia falado que ele estava tentando entrar em uma casa, achando que não tinha ninguém, mas havia um homem dentro da casa, que chamou a polícia. João Fernando disse que não era isso.

Ele estava bêbado, e tentava pegar uma galinha no galinheiro daquela casa. Naquele pedaço da Bahia isso ainda era possível. A galinha seria cozida e servida entre uns poucos beberões que estavam num bar, ali perto. João Fernando foi escolhido por ser um grande inútil, quando bebia.

Todos aproveitavam dele. Era um homem derrotado, sem moral, e que se entregou completamente a um futuro miserável.

Depois do nascimento de seu filho, Joãozinho, tudo havia dado errado. A seca reduziu suas terras a umas poucas notas: teve que vender suas terras ao prefeito, que não era tão bonzinho assim, como ele pensava. Agora estava concordando com a oposição. Começou a enxergar o que o prefeito fazia, apenas quando não tinha mais nada nas mãos.

Não podia fazer nada. Tudo estava acabado. O seu gado era agora do prefeito, que todo ano de seca os mandava para o Pará, para ficarem gordos e pesados. Bons para serem repassados a outros moradores da cidade.

A sua terra foi vendida para pagar o tratamento de sua esposa, que estava com uma doença que não tinha explicação.

O curandeiro do bairro havia falado que não tinha como curá-la. Os médicos do hospital disseram a mesma coisa.

Falaram que era uma doença que ela pegou por ficar muito no sol, uma coisa ruim na pele. Um nome esquisito, Melanoma. Primeiro apareceram manchas pelo corpo, umas manchas escuras. Depois as manchas viraram feridas escuras. Aí o médico disse que já não tinha mais jeito.

Mesmo assim ele vendeu a terra. O prefeito se prontificou a ajudá-lo, comprando a sua terra, por um preço um pouco abaixo do que valia, mas que era uma saída para ele, naqueles tempos de seca.

E sua mulher morreu, mesmo depois que haviam ido morar na cidade, naquela saída de bairro, muito pobre, mas que estava perto dos médicos. Morreu apenas cinco dias depois que eles foram para a cidade.

João Fernando não quis aceitar o fato, sempre criticando a tudo e a todos pelo que aconteceu. O curandeiro, por não conseguir curá-la. Os médicos, que não deram nenhum remédio que sarasse aquelas feridas. O prefeito, por deixá-lo mais pobre do que era. E a Deus, que não tinha pena dele e nem das pessoas das quais ele gostava.

Joãozinho tinha apenas quatro anos de idade. Como iria viver com um pai que não conseguia nem mesmo sustentar a si próprio? O que fazer com Joãozinho? Ainda bem que a irmã de João Fernando tomou conta dele. Pelo menos, até o menino começar a aprontar.

Era um menino muito esperto, muito inteligente, mas que não gostava de escola. Adorava travessuras e vivia sempre aprontando.

Com cinco, seis anos, já praticava suas malvadezas, não poupando as vidraças das escolas, as goiabeiras dos vizinhos, nem os gatos que ali apareciam.

Aprendeu um palavreado diferente do que sua família falava. Família pobre, sofredora, como tantas outras da região, entregue ao futuro sem dono, sem perspectivas.

Joãozinho, não. Joãozinho enfrentava os moleques maiores na pedrada. Sabia que se dependesse só de sua mão ele apanhava, mas na pedrada ele conseguia nivelar a briga. Os palavrões que outros aprendiam só com nove, dez anos, ele conseguira aprender já aos sete.

E foi um desses palavrões a última coisa que ouviu da boca de seu pai, antes da morte.

Joãozinho estava no campinho, jogando futebol com outros moleques, quando viu a confusão. Um homem correndo na frente de um policial. Era o seu pai. O policial tinha um revólver na mão, e João Fernando estava bêbado, mas não o bastante para impedi-lo de correr bem. Conseguia fugir daquele

policial que não estava em boa forma.

Joãozinho não sabe por quê o pai parou. Pegou uma faca que sempre trazia consigo, em uma mão, e uma pedra na outra. O policial espumava de raiva. Parece que João Fernando tinha desistido de tudo. Enfrentou o policial como se quisesse mesmo morrer.

— Você vai atirar ou não vai, filho da puta? — gritou João Fernando E correu pra cima do policial, que disparou uma vez apenas, quando João Fernando estava a alguns passos dele.

Covardia? Autodefesa? Cada um diz uma coisa, mas Joãozinho viu um suicídio...

A bala atingiu o coração de João Fernando.

Um coração sofrido, que não merecia ter parado dessa forma, mas que talvez fosse o melhor para aquela pessoa.

João Fernando havia perdido a esperança de uma vida melhor. Havia perdido a esperança de encontrar pessoas que realmente faziam o bem, sem interesses próprios. Havia perdido a coragem de tentar melhorar. Havia chegado ao seu limite. Para ele, o melhor era morrer.

E, depois que o tumulto foi se dispersando, depois que levaram João Fernando, Joãozinho começou a ouvir só elogios ao seu pai. Ele sabia que o povo iria falar bem de seu pai agora, mas só o que ele lembrava era como o seu pai procurou a morte. Porque ele humilhou aquele policial?

O que soube foi que, quando o policial ia entrando no bar em que João Fernando estava, ele colocou o pé na frente do policial, que caiu imediatamente. Ainda de quatro, o policial levou um chute de João Fernando, que o chamou de gordo, vagabundo, e outros nomes menos significantes.

Mas, naquele lugar, ninguém levava desaforo pra casa. Houve a perseguição e a morte.

Joãozinho passou a ter orgulho do seu pai. Sempre em seus sonhos ele pensava no chute que o pai dera no policial. E sentia orgulho por não ter chorado em nenhum momento do enterro de seu pai.

## Capítulo 03

### A INFÂNCIA DE SANTO CRISTO

---

João andava por uma rua de terra, dessas feitas por carroças de boi. Esta era uma estrada que ligava Boa Vista até Serra Preta. Boa Vista era a cidade natal de João. Uma cidade pequena, com casinhas mal acabadas. Serra Preta já era bem maior. Ficava a 36 quilômetros de distância. Crescia muito mais do que Boa Vista, já que conseguia centralizar o mercado financeiro da região. Todas as cidades da região tinham um comércio inferior ao de Serra Preta.

João vinha tranqüilo, quando pulou em sua frente o Maurício, moleque da outra rua, líder de uma turminha rival à de João. Ele sabia que precisava tomar cuidado com o Maurício, pois era invejoso e não aceitava que João pudesse fazer mais sucesso que ele.

— Agora vamos acertar nossas contas — disse Maurício. Pularam mais dois moleques que ficaram ao lado de Maurício.

— Pois é, neguinho, chegou a sua vez.

Encararam-se, cada um prevendo o próximo movimento do oponente. Deviam ter muito cuidado. Sabiam que qualquer vacilo era fatal.

João sabia que estava em desvantagem. Ele precisava ser esperto para sair dessa. Além de Maurício ser maior que ele, estava acompanhado de dois moleques, maiores também.

O primeiro soco de Maurício acertou o ombro de João, que desequilibrou e deu dois passos para trás.

— Olha, Maurício, acho melhor você me deixar em paz. Você sabe que se fizer qualquer coisa comigo, depois eu e minha turma vamos pegar vocês e vocês estão ferrados...

João arriscou. Sabia que não ia adiantar nada, mas precisava ganhar tempo para pensar em como fugir. Sim, a saída era fugir. Precisava perder essa batalha. De nada valia querer ser valente nesse momento.

Os três moleques já estavam rodeando João quando uma pedra acertou violentamente no braço de Maurício. Surgia Zé Luiz na mesma estrada.



Zé Luiz era o melhor amigo de João. Nunca fazia nada sem que João não estivesse presente. Já tinha dez anos, um a mais do que João. Mas, em se tratando de malvadeza os dois eram da mesma idade.

A pedrada acertou Maurício, que, assustado, virou-se para Zé Luiz, esquecendo-se por um momento de João. Foi o que João queria. Deu um chute na barriga de Maurício e correu.

— Corre, Zé Luiz, vamos dar o fora — gritou João.

Saíram em desabalada carreira pela estradinha, sem olhar para trás. Não viram nem que os dois moleques até tentaram correr atrás, mas quando viram que Maurício estava caído, com as mãos na barriga, pararam e voltaram para socorrer o amigo. João ainda corria, quando apontou para o caminho da casa abandonada. Zé Luiz o seguiu.

— Ah, ah, ah... — ria Zé Luiz. — Você viu só como ele ficou gemendo no chão?

— Ah, ah, ah... Ele nunca vai esquecer esse dia... — disse João.

— Você acertou ele direitinho. Que chute...

— Eu tava com muita raiva. Aquele cara vem me perseguindo há muito tempo. Logo hoje me pegou desprevenido. Eu não tinha nada na mão.

— Você não pode andar sozinho por aí... Quando você vier por essas bandas você me chama.

Aquilo era a afirmação de uma amizade sincera, que estava baseada no sentimento mais forte existente nas pessoas. Era uma amizade que ninguém duvidaria que um morreria pelo outro, se fosse necessário.

Mas também era uma amizade ruim, entre dois moleques de rua, que não tiveram uma boa infância.

Zé Luiz foi abandonado por sua mãe, quando ainda era bebezinho, em um orfanato da cidade. Sempre seguiu as maldades que os maiores faziam. Sempre nas bagunças, era um dos líderes.

Aos sete anos, fugiu e vivia se escondendo por aí. A princípio, o pessoal do orfanato o encontrava e o levava de volta, mas sempre ele arrumava um jeito para fugir novamente. Com o tempo, os funcionários do orfanato foram se cansando e amolecendo. Estavam esgotados com os problemas causados por Zé Luiz. Ele podia fugir que eles não iriam mais atrás.

Zé Luiz fugiu. Eles não foram atrás. E o mundo ganhou mais um menino de rua.

Era negro, também, assim como João. E já sofria com o preconceito das pessoas. Aprendeu a roubar devido a esta discriminação. Ia pedir as coisas, mas percebeu que era muito difícil. As pessoas se fechavam para ele. Nunca conseguiu nenhum carinho. Sentia uma dor enorme quando pedia um prato de comida, tendo fome, e recebia um não como resposta.

Com isso, aprendeu a tomar. Aprendeu a pegar o que não era dele. A princípio, começou a pegar comida. Depois, passou a pegar brinquedos, roupas, e coisas desse tipo.

João conheceu Zé Luiz depois do enterro de seu pai. João foi levado para a casa de sua tia, mas na primeira chance ele fugiu. Ele não queria curtir aquele sentimento de perda ao lado daquelas velhas choronas. Foi para a beira do rio.

Na beira do rio estava Zé Luiz, num daqueles dias de depressão, causados pela solidão. Era tempo das chuvas e o rio estava cheio, e aquele cantinho era bem silencioso.

João sentou-se numa pedra e só então percebeu aquele moleque em outra pedra. Ia se levantar para ir embora, mas resolveu ficar. Percebeu que o outro moleque também não se mexeu. Parecia estar chorando.

Zé Luiz disfarçou as lágrimas, mexendo nos olhos, como se estivesse tirando um cisco.

— O que aconteceu? — perguntou João.

Zé Luiz não respondeu. Não sabia quem era aquele moleque. Por quê deveria falar com ele? Mas falou:

— Nada. Quem é você?

— João.

— E o que você tá fazendo aqui, no meu rio?

— Seu rio? Eu não sabia que o rio tinha dono... O seu pai é dono dessa terra? — perguntou João.

— Não é do meu pai. É minha terra. É meu rio.

João admirou-se daquele neguinho. Tão mal vestido, sujo e dono daquilo tudo.

— Posso ficar aqui um pouco? — pediu João.

O Zé Luiz pensou, fingiu que estava verificando o seu arquivo mental se podia deixar ou não. Afinal:

— Pode, mas só hoje... — demorou um pouco e falou: — Meu nome é Zé Luiz...

— Zé Luiz? Já ouvi falar de você. Você não é do orfanato?

— Era. Agora não vou voltar mais pra lá.

— Eu não gostaria de morar num orfanato. Dizem que os caras, lá, são muito ruins. Dizem que batem na gente...

— É muito ruim mesmo. Mas comigo, não. Eu mandava em todo mundo, lá — se vangloriou Zé Luiz.

E começou a falar o que fazia com os outros meninos, com as meninas e tudo o que acontecia de ruim. Falou de coisas que aconteceram e coisas que ele queria ter feito, mas, como ninguém podia desmentir, ele inventou uma série de perversidades.

— Ah, desse jeito até me deu vontade de ir morar num orfanato — disse João, em sua ingenuidade de sete anos. Tão homem, tão menino.

— Você não tem família? — perguntou Zé Luiz.

— Minha mãe morreu, faz tempo. Meu pai morreu ontem. Foi enterrado hoje. Mas, eu não morava com ele. Ele sempre bebia muito e ficava jogado pelas calçadas. Eu aprendi a morar nas ruas porque não gostava de morar com a minha tia. E você? Mora aonde?

— Eu moro na rua, eu não tenho ninguém. Eu moro em qualquer lugar.

E daí surgiu uma grande amizade. A amizade dos meninos de rua. Alguns dias depois começaram a se encontrar mais vezes e a aprontar cada vez mais.

Se João aprontava alguma coisa, Zé Luiz queria fazer pior. Se João quebrasse uma vidraça, Zé Luiz queria quebrar duas.

O tempo passou, a amizade cresceu. Transformaram-se em irmãos.

— Eu já sei o que vou ser quando crescer — disse João.

João já tinha onze anos e estava se tornando um belo rapaz. Estava alto, com um corpo forte, musculoso, ajudado pelas brincadeiras nas árvores, a natação no rio.

— E o que você vai ser? — perguntou Zé Luiz.

Estavam mais uma vez na beira do rio. Mas, desta vez, era um ano de seca, e o rio estava seco. Havia só o leito do rio.

— Vou ser bandido.

— Bandido não é profissão...

— Pra mim vai ser.

— E por que você escolheu isso, João?

— Eu não sei. Não consigo tirar da cabeça como meu pai morreu. De vez em quando eu sonho com ele me chamando para conversar com ele. Nunca sonhei com minha mãe, mas sempre que sonho com meu pai, no final do sonho ele morre baleado por aquele policial. Eu já te falei que assisti na hora que ele levou o tiro?

— Já, João...

— Então... Eu acho que, por pior que meu pai tenha sido, ele não precisava ter morrido daquele jeito...

Zé Luiz sabia que era inevitável acontecer isso. Se não acontecesse nada de diferente, tanto ele quanto João seriam bandidos. Estavam cada vez mais ousados. Agora já estavam tendo mais necessidades. Se queriam alguma coisa mais cara, tentavam roubar algo e trocar por aquilo. Foi assim com o walkman, com o videogame, com a câmera fotográfica...

— João, eu gosto da vida que a gente está levando. Mas, acho que falta alguma coisa...

— Eu sei, Zé Luiz... Não fica achando que eu não sei que o que nós fazemos é errado... Mas, tem muita injustiça, não tem?

— Ah, isso tem.

— Então... Você viu o Jairzinho, aquele menino, filho do seu Gerson? Não falta nada pra ele. Por quê uns tem muito e outros não tem nada, que nem a gente?

Zé Luiz lembrou de Jairzinho. Era um menino branquinho, bem limpinho, com roupas novas e bem passadas. Mas ficava preso em casa o dia todo. Não saía pra nada. A mãe não deixava. Tinha as coisas, mas não tinha amigos para brincar.

— Sabe, João, o que eu não gosto mesmo é quando fazem discriminação

com a gente. Acham que porque a gente é preto e pobre devem ficar com medo da gente...

— Ah, eu também não agüento... E já viu como nos tratam quando a gente anda juntos?

— Ô, se vi...

— Então. — disse João. — Quantas vezes a gente não ia em algum lugar só pra conhecer, ou pra fazer alguma coisa normal, igual aquele dia em que a gente foi na sorveteria.

— Ah, aquele dia eu fiquei com muita raiva...

— Pois é... Trataram a gente que nem bandido. Aquele policial até nos expulsou de lá... Mandaram a gente embora sem a gente ter feito nada errado...

— É. Mas a gente se vingou... — disse Zé Luiz, sorrindo.

João se lembrou, com orgulho da vingança. Lembrou-se de como pularam o muro da sorveteria. Entrar no prédio foi mais fácil, porque eles esqueceram uma janela aberta. Ele e Zé Luiz foram até onde os sorvetes eram fabricados, abriram os freezers e urinaram nos sorvetes que já estavam prontos.

— Foi legal... — disse João. — Será que eles venderam os sorvetes assim mesmo?

— Eu não sei... Só sei que nunca mais voltei lá, nem chupei mais sorvete daquela sorveteria... Ah, ah, ah...

## Capítulo 04

### PEQUENAS EXPERIÊNCIAS

---

— João, quanto você pegou? — gritou Zé Luiz.

João corria rápido, subindo a rua, em direção à casa abandonada.

— Eu não sei, eu não contei ainda... — respondeu João.

— João, espera por mim... — gritou Sandrinha.

Era uma garota que acompanhava João e Zé Luiz em suas maldades. Ela era muito útil para eles, porque, como vinha de família rica, nunca iriam suspeitar de que estava envolvida com os pequenos furtos que os dois praticavam.

— A Sandrinha foi muito esperta. Assustou-se lá no fundo da igreja, deu um grito e desmaiou, assim que acabou a missa. O dinheiro ainda estava em cima da mesa do padre. Todo mundo correu pra ver o que tinha acontecido e foi fácil pegar todo o dinheiro e vir ligeiro pra cá. Ninguém me viu.

— E ninguém suspeitou que eu estava só fingindo — disse Sandrinha.

Riram os três, contando quanto dinheiro haviam conseguido. João pegou o dinheiro e os três já haviam decidido com o quê iam gastar. Já fazia muito tempo que queriam experimentar maconha e agora era o momento. João pegou todo o dinheiro e foi direto ao bar onde estava o Alemão, o cara que ofereceu maconha para João, uma vez. Alemão sabia que estava conquistando um cliente e foi supercamarada. Pegou sua melhor erva e ensinou tudo a João. Como enrolar, como acender, a tragar, a segurar a fumaça, tudo.

— João, você vai se sentir o máximo.

João já era o máximo, mas tudo bem. Ele queria ser mais do que era. Pegou o embrulho, uns guardanapos na mesa e rumou para a casa abandonada. Encontrou Sandrinha e Zé Luiz se beijando.

— O que vocês estão fazendo? Parem já com isso... Chegou a erva! — brincou João.

João, com toda a prática que a natureza lhe ensinou, abriu o pacote, fez o cigarro, parecendo ser muito experiente.

— João. Parece que você já fumou isto — falou Sandrinha.

— Eu acho que levo jeito para maconheiro — falou João, brincando. — Mas, nunca usei. Uma vez quase usei, mas na hora agá, os caras acharam que eu era muito pequeno e não me deram.

— Acende logo, João — falou Zé Luiz.

João acendeu. Ele já havia fumado cigarro algumas vezes. Não se assustou com a primeira tragada. Mas foi rápido, com receio de ser diferente do cigarro. Passou para Zé Luiz, que fez o mesmo e passou para Sandrinha. Mais tarde, rindo à toa, eles pareciam ter descoberto o paraíso.

— João? — chamou Zé Luiz.

João não respondeu. Era como se estivesse viajando em seus pensamentos, longe...

— João? — gritou Zé Luiz. — Oi!

— Não me escutou?

— Tenho andado distraído...

— Como você está?

— Ainda estou confuso... Só que agora é diferente. Estou tão tranquilo e tão contente. Não sabia que era assim. É gostoso. E você?

— Estou tonto. Será que é normal?

— Eu também! — falou Sandrinha.

— É claro que é normal. — responde João. — É a primeira vez que a gente usa. Deve ser assim mesmo... Vamos fumar outro?

— Ah, eu não quero, não, João. — respondeu Zé Luiz. — Nós já fumamos dois.

— Eu também não. — falou Sandrinha.

João volta aos seus pensamentos. Estava longe. Estava lembrando do que havia vivido até ali. Já estava com doze anos e não tinha perspectivas de melhorar a vida.

— Sabe, Zé Luiz, estava pensando nas coisas que eu vejo na televisão. Será que é tudo verdade?

— Uma parte, é. Outra, não. O pessoal diz que tem um monte de coisa naquelas novelas que são falsas. São que nem os filmes. De mentirinha.

— Não... Isso eu sei — falou João. — Eu digo aquelas paisagens. Você já

foi na praia?

— Eu não! — disse Zé Luiz.

— Eu fui — falou Sandrinha. — Uma vez eu fui com minha família. Só não fomos mais porque meu pai só pensa em ganhar dinheiro. Não se preocupa em se divertir. Ele não vai nem deixa minha mãe ir sozinha...

— Um dia ainda vou ter uma casa na praia — disse João. — Vou acordar, andar descalço na areia. Molhar os pés na água. De tarde, quero descansar. Depois ir até a praia, ver se o vento ainda está forte. Vai ser bom subir nas pedras e deixar as ondas me acertarem.

E os três ficaram conversando sobre a praia, sobre os filmes, sobre televisão.

Já estava escurecendo quando Sandrinha resolveu ir embora. Tinha uma casa e tinha que dar satisfação de sua vida.

Os seus pais não a queriam metida em encrencas e nem de longe sonhavam com o envolvimento dela com aqueles dois.

— Tchau, vocês dois, eu vou pra casa. Depois a gente se vê...

Sandrinha piscou para João, deu um beijo no rosto de Zé Luiz e desceu a rua em direção à sua casa.

— João, sabe... Eu e a Sandrinha resolvemos namorar... O que você acha?

— Legal, Zé Luiz. Será que vai dar certo? — Por que não?

— Você sabe... Ela é rica; você, pobre. Ela, branca; você, negro.

— Porra, João! Você também é negro e pobre. Não está percebendo que está com preconceito?

João parou pra pensar no que disse. Foi como um murro no estômago. Realmente. Ele, negro e pobre, era o primeiro a ter preconceito. Estava sofrendo por antecipação.

— Você tem razão, Zé Luiz... — disse João. — Desculpe!

— Eu sei que vai ser difícil, João. Eu sei que nunca vamos poder nos declarar abertamente para cidade. Mas, nós podemos curtir um ao outro, por muito tempo. Eu gosto dela e ela gosta de mim. Acho que vai dar certo.

— Tomara que sim...

— E você, João? Com quem está saindo, agora?



— Nem te falo. Sabe a Cida, aquela loirinha lá da rua Quinze?

— Sei, João. Não vai me dizer que você...?

— Pois é... É o que sempre falo... Se você não tentar, não sabe o que pode acontecer... Eu fiquei a fim dela, falei pra uma amiga que queria falar com ela. Ela topou, cara! Marquei um encontro lá no fundo da escola, no domingo. Rolou uns beijos e depois, você nem sabe, mas de vez em quando estou dormindo na casa dela... Pulo a janela, de noite, é claro. Sem o pai dela ver...

— João. Você ainda tá com a mania de dormir na casas de suas namoradas?

— Por quê não?

— Quando o pai de uma menina dessas te pegar, você vai ver...

— Sai fora! Se eu pensar nisso, não vou fazer nada. Por falar nisso, daqui a pouco tenho que ir na casa dela.

— Quantas meninas você já comeu, João? — perguntou Zé Luiz.

— Olha, Zé Luiz, — respondeu João — um monte. Você sabia que quando a fama espalha, a gente não precisa mais procurar?

— É por isso que eu nunca saí com ninguém...

— É porque você é tímido. Lá no orfanato não tinha isso?

— Ah, tinha umas coisas, mas eram coisas de criança...

— Por quê você não tenta com a Sandrinha?

— Você acha que ela quer?

— Se eu te falar uma coisa, você não fica com raiva?

— Claro que não... — respondeu Zé Luiz.

— Eu já peguei a Sandrinha... — falou João.

— Até a Sandrinha?

— Como você acha que ela ficou minha amiga?

É, realmente, João, em relação a sexo, estava muitos passos à frente de Zé Luiz. E foi Zé Luiz quem perguntou:

— E como é que eu faço? Eu não sei nem como começar... Eu não quero passar vergonha...

— Zé Luiz. A gente já nasce sabendo. Quando você tiver beijando ela, deixa a mão escorregar um pouco e você vai perceber que ela vai te ajudar.

Eu conheço a Sandrinha...

E, como um professor, João vai falando o que deveria ser feito e o que não deveria. Zé Luiz escutava tudo atentamente, perguntando alguma coisa de vez em quando. Escureceu. Era preciso seguir a vida.

— João, amanhã é o grande dia. Vamos pegar o Maurício. Vamos descontar os murros que ele já nos deu. Chamei o Andrezinho e o Marquinhos para ajudar a gente.

— Legal. Eles toparam?

— Claro! Eles são corajosos que nem nós. Vamos deixar o Maurício esbagaçado.

— E como nós vamos fazer?

— Vamos, bem cedinho, nos encontrar lá no campinho. Quando ele descer a rua, a gente sai de trás do muro, lá da rua Inocência, aquele muro caído. O André e o Marquinhos saem por trás. Não vamos dar chance pra ele.

— E a que hora nós vamos? — perguntou João.

— Você vai dormir aonde, hoje?

— Vou dormir com a Cida, lembra?

— E a que hora você sai de lá?

— Ah, quando o sol bater na janela do quarto eu corro pra rua. Bem cedinho, sem ninguém ver...

— Então, aí você vai lá pro campinho e espera a gente.

— Beleza. Vamos descendo?

E desceram para a cidade. João foi para um lado esperar a hora certa de subir para o quarto da Cidinha, e Zé Luiz foi para o outro, tentar descolar um rango, como ele falava.

João ficou ali por perto, até que uma loirinha apareceu na janela, apagou e acendeu as luzes do seu quarto três vezes.

Esperou um pouco e apagou definitivamente.

João esperou um pouco, esgueirou-se e subiu no muro daquela casa. Com a habilidade natural que a vida lhe deu, foi fácil subir até a janela e pular para o lado de dentro.

Ninguém o viu, mas eles sempre esperavam um pouco para acenderem as luzes. Cidinha sempre guardava alguma coisa para João comer. Naquele

dia ela havia guardado um sanduíche caprichado de pão com presunto. Enorme. E um copo de suco de maracujá. Ela falava aos pais que iria comer o lanche no quarto. Os pais ficavam satisfeitos com a boa alimentação da filha.

João não sabia porquê, mas, naquele dia a sua fome estava muito maior. Ele não desconfiava que era a maconha que fazia aquilo. Comeu o sanduíche rapidamente e se tivesse mais dois, comeria ambos. Que delícia! Quem imaginou que ele viveria tão deliciosamente?

Depois, abraçar aquele corpo clarinho, que tanto contrastava com a sua negritude. Ficava muito excitado.

Tiveram uma noite maravilhosa.

Cida tinha catorze anos, mais velha do que João. Gostava muito de sexo. Transava já há algum tempo e achava maravilhoso. Fazia loucuras para realizar seus desejos sexuais. No momento, João a estava satisfazendo.

Dormiram abraçados naquela noite. Logo pela manhã João se esquivou do abraço de Cida e pulou a janela, para a rua. Foi para o campinho.

Era cedo ainda, mas logo chegou o Zé Luiz. Um pouco mais tarde chegaram o Andrezinho e o Marquinhos. Eles trouxeram dois pães com manteiga. Um para cada um. Eles sabiam conquistar uma amizade.

Estavam os quatro conversando, medindo pedaços de pau, para usarem, caso houvesse necessidade. Ouviram duas mulheres passando e comentando:

— É tão cedo e já são tantas crianças com armas na mão...

— Cruz credo... Vamos ligeiro!

Perceberam que estavam chamando a atenção, mas já estava chegando a hora. Separaram-se. Dois para cada lado. Lá no início da rua, viram Andrezinho levantando a mão, dando o sinal de que Maurício estava chegando. Maurício ainda estava sonolento quando começou a atravessar aquela rua, mas o susto que tomou quando João e Zé Luiz pularam na sua frente o fez acordar rapidamente.

— E agora, Maurício? O que você vai fazer? — falou Zé Luiz.

— Isso aí, Mané... E agora? — gritou João.

Maurício ainda tentou correr, voltando o caminho, mas percebeu que Andrezinho e Marquinhos já haviam fechado a passagem.

Foi uma surra feia, sem chance para Maurício. Apanhou tanto que ficou no chão, gemendo. Perdeu dois dentes...

Algumas pessoas acharam justo, já que Maurício era malcriado, briguento e tinha muitos problemas sociais. Outros acharam injusto, porque João e Zé Luiz também tinham seus problemas. E foram quatro contra um.

Apesar da opinião de todos, a família de Maurício tomou a decisão de mudar de cidade e recomeçar a vida na cidade vizinha.

Maurício nunca mais foi visto em Boa Vista. A justiça havia sido feita.

## Capítulo 05

### ENSINANDO AO PROFESSOR

---

O tempo passou e João já tinha quinze anos. A sua vida continuava igual. Não tinha perspectivas de um futuro melhor e percebia a discriminação em tudo quanto ia fazer. Sentia a má vontade das pessoas em ajudarem-no.

Entrou na escola, mas percebeu que sabia mais do que a maioria. Sempre foi preocupado em estar mais adiantado que os outros. Só não tinha paciência em ficar preso em uma sala de aula por horas e horas.

Já sabia ler e escrever, mas tinha muita coisa que não entendia. E uma grande maioria de lições foi aprendida na raça, na arte de viver a vida.

Estudava num desses cursos recuperativos. Formaria quatro períodos em um ano. Pensou que com isso poderia ainda melhorar alguma coisa em sua vida.

Sentia-se diferente, achava que a escola não era o seu lugar. A princípio não queria ir, mas, como não fazia nada o dia todo foi convencido pelos amigos.

Na escola não entendia essas coisas complicadas de matemática. Fórmulas e mais fórmulas que não sabia onde usar no dia-a-dia. Não sabia para que estudar história. Saber do passado? “Eu quero saber é daqui para frente. No máximo, uns dez anos atrás e já está bom demais” — dizia João, convencido de que estava certo. “O que eu quero saber de Egito, Roma...?”

Mas, o mais engraçado aconteceu em uma aula de português. João discutiu feio com o professor.

O professor estava ensinando verbos. O presente, o passado e o futuro.

João já sabia disso, afinal, isso a gente aprende no dia-a-dia. Mas, ele nunca falou “tu”, nem “vós”. para que aprender? Já estava ficando nervoso, quando o professor explicou:

— O tempo presente é o que está acontecendo agora. O futuro é o que vai acontecer ainda. E o tempo passado, é o que já aconteceu. Todos estes tempos tem divisões. Por exemplo, no passado, se você vai falar que fez uma

coisa, como se diz?

— Eu fiz... — responderam alguns alunos.

— Isso! E se você fosse fazer alguma coisa, mas por algum motivo não deu para fazer?

— Eu faria...? — gritou uma vozinha lá no fundo.

— Isso mesmo.

Foi nessa hora que João se levantou.

— Eu não aceito isso, não — falou João.

— O que foi, João? — perguntou o professor.

— Eu não aceito esse passado que você falou.

— Passado Imperfeito? Ou Pretérito Imperfeito? Por quê, João?

— Porque agora eu posso tomar a decisão, ou eu faço ou eu não faço, mas, no passado, já passou. Como eu posso falar que faria? Eu estou mentindo...

— João, isso é outra coisa... Nós estamos conjugando verbos...

— Mas, tem que ensinar direito. Acho que o imperfeito não participa do passado...

— João, você não pode agir assim... Sempre, em toda a minha carreira de professor eu ensinei assim, todos os professores ensinam assim, por quê isso de querer não aceitar?

— Por que eu não aceito... Posso? Acho que quem inventou isso fez uma jeito para termos uma desculpa do passado. “Sabe, eu não pude ir na sua casa... Eu iria, mas chegou alguém lá em casa... Desculpa.” Professor, simplesmente, o que aconteceu? Eu não fui na sua casa. Chegou alguém em casa e eu não fui. Iria? Pode ser verdade ou pode ser mentira... Não deveria fazer parte do nosso vocabulário...

Nisso, os outros alunos começaram a cochichar, uns concordando, outros discordando.

— Acho que a nossa acentuação também está errada — gritou alguém do meio dos alunos.

— E para que ficar colocando “esse” onde deve colocar “zê”.

— Parem com isso...! — gritou o professor.

Mas não tinha mais jeito. O caos estava formado. Criou-se um tumulto

que o professor não conseguiu mais controlar. Ele não teve mais como terminar a aula, naquele dia.

João foi chamado à diretoria. Foi suspenso por uma semana para aprender a não ficar criando polêmica na aula e incentivando os alunos a ficarem contra o professor.

Tão pouco João ia à escola e quando ia, aconteciam essas coisas. E tinha bom aproveitamento. Mas, neste dia, João resolveu não ir mais à escola.

Resolveu que deveria mudar o rumo de sua história, falar o seu português, e resolver os seus problemas...

João continuava amigo de Zé Luiz, mas a sua turma estava maior. Percebeu que muitos amigos estavam se aproximando, cada um com tipo de problema.

— Não sei o que é direito, só vejo preconceito — falou João para Zé Luiz.

— Eu também, João. Eu também. O que podemos fazer? O sistema é assim...

João, há algum tempo, passou a conversar mais sobre política com algumas pessoas influentes da cidade. Todas da oposição. João havia aprendido a entender alguns problemas sociais que ocorriam, como o que aconteceu com seu pai há alguns anos atrás.

— Ah! Sei lá... Acho que temos obrigação de fazer alguma coisa. Não podemos ficar sempre pensando só na gente. Eu acho que estou pegando um pouco daquele jeito do Robin Hood.

— Aquele do filme? — perguntou Zé Luiz.

— É... Estou achando que a gente deveria roubar dos ricos e dar para os pobres. — brincou João.

— Você tá brincando, né João?

— Claro que estou. Já é perigoso a gente pegar estas coisas baratas que a gente pega, imagina se nós começamos a roubar para os outros! Mas, acho que a gente tem que fazer alguma coisa.

João estava pensativo naqueles dias. Depois que abandonou a escola a sua mentalidade cresceu muito. Percebeu que com as palavras certas conseguiu fazer todos os alunos a seguirem seus comandos. Estava começando a se tornar um líder e não sabia.

— Zé Luiz. Apreendi a roubar para sobreviver. Apreendi o que era certo com a pessoa errada. Nada era como eu imaginava. Eu pensava na vida como uma brincadeira. Nunca levei nada tão a sério. Agora estou pensando em algo grande. Você topa participar de um negócio grande?

— O que é, João?

— Estou pensando em invadir o prédio da prefeitura, de noite, e escrever umas mensagens nas paredes. Sabe... Falar que a gente existe.

Zé Luiz era amigo de João até debaixo d'água. Ele nunca deixaria João fazer uma coisa dessas sozinho.

— João. Você é o meu melhor amigo. Nem sei desde quando estamos juntos. Vou com você até o fim do mundo. Você sabe disso. Mas que vai ser divertido, isso vai.

— Então, vamos preparar as coisas. Vamos fazer nossos planos. Imagine como seria se aceitássemos tudo o que nos mandam fazer? Seríamos como robôs. Nós seríamos aceitos no meio deles só se fizessemos o que mandam.

— Mas, aí não poderíamos fazer tudo o que quiséssemos.

— É isso aí, Zé Luiz. Vamos começar a modificar isso.

Era uma quarta-feira. João planejou entrar na loja de tintas, à noite, roubar umas cinco latinhas de spray e depois ir à prefeitura, pichar. Já tinham escrito o que iriam pichar, em um pedaço de papel. Tudo estava certo.

À noite, perto das onze, entraram na loja de tintas. Foi até fácil. Quebraram uma janela de vidro, destrancaram-na e entraram.

A cidade quase não tinha violência, nem roubos. O índice de arrombamento era mínimo, e quando ocorria algum roubo, geralmente eram coisas insignificantes, como o que estavam fazendo.

A população não vivia com medo como nas capitais.

Pegaram quatro latinhas de tinta spray, uma de cada cor. Saíram com cuidado e foram para a prefeitura. Sabiam que havia vigia noturno, que mais dormia que vigiava.

Mas, neste dia, a sorte não estava ao lado deles. O vigia viu quando eles entraram no prédio. Acionou a polícia da cidade, que chegou em dez minutos.



A polícia encontrou os dois marginais, mas eles já haviam pichado algumas paredes internas do prédio da prefeitura.

Quando foram levados para o carro de polícia, João percebeu que estava diferente. O ódio que ele sentiu durante toda a sua vida tinha mudado. Ele agora tinha ódio do sistema.

E mais ódio ele sentiu quando o prefeito o visitou no dia seguinte.

João e Zé Luiz estavam em uma cela da cadeia local. Esperavam que o prefeito os libertasse, já que não era uma coisa muito séria, afinal haviam pichado apenas a estátua do fundador da cidade, o cofre, e apenas três paredes.

O atentado de João repercutiu por toda a cidade, alguns contra, outros a favor. Falavam sobre o João, o filho de um bêbado, que perdeu a vida depois de ser enganado pelo prefeito da época, tio do atual prefeito. O prefeito havia mudado, mas o modo de governo ainda era o mesmo.

Falavam sobre Zé Luiz, um Zé ninguém, ex-morador do orfanato.

Falavam que, duas pessoas que não tinham eira nem beira tiveram uma atitude respeitável. Tentaram mandar uma mensagem que nem pessoas mais experientes teriam coragem.

O prefeito ficou com ciúme da repercussão do assunto. Ele sabia que, no futuro, teria problemas com eles.

Depois de verificar que nenhum dos dois tinha família poderosa, as quais pudessem prejudicá-lo politicamente, resolveu dar uma lição nos dois moleques.

Iria deixá-los presos alguns dias e depois os libertaria, humilhados e sem coragem para fazer outro ato daqueles.

Encontrou os dois sentados no chão da cela.

— Quer dizer que foram vocês dois os safados que picharam a minha prefeitura? — perguntou o prefeito. João levantou, abruptamente.

— Fui eu mesmo... Por quê? — respondeu, com ignorância.

— Seu desaforado, isto vai te custar caro...

— É assim que funciona, não é? Vai custar quanto? Como eu sou negro e pobre, provavelmente eu devo pagar sendo o seu escravo...

— Moleque atrevido. Você está enrascado e quer se encrencar mais

ainda?

— Encareado ficará você quando o povo perceber quantas falcatruas você anda fazendo... — disse João, sem saber direito o que falava, acompanhando o discurso da oposição.

— Moleque safado — disse o prefeito. E, virando-se para o delegado, ordenou:

— Mande este moleque para o reformatório, e este outro pode deixar dormir aqui uns dez dias, depois pode soltar. Virou a costa para João e ia saindo, quando este gritou:

— Um dia eu volto e vou te mostrar quem é safado, velho miserável. O prefeito não agüentou. Virou-se para João, furioso:

— Você não sabe o que está falando. Olha para você. Olha aonde você está, seu moleque. Você não vê que perdeu a guerra. Você não vê que sou eu quem manda aqui?

— Vocês venceram esta batalha. Quanto à guerra, vamos ver... — ainda gritou João, quando o prefeito já estava saindo. João estava humilhado. O que fazer? Tudo deu errado, desta vez. E onde foi que eles falharam?

João se agachou em um canto, colocando a cabeça entre as pernas. Zé Luiz percebeu que o amigo estava sofrendo demais.

— João, eu vou com você. Vou fazer confusão e vou com você...

— Não, Zé. É preciso você ficar aqui. Apenas me espere que um dia eu vou voltar.

— Mas, quanto tempo será que você vai ficar lá?

— Isto não importa. Fique aqui e faça alguma coisa para ajudar este povo explorado, estes coitados que são dominados e nem sabem disso. Igual foi meu pai, um dia.

— Mas, João, eu não sou igual a você. Eu durmo o dia inteiro, e aí, não é direito, porque quando escurece estou a fim de aprontar.

— Mas isso vai acabar. Você está se transformando. Eu percebo isso.

— Tudo bem, João. A partir de agora eu vou prestar mais atenção ao que acontece com o povo. Quando você voltar nós vamos lutar contra isso que está aí.

João estava contente. Havia conquistado mais do que um amigo.

Mas, no dia seguinte o tempo havia mudado radicalmente. Uma tempestade se aproximava.

— João, Deus mandou os seus anjos se despedirem de você.

— Obrigado, Zé. Espero que seja Deus.

— Pára com isso, João. Vai ser por pouco tempo e você estará de volta.

— Assim eu espero, meu irmão. Assim eu espero...

Mas João estava morrendo de medo do que iria acontecer naquela mudança.

Ele esperava que fosse uma coisa simples, mas estava com medo do que encontraria.

— Zé Luiz, lembra de quantos banhos de chuva a gente tomou?

— Foram tantos, né João!

— Andar a pé, na chuva, às vezes, eu me amarro — disse João.

— Eu gosto dos pingos da chuva, dos relâmpagos e dos trovões — disse Zé Luiz. E ficaram olhando a escuridão que se aproximava.

— Sabe, João. A tempestade que chega é da cor dos teus olhos.

João sabia o que Zé Luiz queria dizer. João também estava sozinho. Precisava de carinho, às vezes. Mas, sem família, quem poderia dar este carinho?

João percebeu que Zé Luiz não era mais um amigo. Era muito mais do que isso. Era o seu verdadeiro irmão. Era o irmão que nunca teve. E sabia que Zé Luiz também pensava assim.

— Zé, você será sempre o meu irmão. Onde eu estiver você será muito importante para mim.

— Você também, João. Eu gosto muito de você.

— Zé, eu preciso ter amigos, eu preciso ter dinheiro, eu preciso de carinho. E chorou.

Um choro silencioso, que Zé Luiz percebeu entrando em sua alma.

Era o choro de um herói. Um herói incompreendido.

Dali a pouco a sirene tocava, indicando que João estava sendo levado para o Reformatório.

A sirene anunciava para a cidade que o prefeito havia ganho mais uma briga.

**Era como se a sirene falasse: “Eu sou o prefeito, sou todo-poderoso e vocês devem me obedecer”.**

**Mas, João e Zé Luiz prometeram mudar essa voz.**

## Capítulo 06

### O REFORMATÓRIO

---

O reformatório não era como João imaginava. Era muito pior.

Ali dentro, presos, estavam os piores elementos da região. Estavam juntos, bandidos, ladrões e traficantes. E todos eles com idade menor de dezoito anos.

João, quando chegou, foi motivo de chacota por parte dos mais velhos. Passou por diversos tipos de iniciação, que o humilhavam e o feriam internamente. Eram cascudos, pontapés e murros que pretendiam mostrar quem é que mandava no pedaço.

João resistiu bravamente, a princípio, mas foi cedendo à humilhação e não reagia como no início. Isolou-se em um cantinho e tentava fugir dos outros moleques.

Pressionaram João por dinheiro, comida, cigarro ou outras coisas. Insistiram que ele deveria mandar os parentes trazer essas coisas para ele, mas, depois dele insistir que não tinha parentes, que era órfão, os outros moleques foram cedendo à pressão. Afinal, sempre quem chegava naquele lugar era miserável mesmo.

Depois de uma semana, João já havia se acostumado e até participava de algumas brincadeiras. Havia um grupo novo no qual ele se infiltrou.

Esse grupo de cinco moleques estava isolado dos outros, mas foi a forma deles se prevenirem contra algum ataque.

Na prática, aprenderam que a união faz a força.

Nesse grupo tinha o Guto e o Neco, amigos, da cidade vizinha, que roubavam pequenos comércios. O Grilo foi preso depois de matar um aposentado, atrás de algum dinheiro. O Bernardo era grande, forte, e foi preso por realizar pequenos furtos.

Juntos com João, formaram um grupo, mas que não tinha nenhum tipo de poder. Sabiam que os mais velhos mandavam e desmandavam. Eles não eram burros a ponto de tentarem algum tipo de heroísmo e depois receberem algum castigo.

Desse grupo, apenas Guto recebeu visita na quarta-feira. Era uma garota bonita, que ficou com ele em uma sala separada, onde havia grande quantidade de vigias. Eles não permitiram a entrada da garota porque sabiam que não seria bom para o restante dos detentos, principalmente por Guto ser recém prisioneiro.

João sentiu inveja. Não tinha ninguém que se preocupasse por ele. Mas, ao invés de sentir tristeza, era como se estivesse brotando um outro sentimento dentro dele.

A sua revolta era maior. A vida não havia dado chance a João, o prefeito não teve decência e agora estava pronto a ser pior do que era. Afinal, más companhias não faltavam. O ódio aumentava dia após dia dentro de João.

No sábado, Guto se encostou a João, e sussurrou algumas palavras:

— João, estive andando por aí e escutei uns papos que me assustaram.

— O que foi, Guto? — perguntou João.

— Estava passando por um lugar e vi dois caras conversando que estavam a fim de te pegar. Parece que não vai ser só na porrada...

João assustou-se:

— E vai ser o quê?

— João, os caras querem te fazer de mulherzinha... Os caras falavam em te comer!

João ficou branco. Não tinha pensado que seria fácil, mas já havia dez dias que estava ali e não pensava que os outros moleques ainda pensavam em molestá-lo. Afinal, já haviam parado com a mania de dar cascudos e chutes neles.

— Quem foram os caras, Guto? — perguntou João.

— Olha, João, desculpa, mas eu não sei quem eram. Você sabe, eu tava andando e só ouvi o papo. Se eu fico olhando, você imagina o que os caras não iam fazer comigo.

João sabia. Ele também não encarava ninguém. Não era por medo, mas por respeito. Sabia que no momento, era o melhor a fazer.

— Guto, eu não sei por que isso. Todo mundo aqui é gente ruim. Todo mundo aqui tem um crime para pagar. para quê essa mania de querer ser melhor do que o outro?

— Eu sei, João. Eu também não entendo.

— Valeu, Guto, obrigado por me falar. Eu vou tomar mais cuidado.

A partir daquela noite João dormiu diferente. Acordava por qualquer coisa, qualquer barulho. Tinha conseguido um cantinho onde pudesse dormir. Não tinha colchão, que eram só para os mais velhos. Estendia algumas roupas no chão e dormia sobre elas.

Passaram-se cinco dias que Guto havia falado aquilo e João já estava achando que nada ia acontecer. Começou a relaxar aos poucos, entrando na vida normal do reformatório.

Estava lavando as suas poucas roupas num canto do prédio, quando percebeu um grupo de moleques se aproximando. Estava numa espécie de corredor e não tinha como fugir para frente. Atrás havia a parede que terminava o prédio. Não havia chance para escapar. João já pensava na luta que teria para não permitir a humilhação que o esperava.

O líder daquele grupo era o Roger. João já o conhecia e sabia que ele era violento. Não podia dar moleza para ele, mas sabia que Roger o espancaria até a morte, caso fosse necessário.

Roger era o líder dos Anjos, grupo radical de dentro do reformatório. Eram violentos, e já haviam até cometido crimes dentro da prisão. O grupo rival, os Beatos, era menos violento, mas os dois grupos não se bicavam. João, nestes poucos dias que estava ali, já havia presenciado algumas brigas entre membros das duas gangues.

— João? — disse Roger. — O seu nome é João, né? João se assustou, pronto para sair no tapa.

— É — respondeu João, com determinação.

— Eu sou o Roger. Você já me conhece, né? Você sabe que sou eu quem manda neste reformatório?

João ficou calado. Não sabia o que falar. Se falasse que sim, poderia ser considerado fraco, puxa-saco. Se falasse que não, poderia ser compreendido como um membro dos Beatos.

— João, você nunca participou de nada no prédio. Nunca deu dinheiro, nem cigarro, nunca brigou e fica aí pelos cantos. Então, João, a gente resolveu te dar uma moral.

João percebeu que um dos moleques tinha um estilete em uma das mãos. Outro trazia um soco inglês, que o machucaria, com certeza, caso fosse lhe acertado um murro.

— Nós sabemos que você não é mulherzinha, mas resolvemos te dar uma chance de escapar do que preparamos para você. A gente não gosta de machucar ninguém que não fez mal para gente, mas, você precisa tomar uma decisão. Ou você entra na nossa turma, ou vai para o lado de lá. E aí, nós vamos passar a dar umas porradas em você...

João sabia o que ele queria dizer. Roger estava intimando-o a tomar uma decisão e não ficar em cima do muro.

— Pois é, mano — falou o outro rapaz. — Eu sou o Becão. Antes era famoso por entrar nas casas, pelo telhado. Agora sou famoso por não ter dó de matar um cara. Sacou?

Becão estava com o estilete na mão.

— Aqui tem muito bandido. Ninguém liga se morrerem alguns — falou o outro moleque. — Eu sou o Geraldo.

— E eu sou o Neto. Tô aqui há um ano e meio.

João percebeu que a turma não queria molestá-lo. Apenas queriam que João ficasse por dentro do que estava acontecendo. Sabiam que se não apertassem João, ele poderia partir para a turma dos Beatos.

— E eu sou o João — afinal, João falou. — Eu vim de Boa Vista.

— Boa Vista? E em Boa Vista tem bandido? Nunca ouvi falar...

João se lembrou do Zé Luiz, e do prefeito que o havia mandado para aquele lugar.

— Pois é, cara. Eu caí numa cilada. Mas não vou ficar aqui muito tempo, não.

Os caras ficaram por ali, até que João entendeu o que estava acontecendo. Ele era muito ingênuo. Os caras não estavam interessados em João, como eles disseram. Estavam conversando, dando um tempo, até que sobrou a grande chance para o que eles realmente estavam querendo.

De repente, alguém foi empurrado para dentro daquele corredor. Era Chico Doido, membro dos Beatos. Enquanto eles estavam conversando com João, outros dois caras da gangue de Roger estavam cercando Chico, que



estava ali por perto. Os outros rapazes na entrada do corredor eram da gangue de Roger, também.

Foi só uma facada. Fatal. Estavam a uns dez metros de João. O grito de Chico foi terrível. Ainda algum tempo depois, João se lembraria daquele grito.

O próprio Roger havia dado a facada. Ele se voltou para João, entregou o estilete em sua mão e disse:

— Pronto, neguinho, agora tá com você. Agora nós vamos te conhecer.

Pouco depois chegavam os agentes. Deduziram logo que havia sido uma briga de João e Chico, e que João havia levado vantagem.

João se calou. Não falou nada nem quando foi transferido para a solitária. Um quartinho sem janela, sem cama, sem nada. João foi deixado lá durante trinta dias. Quando saiu, estava muito debilitado. Mas, havia crescido sua moral.

Para quem não sabia do fato, foi João quem matou o Chico. Os Beatos estavam prontos para pegar João. E os Anjos estavam apoiando-o.

João recuperou-se aos poucos. Já fazia quase três meses que ele estava preso, quando recebeu a visita de Zé Luiz.

A emoção foi enorme. Lembrava-se com carinho do seu irmão. Não o considerava mais como um amigo, mas sim como um irmão.

— Desculpa, João, não ter vindo antes. Mas, eu tinha medo de como te encontraria aqui dentro. Você sabe que a gente escuta umas conversas.

— Que nada, Zé. No começo é fogo. Mas, depois, vai se enturmando. Aqui não é lugar para ninguém, nem para o pior bandido, mas, você sabe como eu cresci. Morava na rua, não tinha mordomia e sempre vivi sozinho. Aqui não é muito diferente, cara.

— Mas, João, e a violência. A gente sabe que nesses lugares têm uns caras que sempre mandam mais.

— Ah, isso tem, Zé. Aprontaram uma para mim que eu to levando a fama até hoje.

— O que foi, João. Saiu o comentário lá em Boa Vista que você tinha feito uma besteira, aqui dentro.

— O que falam por lá, Zé.

— Ah... Falam que você matou um cara... — falou Zé Luiz.

— Então, mano, o que aconteceu foi o seguinte. Os caras aprontaram para cima do Chico e jogaram o material na minha mão. Eu tinha que agüentar a fama senão tava fudido.

— Como assim, João — perguntou Zé Luiz, observando que João agora falava cheio de gírias.

— Ou eu assumia que matei o cara, ou eles me matavam. Fiquei preso na solitária um bocado de dias. Zé, você tinha que ouvir o grito do cara quando os caras enfiaram aquele estilete no peito dele.

— Foi alto, João?

— Ô, se foi... Foi um grito para acordar todo mundo em uma casa.

— Tão alto assim?

— Vou te falar uma coisa. O grito acordaria não só o pessoal da casa, mas toda a vizinhança. João mudou de assunto:

— E como estão as coisas lá em Boa Vista?

— Olha, João, depois que você veio para cá eu fiquei meio perdido. Agora estou começando a fazer umas amizades com o pessoal da política. Estou tentando aprender umas coisas diferentes, igual você falou... João, estou ficando sabendo cada coisa do prefeito...

— Zé, vai aprendendo essas coisas... Depois que eu sair daqui, nós vamos aprontar para cima daquele prefeito... E seguiram conversando até o final da visita.

Foi com tristeza que Zé Luiz foi embora. Mas, ele estava satisfeito em ter visto o seu amigo com saúde, e, apesar de tudo, com coragem de recomeçar a vida.

E a vida no reformatório seguia assim. João se enturmando cada vez mais. Participava de jogos, brincadeiras e festinhas com a turma dos Anjos. O cuidado com os Beatos crescia a cada dia. Escutava os rumores de que estava com os dias contados, mas ele sabia que se andasse em turma, não daria chance aos Beatos.

O Guto continuava seu amigo. Apesar de não ser tão influente, ele estava do lado dos Anjos. Talvez mais por medo do que por outra coisa.

Sua namorada o visitava de vez em quando. Agora era mais livre e ela

até circulava perto da entrada do reformatório.

O futebol era o esporte mais praticado naquele ambiente. Havia uma quadra central, onde os detentos faziam times e jogavam suas peladas. Por incrível que pareça, no futebol não havia nenhum tipo de violência. É claro que havia separação entre as gangues. Não havia jogo entre membros de gangues rivais.

Havia os baralhos, os dominós, os dados.

Zé Luiz visitava João, periodicamente, e levava alguns presentes. Algumas frutas, algum cigarro, coisas assim. João comia o que dava. Passou a fumar bem mais do que antigamente. Um pouco do dinheiro que Zé Luiz levava, ele comprava cigarro, quando faltava, e jogava.

E foi num dia de jogo que aconteceu a coisa mais séria de todo o tempo que ele passou na prisão.

Estavam reunidos alguns moleques jogando dados. Estavam o João, o Roger, o Guto, e outros membros dos Anjos.

João percebeu que a amizade entre Guto e Roger havia aumentado. Estavam bem unidos, ultimamente.

A aposta estava ficando cada vez mais alta, e João até tinha ganhado algum dinheiro. De repente, Roger assumiu o jogo. Começou a jogar, apenas ele, o dado. Sempre era Roger que dava o dado e ele mesmo que jogava, quando era sua vez.

João começou a perder sempre. Quando ganhava uma rodada, perdia dez em seguida. O seu dinheiro começou a ir embora.

João percebeu que Roger sempre ganhava com um número certo de pontos. Sempre quando ele jogava, os seus pontos mudavam, mas quando Roger jogava os seus pontos sempre eram os mesmos. Sempre dava cinco pontos.

Sempre caia o cinco para cima.

— Esse dado está viciado! — gritou João.

Roger apelou. Havia bebido um pouco e havia cheirado cocaína. Não estava nada bem. João percebeu isso, mas também havia bebido um pouco e não agüentou.

— Esse dado está viciado! — repetiu.

— Por quê você fala isso, João? — perguntou Roger.

— Porque só dá o mesmo número de pontos para você...

— É? Então vamos ver... — e Roger jogou o dado. O dado rolou. Deu dois.

Pegou, jogou de novo. Deu quatro.

— Olha aí, palhaço. O que está viciado? — gritou Roger.

João não agüentou e bateu nas mãos de Roger. Caiu um dado no chão, com o número cinco para cima.

— Isso aí, cara, eu sabia que estava sendo roubado... — gritou João. E saiu para cima de Roger.

Os outros membros da gangue separaram a briga e sabiam que o negócio ia ferver. Aquilo não ia ficar assim. Tinha certeza de que um dos dois faria alguma coisa contra o outro. Mas, Roger era o líder, sabiam que ele sairia vencedor. João também ficou receoso de como ficaria a situação. Foi ao banheiro e resolveu tomar um banho. Guto foi com ele.

— Você viu, Guto, que sacanagem?

— Vi, João. Aquilo não se faz... Muito menos com um amigo, um cara da turma... — falou Guto.

João tirou sua roupa e entrou no chuveiro. Nem percebeu que Guto havia feito a mesma coisa.

João estava falando alto, reclamando de como ficariam as coisas dali para frente, e nem percebeu que Guto se aproximava cada vez mais. De repente, sentiu uma mão pegando em seu pênis.

— O que é isso, Guto? — gritou João, se afastando.

— Qual é, João? Só estou querendo te acalmar — falou carinhosamente, Guto.

— Eu não preciso desse tipo de carinho, cara. Sai para lá, viado.

— Que é isso, João. Pára com frescura, vem cá que eu quero fazer uma coisa gostosa contigo.

— Porra, Guto, não sabia que você era viado.

— Olha, João. Não vamos falar sobre isso. Vem cá, vem...

— E sua namorada, cara, eu vi você com sua namorada...

— Pois é, João. Eu gosto de meninas e meninos...

E João empurrou o Guto, que escorregou e caiu. Guto levantou-se com raiva. Não gostava de ser rejeitado. Até o Roger sabia dar valor aos seus desejos femininos, por que João, esse coitado, não aceitaria.

Guto levantou e agarrou-se, com raiva a João. Os dois tinham corpos iguais. Eram da mesma altura, e João levava alguma vantagem na musculatura, mas havia dez meses que estava preso, e havia perdido um pouco da força.

Mesmo assim, João conseguiu acertar um murro em Guto. Este se levantou e enfrentou João. Desta vez havia se transformado novamente em macho. Armou as mãos na direção de João e tentou acertar-lhe um soco.

Estavam no banheiro, nus. O murro de Guto não acertou, mas o de João foi fatal. Acertou em cheio a boca de Guto, que escorregou para trás, caindo e batendo a nuca no vaso sanitário. A batida foi tão violenta que o vaso sanitário se quebrou.

O sangue escorreu na hora. Guto ficou imóvel.

João não esperou para ver o que aconteceu. Vestiu sua bermuda e saiu rapidamente, ao mesmo tempo em que vinham chegando os primeiros curiosos. Rapidamente a notícia havia se espalhado: João havia matado o Guto.

Na verdade, quando Guto caiu, a batida em sua nuca foi fatal. Havia morrido na queda.

A diretora do presídio recebeu a notícia:

— Dona Vânia, mataram um moleque...

— Merda... Nem bem eu cheguei e já acontece isso...

Dona Vânia, a nova diretora, era linha dura. Autorizara a violência como prevenção. Autorizara aos seus funcionários a serem mais duros do que já eram. E foi ela, mesma, avaliar o que havia acontecido.

— Dona Vânia, não sabemos o que aconteceu, mas pegamos esses moleques que estavam aqui perto, se você quiser falar com algum deles.

Ela encarou um a um os moleques que estavam ali. João estava entre eles. Já havia secado os seus cabelos, e se ninguém o dedurasse, não haveria de forma alguma a possibilidade de Dona Vânia descobrir alguma coisa. Ela, com doze anos de experiência em diretoria de outros reformatórios, sabia

como agir.

— Você aí, por quê você bateu neste rapaz? — falou Dona Vânia, apontando para Roger.

— Sai de mim. Eu não encostei o dedo nesse mané... — se defendeu o Roger.

Dona Vânia já conhecia a fama de Roger e suspeitou dele logo que soube o que aconteceu.

— Tem uma pessoa que me falou que você bateu nesse cara.

Nisso, Os moleques que estavam na frente de Roger foram abrindo o caminho e ele ficou cara a cara com Dona Vânia.

— Olha, diretora, se alguém falou alguma coisa aqui, para senhora, é um grande mentiroso. E eu vou falar uma coisa para senhora. Se um dia eu bater em alguém, eu mesmo serei o primeiro a falar. Olha lá na minha ficha se eu já fiz mal para alguém, aqui.

Realmente, na ficha de Roger não tinha nada. Tudo o que acontecia com ele, os laranjas, os outros moleques de sua gangue, é que acabavam assumindo os crimes.

— E você, moleque. O que você fez? — virou-se de repente para João.

— Eu simplesmente encostei aqui porque vi o pessoal chegando. Não sei de nada do que aconteceu. Dona Vânia virou-se para o Guto, que ainda estava estendido no chão... Depois se virou para os moleques:

— Eu sou a nova diretora desse lugar. E agora, ou vai ou racha. Vou dar um castigo em vocês. Você, você e você. Venham aqui.

Escolheu João e mais dois moleques. Deixou o Roger. Virando-se para os agentes, falou:

— Levem estes três para a solitária, até que eu descubra quem matou este sujeito. Ou então, até que alguém resolva me falar o que aconteceu aqui.

E pegou na mão de João, puxando-o:

— Tire suas mãos de mim... — gritou João. — Não sou escravo de ninguém. Eu vou sozinho. Eu tenho pernas e sei o que tenho que fazer. Não precisa ficar me empurrando.

Dona Vânia ficou surpresa com a personalidade daquele garoto. No primeiro encontro com a diretora e ele já a tratava assim. Deveria ficar de

olho nele.

João e os outros dois foram para a solitária. Cada um em uma cela separada. E foi bom para João, porque nove dias após sua prisão, houve uma grande rebelião no reformatório.

Tudo começou com uma briga entre as gangues dos Anjos e dos Beatos. Roger havia aproveitado outra distração dos Beatos e havia esfaqueado mais um membro deles, só que este não morreu. E desta vez, os Beatos estavam atentos.

Assim que perceberam o que estava acontecendo, os membros dos Beatos se armaram e partiram para cima dos Anjos, que estavam no corredor. No mesmo corredor que aconteceu o acidente com João.

Houve um confronto muito poderoso. As armas não eram muitas, mas, pelo menos alguns estiletes de cada lado podiam ser contados.

A todo o momento chegava reforço das gangues. Dois moleques já estavam deitados, machucados, quando chegaram os agentes do reformatório. Houve confronto entre os moleques e os agentes, que recuaram.

Não se sabe de onde, começaram a surgir os pequenos focos de incêndio. As celas começaram a ser incendiadas, os colchões, as roupas, e o caos estava se formando.

Os moleques estavam inflamados. Pegavam pedaços de paus, incendiados e ficavam brincando nos telhados, na quadra. Havia uma grande farra. A bebida e a droga havia sido liberada pelos líderes das gangues.

— Eu vou acertar... — disse um detento, jogando um pedaço de pau pegando fogo em outro moleque. Este se afastou e atirou uma pedra no outro.

A violência continuava forte.

Um moleque apareceu com querosene, jogando pelas celas, fazendo com que o incêndio aumentasse extraordinariamente.

Outro pegou um pouco de querosene e brincou:

— Olha o sopro do dragão — gritou, enquanto cuspiu querosene em um pedaço de pau, com fogo na ponta, como faziam no circo.

Outros imitaram-no. Afinal, estavam exaltados demais, se divertindo.

Nem percebiam que estavam sendo usados para que uma pequena turma tirasse proveito disso tudo.

De repente ouve-se um grande estrondo. Havia explodido uma bomba em uma das paredes do prédio. Enquanto alguns moleques estavam fazendo tumulto de um lado do reformatório, os líderes estavam fugindo pelo outro.

Quando o reforço policial chegou, muitos moleques já haviam fugido. A rebelião foi controlada rapidamente pela tropa de choque.

Conseguiram capturar uma parte de fugitivos, mas uma outra grande parte de detentos conseguiu fugir, inclusive Roger.

João foi solto da solitária após ter sido controlada a rebelião. No início estava uma verdadeira destruição, mas, mesmo assim, os menores ficaram no reformatório.

Nessa época, o prefeito de Boa Vista estava começando um ano eleitoral. Era a campanha para deputado. Dali a dois anos teria a campanha eleitoral para prefeito. Ele havia começado a se preocupar em se tornar bonzinho junto aos olhos do povo, do seu eleitorado.

Fez um grande discurso, e anunciou que havia conversado com João, que havia se arrependido do que fizera. E o prefeito resolveu mandar soltar o menino.

E assim foi feito. Com a influência que o prefeito tinha junto ao governador, por ter uma grande quantidade de eleitores sob cabresto, o prefeito conseguiu a liberação de João.

Foi uma farra na cidade. O prefeito falou sobre a reabilitação dos jovens delinqüentes, falando sobre como aquele menino poderia ser dali para frente.

Só que o prefeito não sabia que João estava pior do que antes. Havia passado muitos momentos de ódio e, inclusive, matou uma pessoa. Aquilo, dentro de João, havia confundido todos os seus sentimentos. Ao mesmo tempo em que tinha pena de Guto, tinha ódio da vida, de ter nascido da forma que nasceu. Tinha ódio do sistema, e percebia que havia muita coisa a recuperar.



## Capítulo 07

# JOÃO ENTRA NA POLÍTICA

---

João, a princípio, aceitou que o prefeito estivesse fazendo campanha sobre a sua situação miserável. Ele não desmentiu que havia pedido desculpas ao prefeito, muito menos que estava arrependido de ter feito as pichações.

Foi até bom para João, pois este começou a ser aceito em alguns estabelecimentos que antes não freqüentava.

Conseguiu até um emprego como balconista na loja de materiais de construção da cidade. O dono da loja, Seu Raul, era da oposição, e pretendia sair candidato a prefeito no próximo processo eleitoral.

Além de dar uma ajuda a João, ele conhecia o potencial que aquele rapaz tinha. Sabia que podia ser muito útil ao seu lado.

João estava bem. Já tinha completado dezesseis anos e estava mudando sua visão do futuro. Sabia que devia ter algum sentido por qual batalhar. Percebia, cada vez mais, as manobras eleitorais que todos faziam, tanto o prefeito e seus asseclas, quanto o próprio senhor Raul e seus amigos. Ele percebia que nem todo mundo era santo, e que o sistema era diferente do que ele queria.

Continuava amigo de Zé Luiz, e se encontravam quase todos os dias. Zé Luiz continuava atento às mudanças políticas de João e às suas próprias, também. Depois de prometer ao João que ficaria atento a isto, desenvolveu algumas afinidades com a política.

Conversava muito com pessoas influentes e falava bastante sobre política. Preferia a oposição, que tinha um discurso mais eloqüente, condizente com o que ele pensava.

E, cada vez mais, ele e João trocavam idéias políticas.

— Sabe, João, estava pensando estes dias. Não tenho mais aquela ambição pelo crime. Acho que deveria mudar meu modo de viver. Acho que vou tentar ser mais útil do que sempre fui.

— Eu também, Zé. Só que não estou entendendo nada desse pessoal que

está aí. Sabe, cara, comecei a perceber que política é um jogo de interesse. Estou com medo de fazer uma escolha errada.

— É, João, eu já pensei nisso. Quando eu vejo o prefeito falando em ajudar as pessoas, fico esperançoso, mas depois, quando o vejo explorando o mesmo povo fico em dúvida. A mesma coisa acontece com o Seu Raul.

— Seu Raul é legal, não é igual a esses caras aí. Se ele sair candidato eu vou fazer campanha para ele.

— Eu acho que Seu Raul é melhor do que o prefeito, mas não sei se ele é a salvação, entendeu.

— O que eu penso — falou João — é que o prefeito é muito mentiroso. Um dia pretendo tentar descobrir porque é mais forte quem sabe mentir.

— Sei lá, João. E se Seu Raul também estiver mentindo?

— Só vamos ter certeza disso quando ele estiver no poder. Uma vez eu li numa revista que para saber quem é a pessoa, basta dar responsabilidades para ela.

— João, estou com você. Por quê você não se candidata? — brincou Zé Luiz. — Aproveita que você tá cheio de moral.

— Ah, vai catar lata... — respondeu, brincando, João, empurrando o Zé Luiz. — Deixa eu varrer o ponto, senão daqui a pouco eu vou ser despedido por ficar aqui conversando com você.

— Ah, João, esqueci de te falar. Amanhã eu começo a trabalhar lá no posto de gasolina. Vou lavar os carros.

— Que legal.

— E o melhor, João, é que o Marcelo vai deixar eu dormir naquele quartinho que tem lá no fundo. Tem até uma cama, lá. Vou ter casa... — brincou Zé Luiz.

E ficaram brincando sobre o momento deles. Os dois estavam mudando, estavam ficando adultos e não percebiam isso.

O tempo passava e João mergulhava cada vez mais na política. Formou uma boa amizade com Seu Raul, que se impressionava com a facilidade de pensamento de João. Rapidamente ele captava as mensagens e conseguia entender recados que outras pessoas não conseguiam.

Com isso, foi permitindo a João se aprofundar nas suas decisões

políticas.

— João, estou indeciso se devo me candidatar a prefeito... O que você acha? — perguntou Seu Raul, testando João.

— Bem, Seu Raul. Eu aprendi a confiar no senhor, nesses meses que estou trabalhando aqui. Acho que o pensamento do senhor é bom para a cidade. Se o senhor fizer o que fala, acho que será um ótimo prefeito.

— Você acha, João?

— Bem melhor do que este que está aí, com certeza! — brincou João.

— É, João, para ser igual ao Manuel, eu prefiro nem tentar me eleger.

Manuel era o atual prefeito que estava saindo candidato a reeleição, e estava muito forte na campanha. Todos sabiam que ele era desonesto, que roubava bastante, mas, fazia algumas obras, dava bastante assistência social e isso era o que bastava para calar a boca daquele povo.

Era um povo ingênuo, apesar de toda evolução política do país, e ainda era um povo preocupado em ganhar as coisas. Era muito comum presenciar o comentário de pessoas falando o que ganhavam para poder votar em determinado candidato.

E mesmo assim, ainda eram fiéis à palavra de que votariam, sim, naquele que os ajudou.

— Seu Raul, o que eu percebo desse povo, é que eles não pensam. Acham que o prefeito é honesto, é bom, e por ganhar qualquer coisinha, já votam nele e em quem ele indicar.

— João. Você já pensou em sair candidato? Por que você não entra na eleição? Você podia sair para vereador... — perguntou Seu Raul.

— Ainda não, Seu Raul. Ainda estou aprendendo. Acho que falta muita coisa para eu ser um bom candidato. Mas, pode ter certeza, eu vou participar desta campanha para prefeito. Se o senhor entrar, eu vou estar lá na frente, tentando conscientizar o povo de que o senhor é a melhor alternativa.

— Obrigado, João. Acho que depois desta, não tem outro jeito. Eu vou sair candidato, mesmo. E se prepare, João, porque eu vou precisar de muita gente inteligente do meu lado.

— Quem pensa por si mesmo é livre, e ser livre é uma coisa muito séria. Eu acho que o senhor deve batalhar para libertar esse povo do coronelismo

que existe aí. O senhor deve mostrar para esse povo que não se pode olhar para trás sem se aprender alguma coisa para o futuro.

Seu Raul estava satisfeito. Seu funcionário tinha aprendido bastante sobre a política. Ele conseguira mais uma pessoa para batalhar pela mudança de Boa Vista.

E o dia da eleição estava chegando. João participava de comícios, de entrega de folhetos, de visitas a casas dos moradores, de palestras em escolas, e assim por diante. Aprendeu a falar para as pessoas, sendo simples como era, e aproveitando o seu passado pobre, demonstrava um sentimento de esperança ao povo. Além de tudo, sempre lembrava do que havia acontecido com seu pai. A política era um vício e ele estava gostando.

João formou um grupo de rapazes como ele, que iriam trabalhar juntos na política. Seu Raul liberou João do trabalho para que ele trabalhasse apenas na campanha.

Zé Luiz participava ativamente deste grupo. Na ausência de João, era Zé Luiz quem tomava as decisões.

Mas, no dia a dia era que aprendiam as dificuldades da política em uma cidade pequena. Enquanto conscientizavam algumas pessoas, em uma determinada semana, na seguinte percebiam que as mesmas pessoas estavam à porta da casa do prefeito, atrás de alguma ajuda.

O grupo político de João estava reunido no salão do comitê do partido de Seu Raul. Conversavam seriamente.

— Olha, gente — falou João — eu achava que seria mais fácil do que está sendo, mas estamos reunidos hoje aqui para decidirmos algumas coisas. Do jeito que as coisas estão caminhando, o seu Manuel vai ganhar a eleição facilmente. Começou um cochicho entre os rapazes.

— Então, olha! Todos nós somos jovens e temos quase a mesma idade. Falta pouco tempo para eu fazer dezoito anos. Acho que devemos desenvolver um trabalho bem sério junto aos jovens da cidade. Se a gente atacar mesmo, debatendo com os jovens os problemas que eles têm, fazendo reuniões, discursos, tentando captar as carências dos jovens, iremos cativá-los para votar em Seu Raul. O que você acham? — perguntou João.

Novamente começou um cochicho entre alguns jovens, que

demonstrava alguma insegurança a respeito do que ele falava.

Zé Luiz se levantou.

— Eu estou percebendo que, entre nós, alguns não estão ligando tanto para política como eu. Acho que, primeiro, precisamos nos preocupar em ter o mesmo objetivo.

— Concordo — gritou Zeca. — Também acho que estamos precisando de mais incentivo. Que tal pedir ao Seu Raul um salário para nós, para podermos trabalhar com mais ânimo.

— Porra, Zeca — gritou João. — Nós estamos falando em política verdadeira, em mudança de mentalidade. Não estamos falando de Seu Raul...

— Mas, João, nós não estamos fazendo campanha para o Seu Raul? — perguntou o Zeca.

— Zeca, preste atenção. Se Seu Raul não fosse o candidato, e tivesse outro candidato que tivesse o pensamento que ele tem, que é mudar as coisas, acabar com o roubo, desenvolver a cidade, quem você iria apoiar? O candidato que tivesse um ideal, mas que não tivesse dinheiro e que não nos pagasse, ou o candidato corrupto, mas que pagasse um salário para você?

— Olha, João... Eu não sei... Eu preciso ganhar algum dinheiro para viver... Não sei, não... — falou Zeca.

Foi um choque em João. Não achava que alguém do grupo poderia ter a mentalidade que todo o resto da cidade tinha. Achava que todos os jovens estavam conscientes da necessidade de ter no poder um prefeito inteligente, um prefeito disposto a mudar as coisas, e não um prefeito preocupado com o seu próprio sustento.

— Mas, Zeca, você não se preocupa com o futuro da cidade?

— O que é que eu tenho a ver com isso? E se a cidade tiver futuro e eu não tiver? — respondeu Zeca.

— Zeca... Se a cidade tiver futuro, você também vai ter. Se o prefeito trouxer fábricas para cá, aumentar o saneamento, melhorar a distribuição da renda da cidade, e outras coisas, você também sairá ganhando. De que adianta você ganhar salário dois, três meses, e depois passar mais quatro anos desempregado?

Zeca ficou calado. Havia cansado de discutir.

Os outros membros da reunião estavam calados. Foi Zé Luiz quem quebrou o silêncio.

— Vamos deixar isso para outra hora. Só faltam três meses para a eleição. Se ficarmos discutindo, daqui a pouco não vamos ter feito nada. — E perguntou: — João, aquela palestra na escola foi autorizada?

João estava chocado. De repente, como de um tranco ele se ligou, novamente.

— Então, Zé... O prefeito não deixa a gente entrar na escola. Aí, resolvi fazer o seguinte. Vamos ver se vocês concordam... Amanhã, na saída dos alunos, nós formamos um grupinho, com aquela caixa de som amplificada que temos e tentamos falar alguma coisa para os estudantes.

— É, para mim tá bom... — falou Zé Luiz. — Acho que, dentro da escola, nós nunca vamos conseguir entrar. Escola municipal, do prefeito... Sem chance.

O resto da turma também concordou. Ninguém percebeu que o Zeca estava mais quieto do que o normal.

No dia seguinte, à tarde, eles se reuniram na frente da escola. Com exceção do Zeca, que não apareceu. Quando deu a hora dos estudantes saírem da aula, a turma começou a falar.

Nem bem tinham começado, apareceu o carro da polícia.

— O que vocês estão fazendo aí? — perguntou o policial.

— Estamos falando com os estudantes — falou João.

— Vocês têm autorização para fazer discurso?

— Nós não estamos fazendo discurso. Nós estamos conversando com os alunos. Isso é proibido?

— Tá falando demais. Vamos passear...

O policial pegou no braço de João e o levou para o carro da polícia. Levaram Zé Luiz também. O resto do grupo nem percebeu que um dos policiais havia chutado a caixa de som deles, e havia estourado o alto-falante, impedindo que funcionasse bem.

O resto da turma ficou assustada e foi embora.

João e Zé Luiz foram levados para a delegacia. Chegando lá, o delegado recebeu os dois em sua sala.

— Olha, vocês dois... Se quiserem fazer política, façam, mas respeitem as leis. Não basta vocês acharem que está certo e pronto. Precisam observar algumas normas.

— Qual é a norma? O prefeito quer e o prefeito não quer? São essas as normas a seguir?

— Rapaz, cuidado com o que você diz aqui dentro — falou o delegado. — Eu não sou obrigado a ficar ouvindo suas opiniões. Eu já passei por um monte de política na minha vida e sei como isto funciona. Daqui a pouco isso acaba e você vai entender o que estou falando.

João calou-se. Sabia, por experiência própria que não adiantava discutir com a lei.

— Olha — continuou o delegado. — Eu não vou prender vocês, mas, dêem um tempo. Não fiquem aprontando muito, tá? E liberou os dois.

O que eles não sabiam era que Zeca havia visitado o prefeito naquela manhã e contou o que os rapazes estavam planejando. Zeca estava interessado em ganhar alguma coisa com aquela história. E ganhou! O prefeito, aproveitando o vacilo do grupo, contratou Zeca, até a eleição, para ficar visitando o povo dos sítios. Pagaria meio salário-mínimo.

Zeca ficou tão satisfeito que dedurou seus amigos. Falou ao prefeito os planos de João e Zé Luiz. Tudo o que eles haviam planejado até a eleição o prefeito ficou sabendo naquele momento.

Manuel, o prefeito, deu ordens à polícia para tirarem os rapazes dali e inibirem o evento, e que ficassem de olho nos rapazes.

João percebeu que Zeca deixou de frequentar o grupo. Mais tarde soube que este havia mudado para o partido do prefeito. Com certeza o prefeito havia dado algum dinheiro a Zeca.

— Que país é este? Que lugar terrível é este? Somos tão carentes, assim? — dizia João, para Zé Luiz. — Como podemos mudar nossos pensamentos tão de repente?

— O dinheiro faz isso, João. Nem todo mundo tem os nossos ideais. — falou Zé Luiz.

— Mas, Zé. Se todo mundo fizesse assim, imagine que futuro nós teríamos?

— João. Perceba que nós também pensávamos diferente. Nós mudamos, sabe por quê? Porque não estávamos no meio deles. Sempre ficamos à margem. Foi fácil ver que existem dois lados: um justo e um injusto. E eles? Eles cresceram assim. Imagina uma pessoa que nunca assistiu televisão. Se crescer sem nunca assistir, nunca vai sentir falta. Mas, tira a televisão de alguém que cresceu assistindo. O que vai acontecer?

— Você tem razão, Zé. Eu só posso sentir pena deles. Mas, o nosso tempo vai chegar...

— É isso aí, João. Vamos levantar a cabeça e fazer o que for possível para mudarmos este sistema. Tenho certeza de que ainda teremos nossa vez.

E começaram a fazer planos para o futuro. Resolveram consultar os líderes do partido de Seu Raul para promoverem um encontro com jovens da cidade. Estavam decididos a promover uma conscientização dos jovens.

Faltando dois meses para a eleição eles conseguiram o encontro que queriam. Foi marcado um comício especial para os jovens. Na verdade, foi marcado um show. Diversos artistas da região e um grupo mais famoso foi chamado para animar o evento.

Diversos jovens discursaram. Zé Luiz, João e mais alguns jovens de seu grupo e de outros partidos coligados falaram, incentivando os jovens a tomarem um rumo.

João foi um dos que arrancou mais aplausos.

— Jovens — falou João. — Eu tive muitos problemas na minha vida. Eu já fiz muitas coisas erradas. Não vou mentir para vocês. Já roubei, já freqüentei lugares ruins e até já fui preso.

— De tudo o que fiz eu não me arrependo. Sabem por quê? Porque, quando eu fazia aquelas coisas, eu não sabia o que fazia.

— Hoje, não. Hoje em dia eu aprendi o que é certo e o que é errado. E aprendi a lutar para melhorar, não só a minha vida como a de todas as pessoas desta cidade. Resolvi lutar para melhorar a situação de todos nós. A minha vida, a vida de vocês, a vida dos pais de vocês, e também, dos seus filhos.

— Vamos mudar a situação de hoje e o futuro. Amigos, nós somos os filhos da revolução. Nós somos o futuro da nação. Se nós cruzarmos os



nossos braços, o que teremos no futuro? Eu respondo: teremos um povo obediente, robotizado, que não pensa no que está fazendo.

— Vocês querem ser assim? Fazer tudo sem saber se está certo ou errado?.

-Pois eu digo a vocês. Eu vejo um mundo doente. Um mundo dominado por uma turma que não pensa em vocês. Pensam só neles. Esse é o sistema. E o sistema é mau. O sistema é como uma planta carnívora. Vai devorar aqueles que não forem fortes o suficiente para lutarem contra.

— Vocês parecem ter medo de quem pensa diferente. Vocês não vêem que eles nos querem todos iguais? Vocês não vêem que assim é mais fácil nos controlar?

Nisso, a multidão de jovens bateu palmas e gritou acalorada. João conseguiu mexer com eles. João conseguiu fazer com que eles pensassem e não só obedecessem.

O discurso daquele dia repercutiu por toda a cidade.

No dia seguinte, Seu Raul foi um dos primeiros a dar os parabéns a João.

— João, que coisa linda você falou ontem. De onde você tirou tudo aquilo?

— Seu Raul, eu não sei. De repente foi saindo e eu falava sem nem perceber o que estava acontecendo. Parece que eu estava dominado por alguma coisa.

— João, você nasceu para ser um líder. A partir de agora, você vai falar em todos os discursos que formos fazer. Você e o Zé Luiz. Ele também foi magnífico. Vocês conseguem dominar o povo de uma forma diferente, que ninguém consegue.

— Obrigado, Seu Raul. Vamos ficar muito felizes em falar para o povo. Tenho certeza de que o Zé Luiz vai querer falar, também.

Zé Luiz ficou contente quando soube que iria discursar nos comícios. Ele estava gostando da política. Parece que tinha nascido para política.

— João, eu vou te falar uma coisa. Há tempos tive um sonho. No meu sonho eu estava falando para uma multidão igual à que a gente falou ontem. Eu sentia muito prazer em perceber que eles me escutavam. Ontem

aconteceu igualzinho ao meu sonho.

— Eu também fiquei muito satisfeito, Zé. Vamos trabalhar bastante para tirar o seu Manuel da prefeitura e colocar o Seu Raul.

Fizeram seus planos. Faltavam poucas semanas para a eleição.

Eles começaram a participar mais ativamente da campanha de Seu Raul, que era bem recebido nas casas. Tinha uma boa audiência nos comícios mas sabia que a disputa seria muito apertada.

Faltando dez dias para a eleição, Seu Raul chamou João para conversar.

— João, estão faltando poucos dias para a eleição e o negócio agora vai ser diferente. Como está a sua turma?

— Seu Raul, a minha turma é legal, está unida. Se depender de nós, o senhor é o novo prefeito.

— Então, João, é sobre isso mesmo que eu quero conversar contigo. As coisas vão ficar mais complicadas porque agora o Manuel vai esparramar dinheiro na cidade.

— Mas isso ele já vem fazendo... — disse João.

— Não, mas agora é diferente. Agora ele vai dar roupa, sapato, pano, e até dinheiro mesmo. Agora o negócio é: quem gastar mais, ganha.

— E o que nós fizemos? Não serviu para nada?

— Claro, João. Vocês convencem os mais preparados, mas uma grande parte, que é a mais carente, não vai pensar assim. Viu o Zeca? Mudou o pensamento, rapidinho, por causa de um salário.

— E o que nós vamos fazer?

— Nós vamos fazer igual. Vamos esparramar dinheiro na cidade. João ficou vermelho.

— O que o senhor está falando? Vamos nos rebaixar ao nível deles?

— Isso mesmo, João, senão a gente não ganha.

— Não acho certo. Aí vamos estar agindo igual ao que condenamos durante toda a eleição!

— Eu sei, João, mas o sistema funciona assim. Então, daqui a dois dias eu vou dar uma quantidade de dinheiro para você trabalhar uns votos para mim. Você é capaz de cuidar desse dinheiro?

João não sabia o que falar. Estava perplexo em perceber que teria que

se submeter a fazer o mesmo que o seu adversário se quisesse ganhar a eleição. Teria que esquecer o que falou com tanta convicção se quisesse continuar lutando pelo poder. Apenas balançou a cabeça, positivamente.

— Então, quando eu tiver com o dinheiro na mão, vamos conversar melhor. Deixa eu sair agora que preciso ir na casa do vice-prefeito. Até mais, João.

— Até mais, Seu Raul.

Mal Seu Raul saiu para a rua, João desabou em sua cama. Como poderia ter sido tão ingênuo assim?

Saiu para conversar com Zé Luiz.

Era noite e Zé Luiz estava na praça, conversando com um grupo de rapazes.

— Vocês têm que entender que o Manuel sempre roubou a cidade — dizia Zé Luiz.

— Quem insiste em julgar os outros sempre tem alguma coisa para esconder — disse um dos rapazes.

— Eu não estou julgando ninguém. Julgar é quando você suspeita alguma coisa, mas não tem certeza. No caso de Manuel, não, todos sabem os problemas que tivemos no calçamento da avenida principal. Sabemos do desvio que ele fez da obra da escola que ele não construiu, e um monte de outras coisas.

— Ah, Zé Luiz, mas você não fala das obras que ele fez. O cartório, a rodoviária. Isso você não fala!

— E a obrigação de um prefeito não é fazer isso mesmo? Você queria que ele fizesse o quê? Ele não estava ganhando para fazer essas obras? Ou você acha que ele fez com o dinheiro dele?

Nisso, João chama o Zé Luiz:

— Zé, dá um pulinho que eu quero falar contigo.

Zé Luiz percebeu que João estava abatido, diferente. Saiu do meio do pessoal e foi conversar com João.

— O que foi, João. Por quê você tá assim? Está chateado?

— Aconteceu um negócio chato, cara. Eu tive um papo com Seu Raul e fiquei bem chateado.

— O que aconteceu, João?

E João contou o que se passou com Seu Raul.

— João. Eu não acredito nisso... Não é possível!

— Pois é... Não estou inventado nada. Agora, o que eu sinto, era como se eu estivesse nadando a um ano e percebesse que quando estou chegando do outro lado, vejo os mesmos tubarões que deixei lá atrás.

— Sei lá, João. E se for só para ganhar a eleição?

— Não sei... Até pensei nisso. O que vamos fazer?

— Que surpresa, João, que chato, hein? — falou, surpreso, Zé Luiz.

E não sabiam o que fazer. Despediram-se e cada um foi para o seu quartinho. João dormia num quartinho no quintal da casa de Seu Raul já fazia quase um ano.

João e Zé Luiz não aceitaram comprar votos. Continuaram a tentar conquistar votos para Seu Raul até o dia da eleição como fizeram desde o início da campanha. Reuniram-se algumas vezes com seus amigos da turma jovem de Seu Raul, como eles se autodenominavam e decidiram que iriam continuar a apoiar Seu Raul, já que era bem melhor do que Manuel.

Apesar de toda pressão, acreditavam que Seu Raul iria ganhar a eleição. Era quem levava mais gente aos comícios, era o favorito nas pesquisas encomendadas por eles, as quais eles conheciam os verdadeiros resultados e os resultados divulgados nos palanques, que sempre eram a favor de Seu Raul, quando era discurso de seu partido, mas também era a favor de Manuel, quando era ele quem fazia os discursos.

Seu Raul levava vantagens nas casas que tinham pregado os seus cartazes. Naquela região isso era exemplo de liderança política.

Mas, chegou o dia da eleição. Houve muitos problemas com os eleitores. Em uma região caiu uma ponte, milagrosamente, na madrugada anterior, o que impediu a muitos eleitores votarem. Em outros lugares, carros quebravam, urnas chegaram atrasadas, e algumas falhas ocorreram com os mesários e ajudantes.

Não houve nenhuma prisão, mas houve muita briga e tumulto. Muitos ônibus de outras cidades traziam eleitores que moravam fora. Pelo menos era o que eles falavam.

A apuração começou na manhã do dia seguinte. João foi um dos fiscais do partido. Chegou logo cedo. O trabalho de conquista de votos havia terminado. Agora, era esperar os resultados.

O partido havia se reunido à noite e discutido a eleição. Estavam satisfeitos com o trabalho que haviam feito, mas tinham percebido as falcatruas que o prefeito fez. A compra de votos ocorreu abertamente. Também por parte deles.

A grande vantagem do prefeito estava em ter a máquina em seu poder.

Verificaram que diversas pessoas de outros locais votaram na cidade. Constataram alguns casos de pessoas que já tinham morrido, que votaram, como se houvessem ressuscitado, justamente naquela eleição. E verificaram uma grande quantidade de títulos cancelados. A grande maioria de eleitores de Seu Raul.

Quando começou a apuração, perceberam o que ia acontecer. As urnas dos locais onde Seu Raul conquistaria mais votos foram sendo abertas antes das outras, onde a frente de Manuel era esperada.

Mesmo assim, a diferença de votos era muito pouca.

Ao final, a vitória ficou mesmo com Manuel, reeleito para mais quatro anos de mandato.

João estava desolado. Já era noite e ele não acreditava no resultado que ele via. Uma vitória esmagadora de Manuel.

Onde estaria o erro das pesquisas?

Onde estariam os votos da platéia de Seu Raul?

Ele percebeu que nadar contra a correnteza era muito difícil. Já era quase meia-noite quando voltou para casa.

Percebeu que o movimento na casa de Seu Raul era maior que o normal. Encostou-se e percebeu que ele recebia visitas.

Ainda deu tempo de ouvir as últimas frases.

— Raul, Raul, foi bacana a nossa disputa — dizia Manuel, o prefeito — mas, somente um tinha que ganhar.

— Tudo bem, Manuel, mas não esqueça da sua promessa. Na próxima eleição nós vamos trabalhar juntos. Eu serei o seu candidato!

— Não vou me esquecer, Raul, eu não vou. E, entregou um pacote para

Raul.

— Tome aqui, o dinheiro que eu te prometi. Falei que você não ia perder nada, e aqui está o que eu te falei. Foi bom saber que nós ficamos amigos, agora, neste finalzinho...

João não queria acreditar no que ouvia. Tudo estava errado. Não era possível!

Voltou para a rua. Encontrou Zé Luiz em um bar, bebendo. João pediu um copo e se serviu da cerveja. Contou a história para Zé Luiz, que duvidou, a princípio, pois era impossível ter acontecido esta união.

— E eu pensei que a gente tinha perdido a eleição por causa de roubo de votos. Eu culpei essa justiça. Desafinada. Esquisita...

— Pois é, Zé, eu ainda acho que estou sonhando. Sonhando, não. Isto é um pesadelo — falou João.

— Está tudo errado. Essa justiça é tão humana e tão errada. Não sabemos em quem acreditar.

— Mas a justiça é certa, João. Quem a usa de forma ilegal é que a está corrompendo.

— E o que você vai fazer, Zé Luiz? Eu não fico nem mais um dia naquela casa. Não quero nem olhar na cara de Seu Raul. Perdi a confiança nele.

— Eu não, João. Eu vou lutar contra isso. Não vou desistir. E João tomou uma decisão drástica:

— Zé, meu amigo. Eu vou embora. Aqui não é meu lugar. Está tudo errado. Não confio em mais ninguém, não confio no sistema, não acredito na política. Não tem trabalho decente, só escravidão. Os meus amigos todos estão procurando emprego. Não tem como viver neste lugar.

— Não, João, você não pode ir embora. Vamos nos juntar para combater este sistema. Nós não vamos nos corromper. Estamos chegando à maioria e agora teremos mais participação no sistema.

— Não acho bom para mim, Zé. Acho que você deve ficar aqui e batalhar por esta mudança, já que você está pensando assim, mas eu vou atrás de algo maior.

— João, sinto você tão fraco. Quero a tua força como era antes. De nada vale fugir.

— Eu não estou fugindo — disse João. — Estou correndo atrás do que preciso para ter sentido na vida. Quero ter alguém com quem conversar e que depois não use o que falei contra mim. Eu vou procurar um emprego decente, eu vou procurar um lugar para morar, eu vou procurar a felicidade que vemos e ouvimos falar desde pequenos.

— João, está bem... Às vezes parecia que, de tanto acreditar em tudo que achavam tão certo, nós teríamos o mundo inteiro aos nossos pés. Agora, veja como estamos: desiludidos. Não sei como, João, mas eu vou lutar para mudar isto.

— Isso mesmo, Zé. Se houvesse mais gente como você, este mundo seria muito melhor. Faça dessa cidade uma cidade melhor. Desenvolva habilidades que eles não têm. Um dia o povo vai perceber o que está acontecendo e vão lutar contra este sistema que aí está. E, quem sabe, você não estará como líder, neste momento, tendo a possibilidade de realizar os nossos sonhos?

— Vou correr atrás disso, João, pode ter certeza... E já estou pensando em me preparar mais. Vou começar a procurar um emprego melhor. Vou fazer alguns cursos para ficar mais especializado. Já estou pensando em estudar...

— Quer saber de uma coisa? Você tem que passar no vestibular... E riram juntos.

## Capítulo 08

### JOÃO ABANDONA SUA CIDADE NATAL

---

João conversou com Seu Raul, mas não explicou a razão por que estava indo embora. A princípio Seu Raul ficou furioso, pois havia investido bastante em João, formando uma pessoa politizada, com um ótimo senso de trabalho, e também porque reconhecia em João a grande qualidade que ele tinha, para possíveis usos na política.

— João, você não pode ir agora! — falou Seu Raul.

— Por quê, Seu Raul?

— Porque você está começando a aprender muitas coisas, João. Você não percebe que agora que está começando a melhorar, resolve ir embora?

Mas João não acreditava mais em Seu Raul. O que ele falava entrava nos ouvidos de João como agulhas.

— Seu Raul, o senhor tem que entender que eu preciso progredir. A minha vida é muito mais do que essa cidade. Se eu não for agora, daqui a pouco vou casar, arrumar um empreguinho insignificante e nunca mais vou ter essa chance.

— Eu concordo, João. Mas observe como você está. Você vai arrumar um bom emprego, eu tenho certeza. Se você quiser, eu posso até tentar alguma coisa para você, já que você acha que trabalhar comigo não é bom...

— Não é bem isso, Seu Raul. O senhor é uma pessoa boa, mas, eu quero mais do que tenho — respondeu João, pensando diferente daquilo que falava, mas não queria ofender Seu Raul.

— João, eu não vou me humilhar, mas até posso pedir ao prefeito para lhe arrumar um emprego... João sentiu nojo de Seu Raul.

— Não, obrigado, Seu Raul. Vou-me embora.

— Tudo bem, João. O que eu podia te ajudar, eu ajudei. Agora, vamos acertar nossas contas e vou te deixar livre. Só não se arrependa e venha me procurar de novo. A partir de agora eu não quero mais saber de você.

E mandou o contador preparar as contas de João. O contador omitiu uma série de direitos que João tinha e fez com que Seu Raul pagasse muito



menos a João do que deveria ter pagado.

João não sabia quanto deveria receber e não percebeu como estava sendo enganado. Comprou uma passagem para Salvador, para a manhã do dia seguinte. À noite fez uma festinha com os amigos mais chegados.

Gastou a metade do que tinha ganho na sua demissão com a festinha. Foi uma farta feijoada regada à cerveja geladinha.

Zé Luiz estava entre os mais tristes. Mesmo disfarçando, ele não escondia a tristeza em João ir embora. Não sabia como segurar aquela separação.

Apesar de não estarem tão ligados como antigamente, reconhecia em João o seu irmão, ou seja, o irmão que não teve.

E foi Zé Luiz que pediu o primeiro brinde:

— Vamos brindar. Vamos celebrar a nossa tristeza. Um brinde ao sucesso de João, mesmo que seja longe de nós. E todos levantaram seus copos, no maior silêncio.

— Pessoal, eu não estou morrendo. Eu não quero tristeza essa noite.

E abraçou Zé Luiz, forçando-o a sorrir. A seguir, abraçou um a um, todos os que estavam naquele bar para despedirem-se de João.

— Gente. Eu queria agradecer a todos vocês. Eu não seria o mesmo se não tivesse a amizade de vocês. Eu vou embora tentar a minha vida. Não tenho chance de progredir neste lugar. Com a política aprendi que preciso tentar a minha melhora e também a melhora de todo mundo. Se eu ficar aqui, não vai adiantar muito.

— Quero que vocês façam o trabalho que tem que ser feito aqui, e eu vamos procurar alguma coisa melhor. Prometo a vocês que vou, de todas as formas, procurar os responsáveis por este país, as pessoas que podem modificar a vida. Quero, se for possível, até encontrar com o presidente do nosso país, para pedir que ele ajude essa nossa gente sofredora.

— João — disse Zé Luiz. — Nós não gostaríamos que você fosse embora, mas, já que tem que ser assim, nós desejamos muito sucesso para você. Nós desejamos que seus sonhos se realizem e que você atinja o seu objetivo. Saiba que seremos seus amigos para sempre e estaremos sempre aqui, lhe esperando, se você quiser voltar.

— Eu sei, Zé, eu também vou sentir muita falta de vocês, mas, eu sei que meus verdadeiros amigos sempre esperarão por mim.

E divertiram-se até amanhecer. Naquela noite João não dormiu. Todos foram até o quarto onde João dormia, pegaram suas poucas roupas e o levaram até a pequena rodoviária de Boa Vista. Ficaram com ele até que ele entrou no ônibus.

Realmente, João tinha deixado bons amigos.

No ônibus, em direção a Salvador, João pensava em sua vida e percebia a mudança que havia ocorrido quando foi mandado ao reformatório. Apesar de ter sido involuntário, havia matado uma pessoa. Depois, tentou a regeneração pessoal, sem ninguém saber o que havia acontecido. Quase conseguiu. Quando começou a acreditar em um futuro honesto, justo, veio o descrédito, novamente, no sistema, nas pessoas, em tudo o que o cercava.

Agora, sentia medo de seus amigos. Um medo de se entregar a uma relação e depois se decepcionar. Não queria desacreditar em pessoas que ele tratava como irmãos.

Pensou em Zé Luiz. Quanto sofreu e quanto sofreria para atingir os seus objetivos. Até agora estava imbuído no lado bom da política. Acreditava que poderia mudar as coisas.

João esperava, de coração, que isso fosse verdade.

Neste momento, João estava ansioso. Não sabia o que estava fazendo. Resolveu ir para Salvador, por ser a capital mais perto dali. Boa Vista ficava a trezentos e quinze quilômetros de distância de Salvador. Não sabia nem o que faria naquele lugar.

Esperava que, quando chegasse lá, pudesse encontrar algum lugar para trabalhar, algum lugar para dormir, e depois começaria a sua transformação. Cresceria, enriqueceria e transformaria a sua cidade natal.

Mas, na verdade, não sabia por onde começar, e nem o que o esperava. Nunca havia se afastado de Boa Vista, nem imaginava como era Salvador. Tinha medo de ser como as cidades grandes que apareciam na televisão, com aquele monte de carro, de prédios e de falsidade.

Mas, agora, era tudo ou nada.

Estava cansado da farra da noite passada, por isso dormiu por toda a

viagem. Nem notou quando entrava na cidade.

Só percebeu que tinha chegado quando o seu parceiro do banco ao lado o cutucou, falando que já estavam entrando na rodoviária.

João se assustou. Estava sonhando com a sua vida na pacata cidade de Boa Vista, e achava que ainda estava sonhando. Aos poucos a sua memória foi voltando e ele percebeu a dura realidade. Estava em Salvador.

Desceu do ônibus, um pouco assustado. Era enorme aquela rodoviária. Não sabia para onde ir. Viu que as pessoas iam para um só lugar e as seguiu. Todos iam para a saída. Ele foi junto.

Quando já estava dentro da rodoviária viu a enormidade daquele lugar. Nada tinha a ver com Boa Vista. Ficou assustado. Via gente passando para todos os lados e ninguém sorria. Todos estavam com pressa.

— Que lugar diferente. Essa gente não perde tempo nem para olhar para as pessoas. Olham para frente e caminham rápido.

João viu o ponto de encontro, com suas cadeiras de espera. Foi para lá e esperou. Não sabia o quê. Apenas achava que devia esperar um pouco.

Enfiou a mão no bolso, puxou suas últimas notas. Era pouca coisa, talvez daria para uma semana em alguma pousada barata, com uma refeição por dia. Mas, onde encontrar esta pousada? Quem poderia lhe indicar alguma coisa? Todo mundo ali estava com pressa, tinha a cara fechada e parecia não se preocupar com João nem com ninguém.

João levantou-se, com vontade de ir ao banheiro. Seguiu andando pela rodoviária olhando, assustado, para as lojas, as filas nas bilheterias, as lanchonetes. Viu a placa indicando o banheiro e seguiu para lá.

João ficou surpreso quando percebeu que tinha que pagar para usar o banheiro. E não era barato. Era quase o preço de uma cerveja em lata. Pagou, foi ao banheiro, aproveitou e ficou o máximo que podia ali, pois estava pagando.

Lavou seus cabelos, seu rosto, trocou a camisa.

Leu algo que estava escrito na parede do banheiro. Eram diversos telefones, outros tantos palavrões, mas uma frase chamou a sua atenção:

“Esqueceram de avisar para todo mundo que talvez tivesse nome e era a mulher acusada do crime da contração da preposição em mais o artigo

definido a, porque quando a criança dá alguma coisa, pode ser o símbolo do Rutênio na cidade de Salvador”.

João leu umas cinco vezes, mas não entendeu nada.”— Qual será a respostas deste enigma?” — pensou, sem saber a solução.

Passou desodorante e saiu.

Se contasse em Boa Vista que pagou tão caro para usar um banheiro, seus amigos não iriam acreditar. E olha que o banheiro não era tão limpo assim.

Saiu do banheiro e continuou andando. Resolveu comer alguma coisa. Viu uma lanchonete e já se preparou: — se o banheiro custava tanto, imagina a lanchonete?.

Ficou meio perdido. Eram muitos cartazes com fotos bonitas, lanches que pareciam deliciosos, mas que custavam o preço de quase três pratos de comida, lá em Boa Vista.

Resolveu tomar apenas um cafezinho. Caro demais, mas já era alguma coisa. Precisava comer alguma coisa, e se tudo era tão caro, precisava ir se acostumando. Pediu um salgado também. Pagou, pegou o lanche e foi para uma mesa, bem no canto da lanchonete.

Comeu o salgado devagarzinho, sentindo o gosto como se estivesse provando algo extraordinário. Na verdade, o gosto era igual ao dos diversos que já tinha comido onde morava, e que custavam cinco vezes menos.

Acabou de comer seu lanche e continuou sentado. Ficou disfarçando que ainda restava um pouco de café, porque sempre passava um rapaz que limpava as mesas, e ele achava que, já que tinha acabado o lanche, deveria ir embora.

Ficou observando as pessoas, que até para comer eram apressadas. Comiam sem mastigar direito, quase não se conversavam entre si, e não se cumprimentavam.

Estava curioso, quando reparou no senhor que se sentou à mesa ao lado. Também parecia meio assustado. Estava sozinho, sem lanche nenhum, sem malas nem bolsas, e parecia estar perdido naquele lugar.

João o cumprimentou balançando a cabeça. O senhor sorriu, meio desconfiado, afinal, não conhecia o rapaz.

Passado o primeiro impacto, perguntou:

— De onde você é, garoto?

— Sou de Boa Vista, o senhor conhece? — respondeu João.

— Boa Vista? Fica perto de Serra Preta, não é?

— É sim!

— Não conheço, não, só ouvi falar. Já fui em Serra Preta, mas não cheguei ir à Boa Vista. O que você faz lá? João percebeu que era uma pergunta difícil de responder, já que não tinha treinado para conversar com ninguém. Demorou um pouco e respondeu:

— Eu trabalhei como balconista numa loja de material de construção. Mas resolvi sair de lá. Não estava gostando das coisas em Boa Vista e resolvi procurar alguma coisa melhor para minha vida.

— E o que é essa coisa melhor? — perguntou o senhor.

— Eu quero trabalhar em paz, quero um trabalho honesto em vez de escravidão, quero ser valorizado e quero fazer alguma coisa pelos outros também. Em Boa Vista não tinha condição de fazer isso. Lá, nós somos explorados porque tem mais gente do que trabalho. Os coronéis de lá mandam e desmandam. Acham que devemos fazer tudo o que eles mandam.

— Eu sei como é isso, garoto... — disse o senhor. — Meu nome é Fernando, e o seu?

— Eu me chamo João. João de Santo Cristo.

— Prazer, João. Você pode me fazer um favor?

— Claro!

— Eu estou com fome e não sei como funciona esse sistema dessas lanchonetes. Lá onde moro não tem dessas coisas. Queria comer uma coisa diferente, mas, aqui nesse lugar só tem essas porcarias. Fazer o quê? Faz um favor de comprar um lanche para mim? — falou e enfiou a mão no bolso tirando um maço de dinheiro bem maior do que o de João.

Tirou a nota de maior valor e falou:

— Aproveita e compra um para você também!

— Ah, não precisa se preocupar, não! Eu comi um salgado e...

— Deixe estar, garoto. Você parece estar com fome. Compre lá esse negócio... Compre um daquele ali... — e apontou um dos lanches que estava à

mostra no cartaz.

— Então, tá, obrigado.

João ainda estava com fome. E não podia deixar de economizar um pouco com a camaradagem daquele homem. Foi até a lanchonete, comprou os lanches, pagou e voltou para a mesa. Serviu o de Seu Fernando e o dele. Começaram a comer, continuando a conversa, desta vez, sentados à mesma mesa.

— Sabe, Seu Fernando, o que acontece, mesmo, é que estou perdendo a esperança de encontrar pessoas boas. Sabe, pessoas em quem confiar...

— João, olha, se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo. A gente conhece a gente mesmo, mas, os outros? Ninguém é uma pessoa só a vida inteira. Uma pessoa que é boa hoje pode ser ruim amanhã. Pelo menos é o que eu acho.

— E o senhor faz o quê da vida, Seu Fernando? O senhor mora aonde?

— Eu tenho uma fazenda, daqui a uns duzentos quilômetros, João. Não é para o lado de Boa Vista, é para o outro lado. Já estou velho para fazer as coisas. Hoje em dia, eu só mando. Eu vim para cá para viajar para Brasília. Você já ouviu falar?

— Falar, eu já ouvi. É onde ficam os políticos, não é?

— É lá mesmo, João. É onde mora o presidente e todos os ministros, deputados e os políticos. É a terra da política. Mas, também, tem muitas oportunidades. A minha filha casou e foi morar lá. Já tem seis anos e ela está se dando muito bem naquele lugar.

— E o senhor está indo para lá, Seu Fernando?

— Mais ou menos, João. Eu até iria, já tinha comprado passagem e tudo mais. Para mim e para Gertrudes, minha mulher, mas Deus não quis que ela viajasse. Hoje está fazendo cinco dias que Gertrudes morreu. De repente, João, do coração!. A minha passagem está marcada para hoje, daqui a umas três horas. Mas, eu não sei se vou. Estou sem ânimo para fazer essa viagem...

— Eu sei, Seu Fernando. Realmente deve ser muito chato. Todo um plano que o senhor fez para viajar com sua mulher e de repente acontece isso...

Já tinham acabado de comer os lanches. João estava até mais animado,

depois da refeição. Era caro, mas que enchia, enchia. Percebeu como Seu Fernando ficou triste quando falou de sua mulher.

— Não fica triste, não, Seu Fernando. A vida é assim mesmo. Deus faz as coisas, e não entendemos, mas é sempre o melhor.

— Eu sei, João, eu sempre fui muito católico, mas, não dá para entender por quê Deus levou minha Gertrudes. Podia ter levado eu antes dela...

— E o senhor já imaginou se o senhor tivesse ido primeiro? Como teria sido a vida de sua mulher? Será que ela teria agüentado? Será que Deus não a levou primeiro por que o senhor é mais forte, e, por algum motivo precisava passar por isso?

Fernando ficou pensando. Era difícil entender os desígnios de Deus. Como acreditar, como ter fé, com tantas tristezas? Mas, era preciso ter fé...

— Obrigado, João, afinal não temos resposta para tudo, não é mesmo?

— E o que o senhor resolveu, Seu Fernando? Vai viajar hoje? — perguntou João.

— Hoje, não! Hoje não dá! — respondeu Fernando, parando para pensar. — E você, João, está indo para onde?

— Seu Fernando, eu vim para Salvador. Vou tentar alguma coisa aí, nesse mundão. Não sei o que vou achar lá fora. Estou até sentindo medo, uma coisa que nunca senti. Mas, seja o que Deus quiser.

— E o que você pretende fazer? Vai trabalhar em quê?

— Vou trabalhar em qualquer coisa... — respondeu João. — Eu não tenho medo de nada, não, Seu Fernando. O difícil vai ser começar.

Veio na cabeça de Seu Fernando uma idéia que o balançou.

— João, você espera um pouquinho aqui até eu dar um telefonema? É daqueles telefones dali, está vendo? — e apontou os telefones públicos. — Eu já volto, tá João?

— Pode ir, Seu Fernando, eu não tenho aonde ir mesmo.

Seu Fernando se levantou, foi até os telefones e ficou conversando com alguém durante uns quinze minutos. Gesticulava, fazia silêncio, como se escutasse atentamente alguém falando, até que desligou e veio falar com João.

— João, é o seguinte. Eu estava falando com minha filha. Eu estou

precisando visitá-la; faz mais de dois anos que eu não a vejo, e a gente tinha combinado que eu iria para lá, hoje. Mas, eu conversei com ela, e vou lhe fazer uma proposta.

— João, o meu genro, Fausto, marido de Isabel, minha filha, tem uma carpintaria, lá em Brasília. Eu conversei com eles agora, e combinei que mandaria um amigo meu, um rapaz, para morar com eles, durante um tempo, e para trabalhar na carpintaria, ser um aprendiz, até conseguir uma coisa melhor.

— E esse rapaz é você, João. Você quer ir? Eu lhe dou minha passagem, você pega o ônibus, daqui a pouco, já vai com um lugar certo para morar e para trabalhar. O que você acha?

João estava abismado com a bondade de Seu Fernando:

— Mas, Seu Fernando, o senhor nem me conhece. Por quê o senhor está fazendo isso por mim?

— Porque, João, estou querendo mostrar para você que a vida sempre tem altos e baixos, mas, a gente nunca deve esmorecer. A gente sempre tem que ter confiança. Mais cedo ou mais tarde, as coisas se arrumam e tudo dá certo. — Você me mostrou o porquê de eu ter vindo aqui, hoje. Desde ontem eu resolvi não viajar, mais. E agora eu entendi porque vim para cá, hoje. E talvez, eu tenha entendido porque esteja vivo. Eu ainda posso fazer algumas coisas pelas pessoas. A idade não importa. Nem tão novo e nem tão velho. Sempre é possível fazer algo pelo nosso semelhante. — O que você acha, João? Quer arriscar? Brasília é maravilhosa. Já fui lá duas vezes, e fiquei abismado com o que vi. É o melhor lugar do país. Tenho certeza de que você vai adorar.

João sentiu-se muito emocionado com a bondade de Seu Fernando, mas não tinha certeza de que era aquilo que ele queria. Depois, reconheceu que poderia ser a chance que ele tanto precisava. Não podia deixar escapar esta chance. Já teria emprego, casa e comida, e ainda estaria perto dos líderes políticos, onde poderia trabalhar pelo povo, conseguir ajuda, e influir em alguma coisa.

— Seu Fernando, eu vou.

— João! — seu Fernando abraçou-o, alegre. — João, você será feliz



naquele lugar.

— Obrigado por arriscar em mim, Seu Fernando. Não vou decepcioná-lo. E sua filha? Aceitou tudo?

— A princípio ela não queria. É claro que todos nós temos medo do que é novo, mas eu a convenci. Falei da necessidade de abrirmos as portas para as pessoas. Eu li em um jornal um artigo que fala sobre abrir as portas para as pessoas, João. E estamos fazendo isso para você. Saiba aproveitar. O ônibus sai em menos de uma hora. Vamos descer para lá?

— Vamos!

João estava feliz. Nem percebeu como as coisas aconteciam tão acertadamente em sua vida. Não sabia o que era, nem sabia como aconteciam estas coisas. Nem se preocupava com isso.

João entrou no ônibus, despedindo-se de Seu Fernando.

Seu Fernando estava feliz por poder ajudar uma pessoa. Lembrou-se de toda a sua riqueza e sua mesquinharia por toda a sua vida. Agora, com sessenta e cinco anos, sozinho, não sabia o que fazer com o dinheiro que tinha. Tinha apenas uma filha, que morava muito distante e vivia a sua vida particular.

Seu Fernando sentiu a presença de Deus nas palavras de João. Cada um tem sua fé, e Seu Fernando começou a ter a dele. Nunca foi homem de igreja, mas, quando Deus fala ao coração, todo mundo entende.

Estava começando a sentir uma coisa diferente. Uma emoção que nunca conseguira. Voltaria para sua fazenda bem mais satisfeito. Sabia que tinha ajudado uma pessoa, e que poderia fazer mais por outras pessoas. E iria fazer. Iria usar seu dinheiro e o resto de sua vida para fazer o bem a algumas famílias.

Sem saber, João já havia ajudado algumas pessoas, conforme ele queria, quando saiu de Boa Vista.

João estava em um ônibus bem mais confortável. O banco era maior, deitava mais, e até tinham dado um pacote com lanche, para ele. Tinha televisão.

— Como conseguiam ligar a televisão, se ali não tinha energia?

João adormeceu algumas horas depois da viagem. Já era noite do dia

seguinte quando entrou em Brasília. Desta vez ele estava acordado. Era época de Natal e a cidade estava toda enfeitada.

João nunca havia visto algo tão bonito. Luzes brilhavam, formando figuras. Muita cor e luz. Enfeites e bonecos espalhados pelas ruas. As casas comerciais estavam todas enfeitadas. João ficou impressionado com o que via. Era muito maior do que esperava. E também era muito mais bonito.

Entrou na rodoviária. O ônibus parou. Não era igual à de Salvador, mas era enorme, também. Desceu do ônibus, meio assustado, sem saber para onde ir. Seu Fernando falou que seu genro iria esperá-lo. Seguiu em direção à saída.

Uma pessoa, um homem, parou em sua frente e perguntou:

— Você conhece seu Fernando?

— Conheço. Você é Fausto?

— E você é o João?

Apertaram-se as mãos. Fausto estava com o carro estacionado na rodoviária e se dirigiram para lá. Conversaram banalidades, sobre como era Boa Vista, sobre como havia conhecido Seu Fernando, e Fausto começou a gostar de João.

Fausto era uma pessoa justa. Era bom para quem era bom para ele. Mas era justo com quem fazia maldades. Tinha oito funcionários trabalhando em sua carpintaria. Era pequena, mas o suficiente para manter um status de classe média. Tinha o seu carro novo, uma casa bem mobiliada e algum dinheiro de reserva.

João conheceu Isabel, a filha de Seu Fernando. Ficou muito feliz com a simplicidade dela. E ficou muito surpreso em saber o quão rico era Seu Fernando, que em nenhum momento ostentava toda aquela riqueza da qual falavam Isabel e Fausto. Era uma pessoa boa, sem dúvida.

Arrumaram um quartinho no quintal da casa, onde dormia a empregada. Mas, nesta época, eles estavam sem empregada doméstica.

João achou o quartinho muito bom. Tinha até televisão. Tinha a sua cama, um pequeno guarda-roupas, e uma mesinha com cadeira, onde poderia escrever algumas cartas, se quisesse.

Comeria junto com eles, e viveria ali até que arranjasse algo melhor.

Não tinha pressa, segundo Fausto e Isabel, e João poderia viver ali por bastante tempo, se quisesse, mas se fosse como Seu Fernando falou, um rapaz ambicioso, cheio de planos, poderia arrumar um emprego melhor e procurar viver sua vida, como quisesse.

João ficou muito feliz e se preparou para começar a trabalhar na carpintaria já no dia dois do ano novo. Aquele final de ano era de festas e Fausto havia dado folga para os empregados.

João estava muito bem, sem dúvida.

## Capítulo 09

### O COMEÇO DA PLANTAÇÃO

---

A vida de João, em Brasília, começou como em qualquer lugar. Preso em uma carpintaria, durante todo o dia, e à noite estava tão cansado que só pensava em deitar, assistir televisão e dormir.

Os seus primeiros dias foram assim, até que recebeu o primeiro pagamento. Com dinheiro no bolso as coisas começaram a acontecer.

Fausto pagava a João o equivalente a outro funcionário aprendiz, que já trabalhava há dois meses na carpintaria. Nos serviços externos, quando precisavam de algum ajudante, os outros funcionários revezavam entre João e o outro rapaz. Quando um ia, o outro ficava para ajudar no prédio da carpintaria.

Mas, Fausto ajudava João na alimentação e na estadia, não cobrando de João, nada por isso. Como havia prometido a Seu Fernando.

A princípio, João era uma pessoa meio complicada, não tão asseada, deixando de cuidar de seu quartinho como deveria. Não varria, não arrumava suas roupas, e deixava restos de lanches pelos cantos do quarto. Após algumas broncas ele foi se conscientizando de que precisava ir melhorando.

Foi se organizando. E também, foi aumentando sua amizade com os outros funcionários. Com o dinheiro no bolso começou a dar suas voltas, sempre acompanhado pelos amigos da carpintaria.

Havia, ali perto, um barzinho que o grupo gostava de tomar uma cervejinha. Era um lugar pequeno, mas bem arrumadinho. Tinha umas cervejas bem geladas e servia algumas porções de comida.

Sempre o grupo ia para lá, nos finais das tardes, após o trabalho. João, a princípio era meio tímido, mas com o tempo foi se soltando e já começava a beber mais do que era acostumado.

Nunca havia ficado bêbado, mas sempre bebia bastante. Dentre seus amigos, havia também alguns que eram mais malucos que outros. O Milton, por exemplo, bebia e usava drogas. Já havia fumado maconha junto com

João. O Tiago, também. Eram os dois mais loucos de todos, e foi justamente com eles que João fez maior amizade.

João estava maravilhado com o lugar e estava tão empolgado com a sua evolução que não percebia que estava saindo da linha. Comia e dormia de graça na casa de Fausto e não teve trabalho em conseguir emprego. Foi tudo muito fácil e ele não estava acostumado. Achava que a sua vida seria assim, dali para frente.

Já havia passado alguns meses que João estava em Brasília e agora ele já saía mais com Milton e Tiago, para lugares mais distantes. O uso da maconha era essencial para a boa amizade.

Compravam o material de um traficante daquele bairro. Não era um material de boa qualidade, mas era o que eles podiam conseguir.

Nas sextas-feiras eles iam para a Boate Sonho Azul, que ficava mais no centro. Lá, bebiam e namoravam à vontade.

Ficaram conhecidos de todas as garotas pelo modo de não ter miséria; gastavam muito. Todo o salário de João era gasto com esse tipo de coisa.

As moças, entre si, disputavam para ver quem dormiria com João. Era um negro alto e forte. Esbanjador pensava em agradar os seus amigos, pagando rodadas de bebidas para todos.

Na Boate, era bem conhecido dos freqüentadores. E, a cada dia, conhecia mais gente. Primeiro, João passou a freqüentar a Boate acompanhado de Tiago e Milton, mas, depois, passou a dar desculpas para ir mais vezes à Boate.

Bebia bastante e conhecia pessoas diferentes.

Determinado dia, João usou cocaína. Foi a sua primeira vez.

Estava sentado quando chegou o Pablo. Ele não o conhecia, ainda, mas Pablo, um rapaz de uns vinte anos, estava começando sua vida de traficante.

— Olá... Tudo bien? — falou Pablo, com uma mistura de sotaque, que ele usava nos primeiros encontros, com a intenção de impressionar.

— Oi... Quer um copo? — respondeu João.

João ainda nem o conhecia, mas já oferecia bebida. Era isso que o diferenciava e fazia amizades. Nem sempre eram amizades boas, mas, eram as amizades que existiam naquele ambiente.

— Eu sou Pablo. Qual é o seu nome?

— João. João de Santo Cristo. Pablo? Que nome diferente.

— Sou descendente de peruanos. Minha avó morava na Bolívia, até vir para o Brasil. Você é de onde, João?

— Da Bahia. Tem um ano que moro aqui, cara.

— Trabalha no quê? — perguntou o Pablo.

— Trabalho numa carpintaria, sou carpinteiro. E você?

Pablo parou de falar. Fez suspense. Olhou para um lado, olhou para o outro, como nos filmes. Pigarreou e finalmente disse:

— Estou montando um esquema novo aí. É um lance perigoso, pesado...

João se empolgou. Pablo havia tocado em seu ponto fraco.

— E o que é? — falou, abaixando o tom da voz.

— É um lance que estou começando. Tem um material bom para fumar, você entende?

— Ah... Claro... E como é que é?

— Poxa, cara, comecei a pouco tempo, estou engatinhando. Estou arrumando uns fregueses... Você é chegado? Na erva?

— De vez em quando. Não quero me viciar...

— Ah, deixa disso... Você sabe que na maconha ninguém vicia... Agora, no pó, cara, é foda! Passei por uma fase barra pesada. Já escapei. Hoje em dia eu só uso por diversão...

— E você consegue usar sem viciar? — perguntou João.

— Eu consegui, João. Consegui. Foi difícil, mas hoje sou eu quem manda. Eu uso de vez em quando porque eu quero. Mas, se eu quiser parar, eu paro a qualquer momento.

João ficou observando aquele cara que conseguia dominar a droga. Ele já havia usado maconha, diversas vezes, bebia constantemente, mas nunca usara algo mais forte.

— João — falou Pablo. — Hoje eu não te prometo, mas, sexta-feira, se você quiser, consigo um papel para gente. Dá para voar legal...

— Eu não sei, Pablo, estou morrendo de vontade, mas não sei, mesmo, se eu devo...

— João, você não sabe o que é voar, até que você use isso.

João ficou com vontade de experimentar. Não sabia o que era “voar”, como falou Pablo.

— Pablo, qual é o efeito? Eu não vou viciar?

— É a melhor coisa da vida. Você cria forças não sei de onde. Você voa... João, você já voou?

— Com drogas, bebidas?

— Você sabe o que eu estou falando, João...

— Olha, Pablo, na minha despedida de Boa Vista teve um lance incrível. Naquela noite a gente estava bebendo para caramba, até que um cara apareceu com um baseado. Nós fumamos, bebemos. Começamos as dez da noite e viramos a noite, bebendo. Voamos alto, depois das duas, mas as cervejas acabaram, e os cigarros também. O pai de um amigo tinha um bar e nós fomos para lá, num lugar mais escondido. Lá rolou de tudo. Acho que foi a noite mais louca da minha vida.

— Então, João, depois que você conhecer o pó, você vai saber o que é voar, mesmo... E combinaram que iriam se encontrar na sexta-feira.

João ficou ansioso, pediu até um vale no emprego, pronto para ter uma noite excepcional. Chegou na Boate e Pablo já estava lá. Chamou João no canto e conversaram:

— João, consegui. Comprei com meu dinheiro, não vai precisar pagar. Depois você descola umas cervejas, falou? Vamos lá para o banheiro...

Foram para o banheiro. Em um dos compartimentos, em cima do vaso sanitário, Pablo ensinou João a usar.

Quando João voltou para a Boate, não sabia onde estava; se andava ou se voava, se falava ou se sorria. Estava completamente alterado.

Sentia-se o máximo.

Pablo estava satisfeito. Sabia que não havia mentido para João. A primeira vez é extraordinária.

Daí para João passar a usar mais e mais foi um pulo. Ele se viciou e era com muita ansiedade que esperava os encontros com Pablo.

Começou o sofrimento. João achava que trabalhava demais. Era o dia todo no batente e o que ganhava não dava para manter seus vícios. Sentia raiva em trabalhar até a morte e não encontrar melhores empregos. Mas, ele

não se perguntava por que não procurava um novo emprego.

No tempo ocioso que ele tinha, ele simplesmente se entregava à bebida e à droga.

O tempo passava e ele começou a achar que Fausto e Isabel o exploravam, pagando mal e não davam chance para ele crescer. João foi se aborrecendo e começou a discutir com Fausto, por qualquer motivo. Raramente via-os após o trabalho. Era o tempo suficiente para a alimentação e ia para rua, ia pros bares, ia para boate.

Raras foram as vezes que ele conversava amigavelmente com Fausto e Isabel. Também raras foram as vezes que ele se lembrou do passado, da luta que teve para chegar ali, e porque tinha ido para lá.

Certo dia, em entrevista na televisão o ministro da economia explicava os seus atos tentando estabilizar a economia, a redução de juros, a contenção da inflação, mas João não queria aceitar nada. Achava que já estavam falando demais e ele precisava de mais dinheiro, de mais poder.

Uma sexta-feira estava conversando com Pablo, sobre a sua situação:

— Pois é, Pablo, o meu dinheiro não está dando para nada. Tenho que arranjar um emprego melhor, cara.

— Ou então, João, fazer alguma coisa para aumentar o que você ganha.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou João.

— João, estou com um plano aí. Se der tudo certo, vou fazer uns negócios de umas plantações. Se você quiser, pode entrar na turma.

— Plantação de quê? Milho, feijão? Quando eu era pequeno o meu pai mexia com isso, mas eu não sei como é que é...

— João, deixa de ser bobo, é plantação de maconha...

Os olhos de João brilharam.

— Plantar maconha. Onde? Dá para enriquecer?

João conheceu os detalhes do plano de Pablo.

Era um grupo de cinco pessoas, inclusive Pablo, que tinham conseguido um patrocínio de uns traficantes de outro estado e estava tudo pronto para começar a plantação. Com João, seriam seis pessoas, com cotas iguais, mas com trabalho igual.

— E como nós vamos fazer? Onde nós vamos plantar?



— João, vamos ter um encontro da turma, amanhã, à tarde. Se você tiver a fim, pode vir.

João pensou no modo que estava vivendo. Não conseguia juntar dinheiro, não conseguia ter dinheiro para seus vícios. Fausto tinha trocado de carro, reformou a casa, e até tinha contratado mais gente para carpintaria. Estava crescendo bastante, mas, João, não tinha ganhado nada a mais com isso. Continuava o mesmo pobretão.

— Pablo, vamos começar a plantação... E pediu mais uma cerveja.

A reunião aconteceu numa casa alugada, exclusivamente para estes encontros. Todos estavam nervosos, quase não se conheciam, mas todos estavam com o mesmo propósito de enriquecer urgentemente, nem que usassem os meios ilegais para isso.

— Vamos começar a falar do plano — falou Paulo, um moreno alto, que parecia muito experiente. — Em primeiro lugar, vamos nos conhecer.

E pediu que cada um falasse de sua vida, de suas honestidades e de seus problemas com a justiça. Ali ninguém era santo.

O que eles tinham em comum era a droga. Alguns usavam a mais tempo e outros a menos, mas, todos, já tinham usado.

Paulo, o líder, já havia sido preso algumas vezes por porte de droga, assalto e tinha cometido um assassinato, mas ele jurava que não havia sido ele.

Felipe era o menos experiente. Nunca teve grandes problemas com a justiça. Era viciado e estava começando a vender maconha.

Pablo era o amigo de João. Já usava drogas há algum tempo, mas também nunca teve problemas com a justiça.

Michel já havia sido preso por porte de drogas. Depois que saiu da prisão cometeu três assassinatos e estava envolvido com o tráfico grande. Sentia, neste plano, a chance de começar alguma coisa por conta própria.

Roberto era criminoso. Usava drogas desde os doze anos e já não sabia contar os problemas com a justiça que tinha.

Inclusive, era foragido e não podia andar por todos os lugares, como os outros.

João era usuário, mas já teve os problemas quando menor de idade.

Ultimamente, não tinha tido nenhum problema sério.

Quanto mais João conversava com seus amigos, mais ele se animava com o plano. Era com Pablo que ele mais se identificava. Passava, agora, quase todo o tempo ao lado do amigo.

— Pablo, quem são esses caras do Rio de Janeiro que querem nos financiar?

— João, eu já tive um contato com eles na semana passada. É um pessoal barra pesada, mas é um pessoal legal. Eles sabem que nós vamos conseguir vender bastante por aqui e ainda sobrar para eles. Eles estão emprestando a grana, estão dando as sementes e até bancaram a gente para comprar carros, equipamentos, tudo o mais. É um pessoal forte!

— E não tem perigo deles se voltarem contra nós?

— Claro que tem, mas a gente deve andar desconfiado, não só com eles, mas com os outros caras, também. Você acha que a gente pode confiar no Paulo, no Lipe, e nos outros? Claro que não! E fique sabendo que eles também desconfiam da gente.

— Da gente? — perguntou João. — Eu não fiz nada.

— Mas eles não sabem o que você já fez no passado. E se você quisesse matar um deles agora, para ficar com maior parte do que os outros? Você sabe o que faz, mas eles não sabem nem o que você pensa!

— Pablo, então quer dizer que eles podem querer matar a gente para pegar uma parte maior?

— Claro, João, claro! Temos que ficar de olho!

Quando Pablo falou isso, já estava com um plano em sua mente. Sabia da facilidade de João em entrar em seu plano, mas sabia que não era a hora de falar sobre isto. Primeiro precisavam começar a plantação.

Foram Paulo, Felipe e Michel em um carro, João, Pablo e Roberto em outro e foram colocar o plano em ação.

Visitaram agricultores da região e começaram a oferecer as vantagens em plantar maconha. Seriam financiados pelos rapazes, que já começaram a deixar algum dinheiro com os agricultores. O que eles deveriam fazer era plantar, cuidar da plantação até a colheita, e receber o dinheiro que o grupo iria dar. Tudo, desde semente, adubos, irrigação, mão-de-obra e todas as

outras despesas sairia por conta dos rapazes. Não plantariam muita maconha em apenas um lugar para que não chamasse a atenção das autoridades.

A única coisa que os rapazes queriam era que os agricultores calassem a boca. Ninguém poderia ficar sabendo do que eles estavam tramando. E aí entravam com a chantagem. Se alguém ficasse sabendo, alguém morreria.

E deu certo. Pelo menos metade dos agricultores cederam à vantagem financeira que o grupo oferecia.

Algum tempo depois já tinham a primeira colheita. Nessa mesma época, houve um brutal assassinato de Paulo.

Quando estava chegando em sua casa, uma dupla em uma motocicleta parou em sua frente e disparou diversos tiros.

Paulo não teve a mínima chance.

Os outros rapazes, mesmo chocados com o que havia acontecido, continuaram com o plano. Ainda não haviam negociado, estavam apenas colhendo o material para beneficiamento.

A maconha estava quase boa. Estava quase na hora de colocar a droga no mercado.

Felipe, Roberto, Pablo e João estavam em um bar, conversando, comemorando o resultado das colheitas. Ainda não estavam vendendo, mas o pessoal do Rio de Janeiro estava satisfeito com os resultados até o momento.

Inclusive, Michel havia viajado para o Rio de Janeiro, a fim de combinar os detalhes de como iriam transferir a parte deles da mercadoria.

Já era mais de duas horas, quando se despediram. Felipe e Roberto seguiram em uma direção e Pablo e João foram na outra. Antes de Felipe e Roberto chegarem em casa, um carro com dois ocupantes, ambos com capuz na cabeça, parou na frente dos dois, freando bruscamente. Os dois saltaram do carro, armados e atiraram nos dois rapazes, sem dar chance para a defesa. Ambos morreram na hora.

Da mesma forma, Michel foi morto no Rio de Janeiro, sem ter aparentemente feito nada.

A polícia notificou o caso como uma queima de arquivo entre grupos

traficantes rivais. João e Pablo estavam satisfeitos. Seriam os donos de todo o plano, com seu sucesso.

Na verdade, Pablo e João resolveram adiantar o que eles pensavam que os outros fariam. Fizeram um acordo com o pessoal do Rio de Janeiro e combinaram em exterminar os amigos da região. Da mesma forma pediram que fizesse o mesmo com o Michel. Com isso, ficaria mais fácil a divisão da mercadoria entre os dois e a turma do tráfico do Rio.

Em uma das visitas que os cariocas fizeram, de surpresa, pegaram João e Pablo totalmente voltados para o sucesso do plano, o que fez com que ficassem super satisfeitos. Era isso que eles esperavam. Dedicção total para que o plano desse certo.

Eram dois rapazes do Rio. Visitaram a última fazenda que iria entregar o produto. Já estava no ponto para a colheita.

Os dois acompanharam João e Pablo nesta última visita.

Chegando na fazenda, encontraram o casalzinho de velhos, sorrindo, felizes com o sucesso da plantação.

— Oi, meus filhos, vocês vieram buscar o produto? — perguntou Seu Sílvio, já idoso, mais de cinquenta anos, que pareciam mais de sessenta, acabado pela dureza da vida, como ele mesmo dizia.

— Viemos, Seu Sílvio. O caminhão vem daqui a pouco. Estes dois são nossos amigos, do Rio de Janeiro.

— Oi, prazer! Como vai?

— Tudo bem, Seu Sílvio. Com foi à plantação? Tudo certinho?

— Foi tudo bem... Só na primeira vez que não deu muito certo. Falhou demais...

— Na primeira vez? Qual foi a semente que você plantou?

— Os meninos trouxeram umas sementes mais escuras... Da primeira vez... Depois, trouxeram umas mais brancas... Aí, não falhou nada.

— Ah, Seu Sílvio, aquela semente era ruim mesmo. Todo mundo reclamou. Os rapazes ficaram satisfeitos com a simplicidade do agricultor.

— O senhor ficou satisfeito com os rapazes, Seu Sílvio?

— Eles foram muito bons, mesmo! Me deram tudo o que eu precisava. Não faltou nada.

— Daqui uns dias vai ter mais, Seu Sílvio.

E chamaram a todos para dentro da casa, para acertar o pagamento. Seu Sílvio recebeu o dinheiro diretamente das mãos de Pablo e João. Ficou muito contente, afinal, nunca ganhou tanto com a agricultura.

Ficou tudo certo de como os rapazes iriam transferir o produto já beneficiado para o Rio e como ficaria a parte de Pablo e João.

João e Pablo começaram a distribuir o produto. Entraram com tudo no movimento de drogas em Brasília.

Pouco a pouco foram instalando o seu poder e criaram os seus pontos de drogas. Uniram-se a alguns traficantes mais velhos e, devagarzinho foram crescendo. Algum tempo depois começaram os problemas com os traficantes maiores, mas o pior já havia passado.

## Capítulo 10

### O COMEÇO DO TRÁFICO DE DROGAS

---

João se envolvia de corpo e alma no tráfico. Gostava de vender drogas, adorava ir para as ruas, sentir que as pessoas o respeitavam, tratavam-no como uma pessoa poderosa.

E João não hesitava em tomar providências violentas para seguir o seu rumo. O dinheiro aumentava em sua conta dia a dia. Nunca havia ganhado tanto.

João e Pablo também continuavam a usar drogas continuamente.

João, pessoalmente, disputava os pontos de venda de drogas. A primeira vítima, um traficante do bairro, foi emocionalmente chocante.

João e dois comparsas foram diretamente à boca de fumo, onde estava Adriano. Eles já o conheciam, pois costumavam comprar drogas em sua mão.

Adriano sorriu, achando que seria mais uma venda. João ainda não havia espalhado a sua fama. Estava fazendo pouco a pouco.

— E aí, mano, o que vai ser hoje? — perguntou Adriano.

João foi direto ao assunto. Puxou seu revólver e deu quatro tiros em Adriano. Os seus comparsas mataram outro cara que estava no local. Dois comparsas de Adriano, que também estavam no local ficaram estagnados. João impôs sua vitória e decretou que eles deveriam sair dali imediatamente.

A partir deste momento, João iniciou sua própria boca de fumo. O seu produto era puro. Sua maconha era ótima. A repercussão foi instantânea. O seu movimento subia gradativamente.

Daí para a conquista de outras bocas foi um pulo. Os seus comparsas iam aparecendo, pouco a pouco. Sempre existem aqueles que querem ficar ao lado de quem está por cima.

Rapidamente, João acabou com os piores traficantes da região. Outros traficantes menores não esperaram a visita da gangue do João, e fugiram para outras cidades.

O tráfico do Rio de Janeiro começou a investir na turma do João. Mandavam dinheiro, armas e droga pesada. João conseguia maconha de boa

qualidade e enviava para o Rio.

Pablo fazia todo o serviço de contatos, continuava a conquista de novos agricultores, inclusive de outros estados, conseguiu contatos importantes com a Bolívia, país que conhecia bem.

Em pouco tempo, João e Pablo passaram a ser alvo de conversas em todas as rodas.

Os políticos falavam nos bastidores, do poder que eles conquistavam e ficavam receosos de tomarem ações que não fossem de acordo com a vontade de ambos.

A polícia era financiada pela gangue de João, e hesitavam em agir contra eles.

A alta sociedade, com seus vícios convidava os dois para freqüentarem suas festas. Afinal, todos eram influenciados, direta ou indiretamente.

Muitos eram amigos verdadeiros, feitos pelo poder de convicção de João, que aonde chegava conquistava a todos.

Nunca se preocupou com economia, e muito menos agora, que tinha muito dinheiro. Muitos dependentes de drogas o rodeavam e o adoravam.

O que João mais gostava em toda esta trajetória era poder freqüentar as festas de rock. Era um pessoal que o respeitava, o tratava dignamente como nunca haviam feito. Vestia uma roupa legal, quase sempre nova, comprada exclusivamente para aquela determinada festa, com bastante dinheiro no bolso, e belas mulheres o rodeavam.

Quase sempre dormia em bons hotéis, sempre muito bem acompanhado. Usava drogas puras, que faziam sua amizade crescer a cada dia, interessados nesse livre acesso.

Distribuía maconha e cocaína por muitos bairros da cidade. Era o novo dono do pedaço.

Pablo e João começaram a investir o dinheiro que ganhavam.

— João, estava pensando em montar uma central onde pudéssemos controlar todo nosso império. O que você acha? — perguntou Pablo.

— Concordo. Vamos comprar um prédio! — falou João.

— Um prédio, João? Calma! Eu acho que a gente deveria comprar um galpão, tipo estes que a gente vê nos filmes de cinema.

— Que nada, Pablo. Sabe o que eu gostaria? Eu gostaria de ser dono de um morro. Morro do João!!! Já pensou?

— Você tá voando, João. Aí já é demais!

— Eu sei, mas eu posso fazer uma coisa parecida. Eu vou construir um prédio, e vou chamar este prédio de Morro. E aí eu posso falar que sou dono do Morro. O Morro do João! O que você acha?

— Sei lá, João, vai chamar muito a atenção.

— Eu sei... Vamos ter que ter uma fachada... Nós faremos andares subterrâneos, para uso exclusivo do nosso tráfico. Nos andares normais nós alugaremos para o comércio, por aluguéis baixos, para que fiquem sempre alugados. E nos dois últimos andares eu quero o meu conforto. No penúltimo eu quero a melhor residência de Brasília e no último, eu quero tudo de melhor que um escritório possa ter. E vamos contratar os melhores empregados para nos ajudar. E agora? O que você acha?

— Puxa, João... É tentador!

— Tudo bem... Você fica com o andar abaixo do meu...

— Ah... Agora ficou perfeito... E riram do poder que tinham.

Uma semana depois já tinham comprado um terreno, no centro da cidade. Seis meses depois o prédio já estava pronto. Com tantos pedreiros, ajudantes, etc., que fosse possível, fizeram o serviço mais rápido que o normal.

João, todos os dias, visitava a construção. Pablo ia de vez em quando.

Na inauguração foram todas as pessoas influentes da cidade. Eram políticos, empresários, comerciantes e toda a grã-finagem. Nunca se comeu nem bebeu tanto como naquela noite. E para os mais chegados tinha pó de sobremesa.

Na hora em que João e Pablo tiraram o pano para a inauguração do prédio, houve uma esfuziante salva de palmas.

Na placa estava escrito: MORRO DA VITÓRIA A princípio João queria colocar Morro do João, mas Pablo discordou. Ficaria muito pessoal. E se colocasse Morro do Pablo? Nessa dúvida, ficou combinado que colocariam Morro da Vitória.

João, para tudo que quisesse se referir ao prédio, falava Morro. “Eu vou



lá no Morro. Eu vim do Morro. Vou dormir no Morro”. Os seus amigos aprenderam a usar os termos. “Cheiravam a pura apenas no Morro do João”.

A locação dos apartamentos foi rápida, e conforme haviam combinado, o preço da locação era abaixo do mercado.

Rapidamente, o prédio se transformou num local onde procuravam todo tipo de serviço, bem como era ponto comercial, em alguns andares.

Ninguém desconfiava do entra e sai que ocorria nos três andares subterrâneos. Eram caminhões carregados chegando, eram carros carregados saindo. Homens e mulheres entravam e saiam, dos andares, que eram controlados.

Na verdade, o acesso aos andares do tráfico era restrito a um grupo de pessoas que trabalhavam para a recepção e distribuição da droga para a cidade. O poder de João estava no auge. Os carros saiam dali, carregados, e distribuíam nas bocas que estavam espalhadas pela cidade.

As autoridades sabiam o que estava acontecendo, mas como em todo lugar era inevitável o tráfico de drogas. E, como João tinha destruído ou expulso os outros traficantes da cidade, as autoridades até estavam satisfeitas em não ter tantos problemas quando se havia disputa por pontos de droga.

João ajudava constantemente a polícia, com doação de dinheiro e material para as delegacias. Até carro ele havia doado. E mantinha a sua turma especial de proteção dentro da polícia. Se caso houvesse a necessidade de evacuação das drogas do prédio, João seria avisado, através de sua turma de proteção, infiltrada na polícia. Eles faziam rapidamente uma limpeza no prédio, caso houvesse algum tipo de fiscalização.

Essa fiscalização ocorria, periodicamente, devido aos diversos boatos que surgiam sobre o tráfico de drogas realizado por João e Pablo. Vinha do alto comando da polícia, mas nunca puderam comprovar nada.

João ficava durante o dia no escritório, localizado no décimo terceiro andar. Durante a construção, João resolveu inverter e construiu no último andar a sua residência. Tinha até piscina. Ficou o máximo. João colocou em casa tudo o que era possível em conforto, inclusive, uma mini academia, salão de jogos, e uma sala que ele chamava de boate, com som, luzes, que era

onde ele trazia suas garotas. Dali, para o seu quarto era um pulo. Na boate, João aprontava.

Sempre tinha cocaína espalhada em uma mesa, em um cantinho. Suas visitas podiam visitar a mesa, sempre que quisessem. E, quando acabasse o pó, sempre havia um empregado pronto a renovar.

No escritório, havia a sala de João e a de Pablo. Enquanto Pablo tratava de todo o processo de comunicação com outros estados e países, João era encarregado do recrutamento.

E foi num desses processos que ele conheceu o seu melhor amigo, nesta etapa de sua vida.

No dia em que se conheceram, João estava muito feliz. Eram três horas da tarde quando Natinho entrou em seu escritório.

— Boa tarde, Seu João! — falou Natinho.

João ficou chateado. João estava acostumado com puxa-saco, mas odiava esse negócio. Só porque tinha dinheiro e poder não precisava de bajulação. João era um negro, um metro e noventa de altura, forte e independente. Achava estranho aquele respeito que conquistou.

— Ei, menino branco. O que é que você faz aqui, subindo o Morro? Quer se divertir? — perguntou João.

Natinho percebeu que não seria fácil o que ele pretendia.

— Seu João...

— Olha, pivete, eu não te conheço, mas não gostei de você. Que negócio é esse de me chamar de “Seu”? Natinho ficou calado. Estava humilhado demais para responder alguma coisa.

João percebeu o que tinha feito, e rapidamente mudou seu tom de voz.

— O que foi, rapaz? Fala aí... — perguntou João.

— Olha, João, eu estou precisando de emprego. Sei que você é dono deste prédio e resolvi vir direto a você para pedir emprego. Pode ser qualquer coisa. Até vender drogas na rua.

— Que negócio de drogas é este? Está maluco, cara. Eu não mexo com isso, não! Natinho respirou fundo e falou:

— João, a sua fama corre por toda a cidade. Todo mundo sabe que você é o Rei. Sem você esta cidade estaria parada. Sem você a nossa cidade seria

uma merda.

João ficou satisfeito com o status. De repente, voltou ao chão...

— Que é isso, moleque?

— João, eu quero vender drogas. Eu uso desde os quinze anos, mas agora estou querendo vender. E não quero ser vendedorzinho pé-de-chinelo. Quero ser forte. Com o seu apoio quero me tornar no seu melhor homem.

João estava surpreso com aquele rapaz que entrou tímido, humilhado, e agora estava demonstrando uma personalidade formidável.

— Qual o seu nome? — perguntou João.

— Natinho.

— Seu nome, mesmo? Qual é?

— Eu deixei de ter nome há algum tempo.

— Eu entendo. Já passei por isso na minha vida.

Olhou para aquele rapaz, tentando se firmar em alguma coisa e resolveu:

— Olha, rapaz — você está contratado. Você será o meu melhor vendedor. Mas, para isso, você precisa provar que é o melhor vendedor. Você é capaz disso?

— Sou. — respondeu, Natinho, secamente.

— Então, daqui a pouco, às seis horas, nós vamos fazer um teste. Dá um tempo lá em casa. Sobe e fica lá. Na hora certa eu lhe chamo.

Natinho ficou impressionado com João. Tomava as decisões imediatamente, sem medo. Mandou Natinho para sua casa, sem nem mesmo conhecê-lo. O que aquilo representaria? Sabia que era um teste.

Na sala de João tinham diversos objetos de valor. Esculturas, enfeites, relógios, e outros artefatos. Além de que, em um cantinho estava um pouco de maconha e outro de cocaína.

Natinho sabia que era um teste. E ele iria passar neste teste.

Na verdade, Natinho tinha uma dependência em cocaína incontrolável. Já havia tido diversos problemas. Mas, nesse momento, estava preocupado em mudar sua vida. Falava em abandonar drogas, mudar amigos, conseguir um bom trabalho. Afinal, estava pensando em ter um futuro.

João, por sua parte, fazia este tipo de teste com todos os seus possíveis

funcionários. Muitos haviam passado e muitos reprovados. É claro que era um teste injusto com os diversos viciados que entravam naquela sala, loucos de vontade de usar alguma droga.

Mas, João, quando viu Natinho, sabia que não precisava fazer o teste. Sabia que Natinho era o seu novo braço— direito. Sabia, que, se isso não fosse acontecer agora, aconteceria no futuro.

Era como se uma força muito forte o estivesse avisando para ajudá-lo, naquele momento, que em outro momento teria o retorno.

Às seis horas João apareceu na sala. Faziam duas horas que Natinho estava lá. A única coisa que ele fez foi ligar o som. Sintonizou uma rádio que só tocava MPB.

— Que som legal. Você curte esse som? — perguntou João.

— Adoro! Pena que o cara morreu... Senão, hoje em dia estaria no topo do mundo. O cara era mágico...

— Se era!!! O cara era o máximo. Ainda hoje, depois de tanto tempo, está fazendo sucesso.

— Eu fico pensando — disse Natinho. — como Deus faz as coisas. Será que estava na hora do cara pegar aquela doença e morrer? Por quê não me levou no lugar dele?

— O que é isso, cara? Não entendo sobre esses negócios de Deus, mas acho que o que tem que acontecer, acontece. Acho que não tem esse negócio de a gente correr de acontecer às coisas. Acho que o dia que vou morrer, já está escrito em algum lugar.

Natinho observava. Sabia que João tinha razão. O dia da sua morte estava escrito. Quem mexia com drogas assinava a sua morte. Mais cedo ou mais tarde. O dia de Natinho também estava escrito.

— Que é isso, João? Parece que viu anjos? Está prevendo o futuro?

João riu da brincadeira. Não estava acostumado a rir, assim. Sempre era levado muito a sério. Quem o rodeava sabia do seu poder. Sabia das mortes que carregava nas costas.

— Vamos descer, Natinho. Quero te levar em um lugar. Se der certo, você passa a trabalhar lá. E desceram. Foram para o carro de João, que dirigiu até um determinado bairro.

— Natinho, aqui você tem um material ruim. É cocaína misturada com uns negócios aí. Dá para sentir um pouco do efeito, mas se o cara for macaco velho, você vai perder seu dinheiro. E levar umas porradas por vender material falso. Toma aí.

Natinho pegou o papelote na mão, olhou bem para o papel e resolveu:

— Vou passar!

— Quero ver! — respondeu João.

Saiu do carro, viu um cara que parecia viciado vindo do outro lado da rua. Aquela esquina era um ponto de venda de cocaína, e era fácil identificar os possíveis fregueses.

— Volta aqui... — gritou João, pensando em dar algum conselho para facilitar a venda.

— Vem você! — gritou Natinho, demonstrando sua forte personalidade.

Encontrou com o cara. João os viu conversando. Natinho enfiou a mão no bolso e entregou o papelote ao rapaz. Este entrou no bar em frente, foi ao banheiro. Demorou um pouco. Saiu, sorrindo, e entregou algumas notas para o Natinho, que veio para o carro de João.

— Como foi? — perguntou João.

— Nem senti que era falso...

— Então entra aí e vamos comemorar... — brincou João, festejando o início de uma nova amizade.

Foram para a casa de João. Já era noite. Do celular, João deu ordens aos seus funcionários. Queria encontrar três amigos e mandou localizarmos. Pediu que os convocassem para uma reunião em sua casa, dentro de meia hora. E pediu que convidasse algumas garotas, para divertirem-se, após a reunião. João chegou ao prédio, e quando foi entrar em casa, percebeu que tinha esquecido as chaves.

— Agora que temos a casa é a chave que sempre esqueço. Mas, com uma ligação no celular tudo foi resolvido.

A partir deste dia Natinho passou a freqüentar a casa de João. Conseguiu um ponto de venda de cocaína perto de onde realizou aquela façanha, mas sempre era chamado à casa de João, que reconheceu em Natinho uma pessoa amiga e companheira, diferente dos outros amigos, que

**só pensavam no dinheiro e na droga.**

## Capítulo 11

### JOÃO VÊ A MORTE DE JOÃO ROBERTO

---

Natinho crescia a olhos vistos em seu setor de vendas. Fazia amizades e controlava a região. Sabia respeitar tanto a João quanto a Pablo como patrões. Sem bajulação, mas sempre com muito respeito.

Natinho ia a muitos lugares que João e Pablo freqüentavam, e João começou a participar da vida de Natinho.

Em um desses eventos, ocorreu um acidente muito sério.

Natinho fez uma freguesia nos arredores de seu ponto de venda. Tinha diversos amigos na faculdade e no colégio, ali perto. Freqüentava os prédios, como se fosse um estudante normal. E muitas vezes passou drogas ali dentro, mesmo.

Tinha alguns amigos que eram mais chegados. Um deles era o João Roberto. Johnny, como era chamado, era querido por todos. João Roberto era um cara legal, animado, sempre com o seu violão de lado. Tocava em qualquer lugar que houvesse um grupinho de rapazes ou moças. Era muito hábil em tocar os cantores brasileiros, mas curti mesmo tocar Rolling Stones, Beatles e outros artistas internacionais.

Johnny tinha uma namorada, a Letícia; Lê para os mais íntimos, como ela dizia. Lê era animada, já tinha seus planos de futuro: seria psicóloga. Até que um fato muito ruim aconteceu em sua vida. Ela havia sido estuprada.

João e Natinho estavam no parque em frente ao colégio, falando sobre Lê.

— João, eu não entendo como alguém pode estuprar uma mulher, hoje em dia. Sexo é a coisa mais fácil que se tem, mas uns caras querem as coisas proibidas, com violência. Não dá para entender.

— Eu também não entendo. Eu sempre tive facilidade com mulheres. Desde cedo conheci as manhas para dar prazer a uma mulher. Depois de um certo tempo, elas me procuravam e me ensinavam cada coisa. Nunca forcei uma transa.

— E a Lê sofreu, cara. Eu vou te falar uma coisa. Sabe o Johnny, o

namorado dela?

— Eu conheci o Johnny naquele dia lá no Barzinho da Janaína, lembra? Tava rolando um rock, aí chamaram o cara para tocar Satisfaction, dos Stones. Você lembra?

— Ah, lembro. Pois é, cara. Ele não sabe de nada do estupro da mina. Já tem um mês que aconteceu. Eu sou amigo íntimo dela. Ela me contou, mas não tem coragem de contar ao Johnny.

— Puxa, cara, que chato!

— Se é. E o que é mais chato é que ela entrou em depressão e o Johnny não sabe porquê. O Johnny acha que ela se apaixonou por outro cara e o negócio não deu certo. Depois do estupro eles se encontraram pouco e o pouco que se encontraram brigaram mais do que deviam. Não sei onde vai acabar.

— Mas ela devia se abrir com o Johnny — falou João. — O cara vai entender e ajudá-la.

— Todo mundo acha isso, mas ela não! Ela acha que ele vai se afastar. Eu acho que ele vai se afastar se ela continuar do jeito que está.

Já havia passado das onze da noite. Haviam prometido uma série de pegas para aquela noite. Johnny era fera. Era o melhor. Tinha um Opala azul metálico, que era conhecido por todos. E para aquela noite havia marcado um super pega contra o Otávio, outro fera. O que todos esperavam há bastante tempo, havia chegado. Hoje eles saberiam quem era o melhor: Johnny ou Otávio? Natinho falou com João:

— Olha lá o Johnny. Vamos lá falar com ele?

Johnny estava sentado em seu carro, com a porta aberta. As pernas para fora do carro, ouvia música. A banda Cat Powers tocava em seu CD Player. Completamente depressivo. Aquele não parecia o Johnny, aquele cara alegre, para frente e sempre bem humorado.

— E aí, Johnny? Como está? — disse Natinho. Johnny levantou a cabeça, olhou para Natinho e João.

— Tudo bem, Natinho. E você? — e esboçou um sorriso. Natinho imediatamente percebeu que não estava nada bem.

— Vai ter pega hoje? Você não parece legal!



— Ah, vai... A minha vida é isso...

— O que aconteceu? Por quê tanta tristeza? Como vai a Lê?

— Ah, Natinho, vai mal. Tá triste, cara, nem parece a mina que eu conheci a um ano atrás. Não sei o que aconteceu, cara, ela mudou demais. Quase agora fui na casa dela, e até brigamos.

— O que aconteceu, cara? — perguntou João.

— A mina mudou demais. Se ela me falasse o que ela quer, mas ela não conversa. Passa tanta coisa na minha cabeça. Não sei mais de nada. Não sei mais o que fazer. Aquela mina era tudo para mim. Sem ela, minha vida não tem mais sentido. Queria tanto ajudá-la, mas ela não me deixa. Tenho as minhas dúvidas.

— Não se precipite, Johnny. Deve ser só uma fase, e rápido isso passa. De repente volta a alegria no rosto dela. Mas Johnny não se alegrou. Sabia que o que tinha ocorrido era muito sério, senão ela tinha falado com ele.

— Johnny — falou Natinho. — Pega isso. — e entregou um papelote da pura. — Essa é por conta da nossa amizade.

— Valeu, Natinho, vou precisar para daqui a pouco. Despediram-se. João e Natinho foram se afastando.

— João, não sei não, ele, hoje, estava mais abatido do que o normal. Ele tava com um sorriso estranho. Tomara que ele não esteja planejando nenhuma besteira. Sei lá, eu tenho uma má-impressão.

— Ah, Natinho, deixa para lá. Você está imaginando bobagens.

— Tomara que sim, João. Tomara que eu esteja imaginando. E saíram.

Meia hora depois, viram que Johnny acelerou mais do que podia na Curva do Diabo, onde aconteciam muitos acidentes. Um caminhão de combustível vinha em direção contrária e Johnny não desviou. Acertou em cheio. A explosão foi enorme. As labaredas que subiram brilharam o céu, com um misto de azul, amarelo e vermelho.

João e Natinho sabiam que Johnny era muito bom para ter errado a curva. Johnny era fera demais para vacilar assim.

Eles sabiam que Johnny havia se matado.

No outro dia foi o enterro de Johnny.

João, Pablo e Natinho compareceram à cerimônia. Ninguém acreditava

como um rapaz tão novo sofria tanto. Não se podia sofrer por amor com aquela idade.

Pelo menos era o que eles pensavam.

Ainda estavam na cerimônia quando chegou outra notícia chocante. A Letícia havia se suicidado. Quando Lê soube do acidente que havia vitimado Johnny, ela não agüentou o choque e se desesperou. Tomou calmante, adormeceu, mas, quando recuperou do choque, se jogou da janela do quinto andar.

— Nada é fácil de explicar — dizia Natinho. — Por quê esta idade é tão difícil. Eles só tinham dezesseis.

— Eu tive uma crise séria, nesta idade, também — disse João. — Mas, para mim foi construtivo. Depois da minha crise eu consegui me transformar em outra pessoa. Eu conheci a política e batalhei por mudanças na minha cidade.

— É mesmo? — falou Pablo. — Você nunca me falou disso.

— Foi um tempo muito difícil. Ao mesmo tempo em que eu ia descobrindo coisas maravilhosas, como poder ajudar aos outros, eu ia descobrindo o lado podre do poder.

— E por quê você não entra na política? Aqui é o lugar dos políticos — perguntou Natinho.

— Quem sabe... Quem sabe...

Depois da cerimônia, Natinho convidou:

— Eu tenho uma amiga, aqui perto, que está passando uma crise muito séria. Vamos passar na casa dela?

— Ah, sai dessa, Natinho. Tá virando assistente social? — falou João.

— Poxa, João, ela é minha amiga há muito tempo. E, sei lá, era amiga da Lê. Não sei como ela ficou depois de ter perdido a amiga. Vamos passar lá. É rapidinho.

— Vamos fazer o seguinte. Eu deixo você lá, falou?

— Tudo bem. Já é alguma coisa.

João e Pablo deixaram Natinho no prédio de Clarisse e foram para o Morro. Natinho encontrou os pais de Clarisse na sala, entristecidos.

— Como vão as coisas, dona Márcia?

— Mal, meu filho. Muito mal. A Clarisse está presa no banheiro, agora. Não sabemos o que pode acontecer.

— Eu posso falar com ela? — pediu Natinho.

— Claro, filho. Vamos ver se ela quer falar com você. Foram até a porta do banheiro.

— Clarisse! — gritou sua mãe. — Clarisse! O seu amigo Natinho está aqui, e quer falar com você.

— Oi, Clarisse, posso falar contigo? — perguntou Natinho.

O silêncio que dominou o ambiente foi assustador. Já estavam assustados com o que tinha acontecido com Johnny e Lê, e estavam com medo da reação de Clarisse.

De repente, ouve-se um destrancar de chave. Clarisse falou, com uma voz arrastada:

— Entra aqui, Natinho.

Natinho balançou a cabeça para a mãe de Clarisse e entrou. Lá dentro encontrou Clarisse com diversas marcas de cortes em seu corpo. Seus tornozelos sangravam.

— O que você está fazendo? Me dê aqui esse canivete.

Clarisse entregou, passivamente, o canivete a Natinho. Parece que uma onda de paz havia entrado naquele banheiro. Clarisse abraçou Natinho. Chorou copiosamente.

— Está doendo, Clarisse?

— A dor é menor do que parece... Você viu o que aconteceu com a Lê? — falou Clarisse, gemendo.

— Eu vi, que coisa horrível, né, Clarisse? Abraçaram-se mais um pouco.

— Natinho, ninguém me entende.

— Não fala assim. Vamos lá para o seu quarto.

E Natinho a ajudou caminhar até o quarto. Pegou um pano com água e limpava os ferimentos de Clarisse.

— Natinho, quando eu me corto eu me esqueço que é impossível ter da vida calma e força. Não é fácil ter que ser forte a todo e a cada amanhecer.

— Mas, Clarisse, você tem que lutar. Todos nós temos nossos problemas, mas precisamos levantar a cabeça e procurar aprender alguma

coisa e melhorar nossa vida. Não adianta nada se entregar.

— Ah, Natinho, eu gostaria de ter a sua força.

Natinho colocou um cd no som portátil de Clarisse, penteou os seus cabelos, vestiu uma roupa mais animada. Clarisse até sorriu.

— Clarisse, eu estava pensando. De quando em quando é o novo tratamento?

— Ah, esse tratamento não está adiantando nada.

— Então, Clarisse, eu vou procurar um pessoal para te ajudar. Você quer? O silêncio imperou.

— Clarisse, se você não quiser eu não vou fazer nada. Depende só de você.

— Tudo bem, Natinho, eu aceito a sua ajuda. Só não sei como vamos poder pagar.

— Deixa isso comigo. Tenho uns amigos que terão prazer em nos ajudar. Pode ficar tranqüila. O que eu preciso é da sua palavra em querer melhorar.

— Natinho, você é um anjo. Quero te ver mais vezes. Você volta amanhã?

— Prometo que sim.

Quando Natinho saiu, Clarisse estava trancada em seu quarto, com seus discos e livros, mas já tinha se alimentado e estava melhor. Nem parecia a mesma Clarisse que ele encontrou. Natinho agradeceu a Deus por aquela mudança.

## Capítulo 12

### ALGUMAS AVENTURAS

---

João era um negro muito bonito. Era alto, forte e sempre bem produzido. Usava roupas caras, tinha carros novos, e convivia com os figurões da cidade.

Suas conquistas amorosas eram inúmeras, mas algumas eram marcantes. As mulheres sempre são atraídas pelo poder, mas no caso de João era o conjunto da obra. Status, dinheiro e carinho. A fama de João como um verdadeiro garanhão, era espalhada. Mulheres solteiras e casadas o procuravam.

Mas, João tinha o cuidado e o caráter de respeitar algumas virtudes. Não saía com mulher casada, mas não perdoava as solteiras. Não aceitava sair com moças virgens.

Era extravagante. Saía com mais de uma mulher ao mesmo tempo. Contratava festinhas particulares e realizava diversas fantasias que o dinheiro permitia.

Ao mesmo tempo suas conquistas cresciam. Mulheres e moças disputavam a sua presença. E muitas vezes disputavam tanto que saiam no braço, comparando-se uma a outra.

João, ao contrário, não se envolvia seriamente com nenhuma delas. Sempre tinha alguma preferência, mas não se completava com nenhuma, a ponto de querer um compromisso mais sério.

Gabriela era uma delas. Era uma morena alta, corpo escultural, dezoito anos. Apaixonou-se por João quando o viu em sua festa de aniversário. Foi amor à primeira vista. Pelo menos por parte dela.

Estava envolvida com João a pouco mais de seis meses. Nos primeiros dias era muito amor. João se dedicou mais tempo para Gabriela.

Em uma noite no apartamento de João, Gabriela se declarou para João. O tiro saiu pela culatra. João não queria envolvimento sério com nenhuma mulher e se afastou aos poucos. Mesmo assim, mantinha encontros com Gabriela, mas nada tão sério.

Gabriela participava das festinhas que João fazia. Não precisava nem ser convidada que já estava lá, maravilhosa, linda, em seus vestidos colados, com adornos de ouro, que o próprio João lhe havia dado.

— João, eu me apaixonei por você. Não sei viver sem você. Uma noite, Gabriela se revela.

— Gabi, eu também te amo.

João falou sem emoção, enquanto vestia suas roupas, preparando-se para mais um dia de trabalho.

— Não vá embora, fique um pouco mais. Ninguém sabe fazer o que você me faz.

— É exagero... — disse João.

— Pode até não ser. O que você consegue, ninguém sabe fazer.

— Deixa disso! Eu sou um cara normal. Você é que é maravilhosa. Linda, gostosa e perfeita. Você sabe satisfazer todas as minhas vontades. Você vai arrumar um cara e será muito feliz.

Gabriela não queria ouvir aquilo. Queria que João fosse esse cara. Mas sabia que precisava ir aos poucos, conquistando, se aquilo fosse o que o destino houvesse preparado para ela. Sabia que precisava manter a calma.

— João, como você aprendeu a ser tão experiente?

— Sempre fui muito malandro. Desde cedo eu já aprontava, já comia as meninhas. Ou elas me comiam, sei lá! Mas, uma coisa que me marcou muito e que ficou na minha cabeça foi a vez que um bêbado me falou, quando eu morava na Bahia, numa cidadezinha que nem existe no mapa.

— O que ele falou? — perguntou Gabriela.

— Simplesmente: “Quando você for transar, observe estas quatro regras: não tenha medo, não preste atenção, não dê conselhos e não peça permissão”. E eu tenho tentado seguir isso. Não tenho medo de enfrentar nenhuma mulher, nem topar qualquer desafio que ela fizer. Não presto atenção em mim, nem me preocupo com resultados, faço primeiro para a mulher, depois para mim. Não dou conselhos, porque eu acho que cada um sabe o que pode e não pode fazer. E faço tudo, na hora que tenho vontade, sem pedir permissão. Já pensou: Amor posso beijar sua boca? Seria ridículo.

— Onde mora este bêbado? Tenho que agradecer a ele... — brincou

**Gabriela.**

— Longe, muito longe... — João lembrou da Bahia. Há tanto tempo...

Gabriela lembrou-se da primeira vez. Estava linda. Sabia do seu poder de sedução. Foi fácil seduzir João. Ele era um garanhão.

A primeira transa foi apenas uma semana depois que eles se conheceram. Ela não era mais virgem, mas não era tão experiente.

Lembrou-se da conversa, ainda na cama. Ele só a conhecia por Gabi.

— Qual o teu nome?

— Gabriela.

— Qual o teu signo?

— Virgem.

— Quem modelou teu rosto?

— Meus pais. Me fizeram com tanto carinho...

— Teu corpo é gostoso...

— Você também é o máximo...

— Teu rosto é bonito.

E a beijou demoradamente. Parecia que nunca haveria um fim.

Mas houve. Não um fim como nos filmes de romance. Foi um afastamento.

Foi nessa época que Gabriela conheceu Leila.

Gabriela participava da gangue de João, mas não negociava drogas. João, a princípio, não permitiu que ela controlasse nada no Morro. Depois de algum tempo, deixou que ela fosse fazendo trabalho de suporte, posteriormente a contratando como auxiliar. Mas, a transferiu para o setor de Pablo.

Leila era uma menina muito bonita, comunicativa, que rapidamente conquistou Gabriela. Fizeram uma amizade muito forte. No Morro, era a melhor amiga de Gabriela.

Um mês depois, João ficou curioso com aquela garota que estava freqüentando suas festinhas como convidada de Gabriela.

— Quem é essa garota, Gabi? — perguntou João.

— Ela é a Leila. Ela me disse que trabalha no Correio.

— Ela é bonita. Vamos precisar dela para um trabalho. Será que ela

topa? — perguntou João.

— Ela é legal. Compra do nosso pó, mas não é viciada. Compra mais para o namorado.

— Ela tem namorado?

— Ela namora um menino eletricista. Estão falando em casamento, mas ela me disse que não quer se casar.

— Por quê?

— Não tem certeza... Ainda é nova. Não tem certeza de que quer viver o resto da vida com esse cara.

— Quero conhecê-la. Quero que me apresente... — pediu João. Gabriela foi até a Leila, conversou com ela e voltaram.

— João, esta é a Leila.

— Prazer, Leila, seja bem vinda — disse João.

— Prazer. Obrigada.

— O que você faz da vida, Leila?

— Eu trabalho no Correio. Vivo andando para cima e para baixo.

— É mesmo. Qual o bairro que você trabalha.

— Aqui no centro mesmo.

— Você quer fazer um bico, aqui para gente? — perguntou João.

— Um bico? O que você quer dizer com isso?

— Ah, sei lá, gostei de você. Depois a gente conversa melhor, falou?

— Tudo bem. Foi um prazer.

— Para mim também. Fique à vontade. Vou conversar um pouco com a Gabi. E, pegando no braço de Gabriela, foram para outra sala.

— Gabriela, depois eu falo o que pretendo. Por enquanto, quero que você converse com a Leila e a deixe à vontade. Quero contratar ela e o namorado. Peça que os dois venham amanhã à tarde, aqui no Morro. Pode ser?

— Claro, João. Você não quer me falar o que pretende?

— Ainda não. Depois eu lhe falo. Não é nada de mais. Fica tranquila. Se são seus amigos, também são meus amigos.

— Ah, João, você é demais. É por isso que eu te amo... — falou Gabriela, abraçando-o.



— Eu também, Gabi. E saiu.

Gabriela encontrou-se com Leila e ficaram conversando.

— Leila, se o João gostou de você é bom sinal. Ele ajuda a todo mundo de quem ele gosta. Você vai ver.

— E por quê ele quer ver o Alex?

— Sei lá. Vocês não estão namorando? Ele quer ajudar os dois.

— Ah, tudo bem. Amanhã a gente vê o que ele pretende.

João, sabendo que os dois usavam drogas, usou o pretexto de venderem o produto entre os seus colegas, e com isso ganhariam algum dinheiro. Facilitou bastante as coisas para eles.

Ninguém entendia a bondade de João com os dois, mas João estava planejando algo bem grande. João estava planejando o roubo na fábrica que ficava na rua em que Gabriela trabalhava. Isso bastava.

Mas, João só conversava sobre o roubo com quem estava por dentro dos planos. A princípio precisava confiar nos dois para ver até onde poderia usá-los.

João tinha concordado com o roubo à Fábrica com alguma relutância. Seus amigos o convenceram.

— João, o que você sente não é nada perto da emoção de um roubo desse tamanho — diziam seus amigos. Nenhum dos quatro amigos de João precisaria roubar a Fábrica. A emoção, o prazer da aventura era que os estava fazendo agir daquela forma. Eles já tinham dinheiro, tinham pais ricos, usavam drogas à vontade, mas, depois que souberam o que aconteceria naquela fábrica, resolveram se dar bem para o resto da vida.

Um dos rapazes era amigo do filho do dono da Fábrica, que era um político muito influente na cidade. Em uma noite de bebidas e drogas, o rapaz acabou entregando todo o esquema. Ele havia dado todos os detalhes. Haveria um grande pagamento envolvendo alguns milhões de dólares. O dinheiro ficaria na Fábrica apenas uma noite, até a manhã seguinte, quando seguiria de avião para outro país.

O negócio estava envolvendo alguns políticos desonestos. Nenhum deles poderia fazer movimentação do dinheiro diretamente no Brasil.

— João, com o seu poder, com a sua estrutura, vai dar para fazer tudo

**direitinho. Vamos fazer um roubo bem feito.**

**— Mas eu nunca fiz isso. Não, nessa proporção. E eu estou muito bem da forma que estou — respondeu João.**

**— Parece que você está com medo. Lembre-se, João: A primeira vez é sempre a última chance.**

**João não tinha nada a perder mesmo. Com a sua influência poderia fazer o que queria. E seus melhores amigos, os rapazes mais ricos da região, estavam envolvidos, por quê ele não participaria? Depois de certo tempo, ele resolveu participar:**

**— Vamos lá, tudo bem, eu só quero me divertir...**

**A preparação do plano foi toda feita no Morro. João acionou as pessoas que podiam ajudá-lo no sucesso do roubo.**

**Dois policiais, Pablo, cinco membros de sua gangue, e os quatro rapazes que estavam já envolvidos.**

**Leila ajudou João conseguindo informações sobre a vigilância da Fábrica. Ela chegava com sua simpatia e conversava bastante com o pessoal que trabalhava na portaria da Fábrica. Como funcionária do Correio, aquilo foi bem fácil. Ela conseguiu informações importantes.**

**Alex, seu namorado, faria parte da turma que entraria no assalto. Como ele era eletricitista, seria o responsável pela parte elétrica, como desligar alarmes, etc.**

**Fernando e Gabriel seriam os motoristas. Eram os melhores pilotos que João tinha e eram de total confiança.**

**Jaime e Marcos fariam parte da turma barra pesada. Eram pessoas que já haviam participado de diversas manobras do tráfico do Morro. Eram pessoas inteligentes que saberiam agir em caso de necessidade.**

**Os amigos de João, os quatro, seriam participantes diretos, sendo da linha de frente. Era o prazer, não o dinheiro, que os incentivava.**

**Na véspera do roubo, se reuniram para ver os últimos detalhes.**

**Todos os que iriam participar do roubo estavam presentes. Inclusive Henrique.**

**— Pessoal, este aqui é Henrique, que vai trabalhar no roubo da Fábrica. Ele é segurança e vai trabalhar na noite que formos entrar no prédio.**

Todos olharam para Henrique e ficaram satisfeitos em saber que alguém da segurança estava participando do roubo. Ficaram mais confiantes.

— Quem guarda os portões da Fábrica? — perguntou João.

— Há dois seguranças sempre — explicou Henrique. — Trocam de turno a cada seis horas. Amanhã, eles mudarão de turno de quatro em quatro horas. Exatamente à meia-noite haverá uma troca. Eu entro neste horário e acho que é aí que devemos agir.

E ficaram passando todos os papéis, quem deveria fazer o quê. Após a reunião, houve uma oferta de bebidas e drogas, por conta de João.

Já estavam comemorando há quase uma hora, quando Cláudio, um dos seus amigos ricos, ofereceu heroína para João:

— João, você já usou isto? — e mostrou o material.

— Heroína? Não. Estou satisfeito com meu pó...

— Então você não conhece nada. Quem nunca usou heroína não sabe o que é voar...

— Eu já vôo muito com meu produto.

— Se você quiser, tenho mais aqui. Dá para dividir. — ofereceu Cláudio.

João já estava meio bêbado, e o efeito do pó já estava passando. A vontade de usar a maldita heroína era imensa. Ainda mais quando ele viu que Cláudio iria usar.

— Tudo bem, vamos lá.

João voou. Não sabia que o efeito da heroína era tão bom. Como aquilo o satisfazia! Foi a sua primeira, de muitas vezes.

No outro dia, perto da meia-noite já estavam se preparando para atacar. Tudo aconteceu como combinado.

Alguns dos rapazes pegaram Henrique perto de sua casa. Como era habitual, Henrique ficou de passar na casa de João Luiz, que iria trabalhar com ele naquele período, e iriam a pé para o trabalho. João Luiz morava perto da Fábrica e ia andando para o trabalho.

Devido aos assaltos que ocorriam, eles sempre andavam juntos. Tanto na entrada quanto na saída do trabalho.

Só que nesse dia, quando iam passando por uma esquina, os rapazes atacaram-nos, acertando principalmente João Luiz, que desmaiou e foi

carregado para um carro. Marcos iria substituí-lo no plantão.

À meia-noite houve a troca de segurança. Jorge e Marcos substituíram os seguranças que estavam saindo.

Um dos seguranças desconfiou e perguntou:

— Você é novo? Não te conheço!

— Oi, eu sou o Marcos. Trabalho na outra filial, mas me transferiram para cá, hoje. Acho que é por pouco tempo.

— Prazer. Seja bem-vindo — falou o segurança, saindo.

Assim que os dois seguranças foram embora, o plano começou. Houve a chegada dos carros com o restante do pessoal. Alex desligou todos os alarmes. Os rapazes entraram pela porta que havia sido aberta por Jorge e não deram chance ao restante dos seguranças de se defenderem. Todos os seguranças que trabalhavam internamente foram surpreendidos e amarrados. Apenas um deles reagiu e foi morto no local. Tudo corria bem, quando escutaram o barulho de carros do lado de fora. Houve tiroteio e um anúncio:

— Saiam com as mãos para cima. Vocês estão cercados. Era a polícia. Algo havia dado errado. O que seria?

Tentaram por meia hora uma negociação, tendo os vigilantes como reféns, mas não adiantou. Eles não eram ladrões profissionais para negociarem com a polícia. Renderam-se. Todos foram presos.

## Capítulo 13

### PRIMEIRA VEZ NO INFERNO — A PRISÃO

---

João não entendia o que havia dado errado.

— O que deu errado? Onde vazou? — perguntava João, para Cláudio e Marcos, que iam no mesmo carro que ele.

— Alguém nos dedurou... — falou Cláudio, também sem entender.

Eles não sabiam, mas o segurança que havia saído, suspeitou do novo vigilante e acionou a polícia, quando chegou em casa. Era só uma suspeita, mas que resultou na prisão de todos os envolvidos.

O seu camburão chegou à delegacia. Com muita brutalidade, João foi fichado e levado para uma cela. Ninguém conhecia João naquele meio. Trataram como um criminoso normal. Não o reconheceram como o poderoso traficante, o todo-poderoso de Brasília.

Foi colocado em uma cela, onde passou todo o tipo de humilhação. A princípio apanhou tanto que pensou que ia morrer. Todos os presos antigos o humilharam. Faziam-no ajoelhar, davam tapas na sua cara, chutes em sua barriga.

Quase sem forças, ainda foi estuprado. Era a violência que ele não conhecia. Ouvia falar, sabia que existia, mas não conhecia.

Dois dias depois ainda estava em estado de choque pelo que tinha passado.

Só com a visita de seu advogado foi que souberam quem era João de Santo Cristo. Uma parte da cela simpatizou com João e outra parte não gostava, devido a algum problema que eles já haviam tido no passado.

Os advogados de João tentavam a todo custo tirar João da prisão, mas estava difícil, já que a repercussão do roubo junto à mídia fora enorme. A notícia se espalhou como uma bomba no meio social. Diversos rapazes, ricos e de boa família haviam sido presos por roubo a uma fábrica.

E nem se noticiou o que havia de tão importante na fábrica. A mídia falava de um roubo a fábrica de determinado político, mas não especificava o que havia sido roubado, quanto havia de dinheiro no prédio, nem dava

maiores detalhes. É claro que os políticos manipularam as notícias.

Essa agonia durou quase um mês.

João passou vinte e nove dias na prisão.

João voltou humilhado para o Morro. Pablo ainda estava preso e o comércio havia parado. Todo o sistema de tráfico havia sido prejudicado devido a João e Pablo terem se afastado. Alguns funcionários ficaram receosos de que a polícia iria estourar o Morro, mas Natinho, assim que soube da prisão, mandou limpar completamente o prédio.

Natinho telefonou aos advogados, fez os contatos com outros estados e deixou tudo parado até que fossem libertados os seus amigos, o que ele esperava acontecer nos próximos dias.

Pablo foi libertado um dia após João. Um mês afastados fez com que João e Pablo repensassem o modo como viviam.

Pablo se enclausurou. Parou de freqüentar as festinhas que aconteciam, e recusava a todos os convites que faziam.

João, ao contrário, se revoltou. Queria matar a todos os que fizeram sua humilhação no presídio.

Natinho, que agora ficava ainda mais perto de João, tentava amenizar o ódio que João sentia.

— João, não vai adiantar nada. Você não vai conseguir voltar ao passado e curar as feridas.

— Mas vou fazer com que esses desgraçados não façam isso novamente com outros coitados.

— Você precisa se acalmar... — falava Natinho.

— Acalmar? Você vai ver o que é se acalmar... Não estou preocupado com o que eles fizeram com meu corpo. Você acha que está doendo, que ficou marcas? Natinho, é uma dor que dói no peito, dói no coração.

E deu ordens:

— Natinho, quero saber quem estava naquela cela. Quero saber quem está do meu lado e quem está do outro lado. E quero o mais rápido possível.

— Tudo bem, João, eu vou conseguir para você, fica tranquilo. João sorriu. Já sabia o que iria fazer.

Desceu ao escritório de Pablo.

— Pablo, como estão os negócios?

— Sei lá, João. Só tem cinco dias que a gente saiu de lá. Parece que o mundo deu uma guinada, perdemos alguns pontos, alguns que se diziam amigos fugiram, funcionários nos abandonaram. Está meio bagunçado.

— E você, Pablo? — perguntou João.

— Eu... Sei lá... Tem hora que quero abandonar tudo e ir embora, tem hora que quero vingança... Ainda estou confuso...

— Pablo, eu vou aprontar para cima dos caras. Vamos?

— Ah, João. Eu estou fora. Faz o que você quiser, onde eu puder ajudar eu lhe ajudo, mas eu não vou sair dessa sala para fazer nada...

João deu a volta na mesa, pegou na mão de Pablo e disse:

— Pablo, você está conhecendo um outro João. A partir de agora eu sou outra pessoa e vou fazer de tudo o que for possível para me vingar daqueles safados. A primeira coisa que quero que faça é conseguir engrenar o Morro, novamente. Faça esta empresa funcionar.

— Quanto a isso, João, deixa comigo. Vamos ser maiores do que éramos.

E voltaram ao negócio. Pablo tomou as providências necessárias para normalizarem as atividades do tráfico.

Os jornais, a partir deste dia e durante uns dois meses anunciavam em manchete uma série de crimes que estava acontecendo contra alguns bandidos da cidade.

Só quem era mais chegado sabia que era João que estava se vingando. Um a um, aqueles que o humilharam na prisão, estava morrendo. E João fazia o serviço pessoalmente, dando o último tiro, em muitos casos.

Natinho virou o braço direito de João, mas não concordava nem participava dos crimes que João andava fazendo.

Quando João saiu da prisão, refez seu grupo, agora mais bem armado e com pessoas diferentes. Alex começou a participar mais ativamente do grupo. Leila e Alex acabaram o namoro, devido à série de problemas que eles já vinham tendo e por ela não aceitar a participação no novo grupo de João. Sabia que eles partiriam para uma violência maior do que estavam acostumados. E isso poderia ter conseqüências desastrosas. Aliás, o namoro

já não estava tão legal, mesmo.

Gabriela não mais se encontrava com João. Fez, com Leila, uma amizade enorme. Aonde uma ia, a outra estava também.

— Gabi, você está tão triste — comentou Leila.

Estavam no Parque da Cidade, vendo os pássaros, e sentindo o sol bater em suas peles, mesmo com o frio que fazia.

— Sei lá... Estou me sentindo tão sozinha... — disse Gabriela.

— Isso é paixão, Gabi — brincou Leila. — Sabe, eu fico pensando de vez em quando. Se um dia eu for rica, quero fazer que nem essas dondocas que existem por aí. Ir pegar os filhotes na escola. Ouvir Coltrane.

— Fumar unzinho!?! — riu Gabriela.

— Claro! Isso não pode faltar. O que você acha?

— Você sabe que eu não faço mais isso, mas entendo muito bem... Acho que é um sonho secreto de todo mundo. Nunca pensei nisso. Nunca sonhei com esta liberdade.

Gabriela lembrou-se de João, do tempo que ele dava todo o seu amor para ela. Lembrou-se do tempo que tinha só um pouco de João, mas era melhor do que agora, que não tinha mais nada. Depois que João se envolveu com a sua vingança, não ligava mais para ela.

— Por quê você ficou triste, Gabi? — perguntou Leila, vendo a mudança da amiga.

— Ah... Nada não... Lembrei de bobagens... Do passado...

— Do João?

O silêncio de Gabriela falava por ela.

— Adoro seus cabelos... — diz Leila, fazendo carinho em seus cabelos. — Adoro a tua voz. Por quê será que você não dá sorte com nenhum cara?

— Sei lá, devo estar agindo errado.

— Às vezes as coisas são difíceis, minha amiga...

— Eu sei, Leila, eu sei...

— Sabe, Gabi, acho que eu preciso de um homem...

— Ah, Leila, eu também!

E ficaram rindo do que falaram.

Enquanto isso, João conversava com Natinho, em sua casa. Eram



quatro horas da tarde.

— Natinho, esses seus amigos vêm? — perguntou João.

— Ficaram de vir, João. Você vai conhecer pessoas maravilhosas, você vai ver.

— Só vou conversar com eles porque são seus amigos, senão, você sabe, esses negócios de compra e venda é lá com o Pablo.

— Eu sei, João, mas o que lhe custa conversar com os caras.

Eduardo e Mônica ficaram de visitar João, a fim de comprar uma casa. João e Pablo tinham bastante imóveis, alguns comprados e outros recebidos como pagamento do tráfico. Natinho era muito amigo do casal e fazia questão que João os conhecesse. Sabia que, para efetuar o negócio, nem precisaria da presença de João, mas achava que os dois eram uma boa influência na vida de João, que estava muito violento, ultimamente. Às quatro e dez o casal chegou. Natinho os recebeu e os apresentou a João.

— João, esse é o Eduardo, meu amigo que lhe falei. E esta é a Mônica, esposa de Eduardo.

— Oi, muito prazer. Como estão? — João os cumprimentou, cortesmente.

— Tudo bem, João? Natinho nos fala bastante de você, e ficamos muito curiosos em lhe conhecer — falou Eduardo.

— Espero que esteja falando bem... — brincou João.

— Claro — falou Mônica. — Se você soubesse como ele idolatra você... Parece que o considera mais que o pai dele.

— Nem tanto — falou Natinho.

Conversaram sobre diversas coisas até que João puxou o assunto.

— Eduardo, o Natinho falou que você está interessado em comprar uma casa.

— Pois é, João, ele estava falando que você tem alguns imóveis para venda, e nós aproveitamos esta desculpa para te conhecer.

— Você queria uma casa em que bairro? — perguntou João.

— Na verdade, eu e a Mônica estamos montando um consultório. Uma coisa pequena, mas que tivesse a nossa cara. Não sei se você sabe, mas ela é médica e eu sou psicólogo. Resolvemos fazer um trabalho em conjunto, cada

um saindo de seu emprego atual. Já estamos planejando isso há um tempão e só agora conseguimos juntar algum dinheiro para realizar. Nós queríamos trabalhar aqui perto, você tem alguma coisa?

— Tenho um ponto aqui perto que cairia como uma luva para uma clínica.

E ficaram conversando sobre a localização do ponto, o que poderiam fazer, valores, etc. Até que Eduardo resolveu comprar o prédio. Estava tudo acertado.

— João, você é muito simpático. Gostei bastante de você. Agora sei porque o Natinho vive falando seu nome — disse Eduardo.

— Natinho fala demais — brincou João. — Mas o Natinho é meu melhor amigo. Gosto muito dele também.

E abraçou Natinho, levantando-o no ar. João era bastante forte e Natinho bem menor e mais magro. Sofreu nos braços de João.

— E vocês, estão casados há muito tempo? — perguntou João.

— Já! Faz mais de dez anos que a gente mora junto. — Tem filhos?

— Temos gêmeos. Já tem nove anos. Dois meninos maravilhosos. E você João, é casado?

— Ainda não. Ainda não achei quem me tolere... — brincou.

— Que é isso... Mulher chove nos pés desse cara... Ele que é durão e não quer ninguém — disse Natinho. — É um garanhão!

João sorriu.

— Mas estou esperando aquela que vai me prender. Dizem que todo sapo tem sua sapa.

— Ah, ah, ah... No seu caso seria o quê? Uma sapa linda? — falou Mônica.

— Deixa disso... Estou com ciúmes... — brincou Eduardo. — Mudando de assunto, vocês viram que chato aconteceu com o Johnny?

— Muito chato. A gente tava lá, na hora do acidente, não é João? — falou Natinho.

— É... Foi muito chato mesmo... O cara era muito legal, eu gostava para caramba dele.

— E a Lê, hein? — falou Mônica. — Estava com aquele segredo o tempo

todo. Eu não sabia de nada. E olha que eu conversei bastante com ela e ela não me disse nada...

— Acho que ela deveria ter falado com o Johnny. O Johnny era legal e iria entender. Acho que perdemos dois amigos por falta de diálogo.

— Depressão é duro, gente — falou Natinho. — Eu tive uma crise no ano passado que eu vou falar para vocês, só quem passa sabe o que pensa. Eu só pensava em tirar minha vida. Achava que isso resolveria os problemas.

— Mas não adianta — falou João. — O suicídio não resolve nada.

— Ainda estou com medo da Clarisse. Ela estava tão mal — falou Mônica.

— Você encontrou com ela esta semana? — perguntou Natinho.

— Esta semana, não. A última vez que a vi foi na época do acidente.

— Ah, então você vai ter uma surpresa... — falou Natinho. — Ela melhorou bastante. Conseguimos, eu e o João, levantar sua moral.

— Eu? — perguntou João, surpreso.

— Você está pagando o tratamento dela naquela clínica, você esqueceu?

— Ah, é mesmo... Eu não sabia que era para ela...

— E como você conheceu a Mônica — perguntou João, de surpresa para Eduardo.

— Ah, faz tanto tempo — falou Eduardo. — Parece que foi numa festa...

Como foi, Mônica?

— Esqueceu? Foi naquela festa do Jaiminho...

— É mesmo! Fiz de tudo para chamar a atenção da Mônica.

— A gente tinha tanta coisa diferente e acabou dando tudo certo.

— João, essa menina me ensinou quase tudo o que eu sei — falou Eduardo, abraçando Mônica. — Quando nos conhecemos ela era bem mais esperta que eu. Eu era um moleção. Ela é mais velha que eu. Se formou primeiro, já andava e eu engatinhava.

— Que engraçado... É mesmo? — perguntou João.

— Se é? Ela fazia muitos planos, e eu só queria estar ali, sempre ao lado dela. Fui aprendendo os macetes da vida. A gente fez muita coisa juntos.

— Evoluímos... — brincou Mônica.

— Já tivemos bastante aventuras. Viajamos, fizemos cursos, um monte

de coisa. Você viaja muito, João? João parou e percebeu que não viajava, mesmo tendo condição.

— Não, Eduardo, eu quase não viajo.

— Você precisa viajar. Você precisa conhecer o Brasil. Tem cada lugar incrível. Nossas praias, montanhas, vales. O Brasil tem tanta diversão. Já fizemos tanta coisa. Voamos em balão, de asa delta, até descemos corredeiras de caiaque.

— Conta daquela vez que pulamos de Bungee Jump... — falou Mônica.

— Foi lá no Ceará. Ela insistia que eu pulasse e eu insistia que ela pulasse. Aí ela disse: “Você tem medo!” e eu disse: “Quem tem medo é você!”. Ficamos nesse empurra-empurra e o cara nos convenceu a pularmos juntos. Pulamos. Quando a gente foi conversar...

— ...Os dois estavam morrendo de medo... — completou Mônica.

— As minhas diversões eram diferentes — falou João. — Sempre fui beberrão, briguento e curti outras coisas. Se fosse lembrar do passado só podia lembrar da primeira vez que briguei, da primeira vez que bebi, etc.

— E como foi a primeira vez que bebeu? — perguntou Eduardo.

— Ih... Aquele gosto amargo ficou na minha boca por mais tempo do que eu gostaria... Foi terrível... — e todos riram.

— E vocês vão viajar este ano? — perguntou Natinho a Eduardo e Mônica.

— Este ano, não. O nosso filhinho está de recuperação e nós não poderemos... Já pensou no que é uma família? E todos riram.

— Eduardo, vamos embora? — perguntou a Mônica.

— Ainda é cedo! — falou João. — Gostei muito de vocês.

— É que a gente ficou de ir no cinema — falou Mônica. — Que horas são, Edu?

— Já são quase nove. Nossa! Como o tempo passou rápido!

— Vamos perder o filme...

— Calma. A gente chega na sessão das dez...

— Está cedo ainda...

— Está nada, João.

— Então apareçam mais vezes. A gente precisa se conhecer mais...

— Tudo bem!

— Então você vem no dia que marcamos com o Pablo para acertarmos tudo sobre a casa, ok?

— Ok, João.

E despediram-se.

— Natinho, que pessoas legais. Se você tiver mais amigos assim, eu quero conhecer. Parece que a gente nem vive do modo que vive. São tão alegres, né?

— E como são, João. Mas todos nós podemos ser assim, basta a gente procurar...

— Tenho algumas coisas a fazer, Natinho, mas, neste verão nós vamos viajar. Vamos para uma praia na Bahia. Que tal Porto Seguro?

— Não conheço Porto Seguro...

— Então vamos nós dois... Neste verão nós vamos para Porto Seguro.

## Capítulo 14

### TEMIDO E DESTEMIDO

---

Ainda naquela noite.

— Natinho, chama o pessoal que temos uns negócios a acertar.

— Quem, João?

— Chama os quatro. O Alex, o Rodrigo, o China e o Mundo. Chame eles porque hoje quero dar uma supervisionada no serviço dos pontos. Depois da prisão, deu uma diminuída. Quero animar o pessoal.

“Os quatro” era como João se referia ao seu grupo predileto. Eram pessoas de sua confiança, fortes e que não tinham medo de nada. Eram corajosos a ponto de obedecer cegamente a uma ordem de João. Cada um deles já tinha alguma morte no currículo.

Meia hora depois estavam na rua. O primeiro ponto estava correto. O pessoal atento, sem usar drogas, como João mandava. Só usassem mais tarde, quando fossem parar o movimento.

João inspecionou um a um os pontos de venda de drogas que ele mantinha na região. Em dois pontos ele teve problemas.

Em um dos pontos João parou um pouco afastado do local e percebeu que tinha gente suspeita rondando o movimento. Demorou um pouco e mandou o China comprar alguma coisa do cara.

China foi, como se fosse um viciado.

João viu o China encostar no cara, conversar alguma coisa e voltar para o carro. Entrou no carro e mostrou ao João que alguém estava passando drogas no ponto de João.

Vamos pegar aquele rapaz. China voltou para conversar com o cara, enquanto o carro era ligado e encostava-se a ele. Rapidamente, o rapaz foi jogado dentro do carro. Levaram-no para um campo abandonado, onde era comum o encontro de traficantes e seus clientes.

— Qual o seu nome, rapaz?

— Esdras — falou o rapaz, preocupado. — O que vocês querem? É assalto? Toma o dinheiro...

— Que assalto, cara! Quem te mandou vender droga ali, no meu ponto?  
— perguntou João. O rapaz entendeu onde havia entrado.

— Olha, cara, foi só hoje. Eu estava de bobeira e precisava vender alguma coisa para poder usar.

— Eu acho que você está mentindo.

João deu um murro no estômago do rapaz que caiu no chão, gemendo.

— Acho melhor você falar a verdade, senão você não sai daqui vivo... O rapaz percebeu que não tinha muita coisa a fazer.

— Eu recebi o produto de uns amigos. Eu vim do Rio de Janeiro. Um pessoal me trouxe aqui e foi embora. Eu devia um dinheiro para eles lá no Rio e eles me trouxeram para cá, para vender para eles, até pagar a conta.

— E quem mais veio com você?

— Só mais um cara. Eu nem conheço. Está lá na outra rua. Daqui a pouco a gente vai embora. Estamos morando juntos.

João se preocupou.

Deixou Alex e Rodrigo no campinho e foram atrás do outro.

Levaram o rapaz no carro até onde ele disse que estava o outro rapaz. Se não fosse verdade, o matariam ali mesmo.

Era verdade. Lá estava o outro cara, perto de outro ponto de venda. Da mesma forma, empurraram-no para dentro do carro o levaram para o campinho.

— O que você estava fazendo ali, meu chapa? O que você estava fazendo no meu ponto? — gritou João.

— Pode falar, que o seu amigo já se abriu — disse China.

O rapaz percebeu que estava em perigo. Quando ia falar, Alex deu um murro em seu rosto. João segurou Alex e mandou ele ficar quieto.

— Esse safado... — disse Alex.

João ficou surpreso com Alex. Nunca era tão violento espontaneamente. Sempre esperava ordens, mas, hoje, estava tomando a liderança.

— Fica quieto, Alex — falou João. E virando-se para o rapaz: — Fala, cara, se não quiser coisa pior. E o rapaz falou a mesma coisa. Era mandado do Rio de Janeiro.

— Escuta, rapaz — gritou João, para Esdras. — Você vai voltar para o

Rio de Janeiro e dar um aviso aos seus amigos. Virou para o segundo rapaz, e, a sangue frio, deu um tiro na testa dele, que caiu morto instantaneamente.

— Volta lá, e fala para esses caras para que eles não apareçam mais por aqui, senão a coisa vai ficar feia para o lado deles. Eu não quero ver a sua cara nem a de nenhum amigo seu por aqui. Entendeu?

O rapaz estava em estado de choque.

— Entendi... Entendi...

E saiu em desabalada carreira.

João não sabia que teria problemas terríveis no futuro. Ah, se ele tivesse bola de cristal...

No outro dia ele falou com Pablo.

— Pablo, quero que você observe o que está acontecendo. Ontem à noite tive que tomar as providências de expulsar dois caras do ponto nove. Estou achando que alguém está tentando entrar no nosso comércio.

— João, foi você quem matou aquele cara do campinho?

— Foi, sim. Quem te falou?

— O pessoal de lá. Não entendi nada, mas agora estou compreendendo.

— Pablo, tinham dois caras vendendo drogas no nosso ponto. Eu matei um e mandei o outro dar o recado de que aqui quem manda é a gente. Mas, eu não sei quem são os chefes deles. Parece que eles estavam só de olho como funciona o nosso esquema.

— Vou ficar de olho, João. Deixa comigo.

— Ah. Na próxima semana vou passar uns quinze dias em Porto Seguro, na Bahia. Eu iria só daqui a um mês, mas resolvi ir logo. Você fica de olho se aparece alguma novidade e me telefona, caso encontre algum suspeito. Você sabe que eu volto aqui na hora, e arraso com qualquer um que queira se intrometer.

— Eu sei, João. Só não sei se esse é o método certo, entendeu?

— O quê? Violência? A violência é tão fascinante...

— João, cuidado, você não pode ser tão violento...

João não ligou para o que Pablo disse e saiu. Estava preocupado com quem eram os chefes dos rapazes, mas achava que com a morte de um e a expulsão do outro o assunto seria encerrado. Encontrou-se com Natinho.



— Natinho, providencie o que for necessário para passarmos uns quinze dias em Porto Seguro. Leve meu carro para um check-up, pois vamos nele. Providencie todas as reservas e o que for necessário. Vamos ver se viajar é bom mesmo.

— Ok, João. Quem mais vai com a gente?

— Ninguém. Vamos só nós dois. Lá não vai faltar companhia. Já escutei muita coisa desse lugar.

— Falou, João. Vou falar com o Eduardo para ver se eles nos indicam alguma coisa. Uma semana depois estavam em Porto Seguro.

## Capítulo 15

### A VERDADEIRA PAIXÃO

---

Em Porto Seguro deu tudo certo. Com as dicas de Eduardo tudo foi melhor. Em primeiro lugar ele mandou os rapazes ficarem no Arraial d'Ajuda, onde o índice de drogas e mulheres era muito maior do que Porto Seguro. Eduardo disse: “A juventude fica no Arraial. Os velhos em Porto Seguro”. E realmente era verdade.

— Natinho — disse João, de papo para o ar, na praia. — Eu sou um pássaro. Me trancam na gaiola. Aqui, não! Aqui estou livre. Que delícia!

— Não te falei que você ia gostar?

— Estava precisando disso. Nada como umas férias. Você viu como aqui tem mulher bonita?

— E não estamos nem na temporada.

— Rapaz, quanta bunda!!!

E João ficava admirando o que ele mais gostava: mulheres. No final da primeira semana, João e Natinho já conheciam todos os macetes do Arraial d'Ajuda. Sabia que na Broduei, a rua dos bares, era fácil encontrar um baseado. Depois, a caça às garotas acontecia entre a Broduei e o Shopping, um pequeno comércio do local, onde havia uma série de bares. João rodava entre os bares até encontrar a garota que ele queria. Era um garanhão. Chegava a namorar até três garotas em uma noite.

Natinho ficava mais tranqüilo, apenas acompanhando João nos baseados e na bebida. Na hora da caça, cada um por si, mas Natinho era tímido e ficava na dele.

— Vamos lá, Natinho, tanta mulher e você aí, devagar para caramba... — dizia João, brincando com Natinho.

— Deixa para lá, João, na hora certa a minha princesa vai aparecer — se desculpava Natinho.

À tarde, João gostava de ir para a Barraca do Parracho. Era a barraca de praia mais movimentada do Arraial. Lá, escolhia sua mesa e descia bebida, tanto para ele quanto para os amigos nativos. Em poucos dias João já tinha

uma amizade muito grande.

Mas, naquele domingo, tudo mudou. João estava há pouco mais de meia hora na praia. Já passava das três horas quando apareceu aquela morena. Cabelos longos, corpo escultural, olhos verdes. Era uma mulher linda, que se destacava muito das outras, parecendo ter um brilho diferente de tanta beleza.

Ela chegou, escolheu uma mesa afastada a três mesas de João, colocou sua bolsa na mesa, tirou os óculos escuros, balançou a cabeça, arrumando os cabelos. De costas para João, levantou a sua camiseta, lentamente, tirando-a.

Ainda de costas, abaixou lentamente sua saia, revelando um pouco mais de sua beleza.

João parecia hipnotizado por aquela mulher. Bronzeada, parecia uma deusa. Viu quando ela estendeu uma toalha sobre a cadeira de sol e se deitou, de bruços. João não percebia malícia naquela mulher, era uma coisa natural.

João tremeu na base. Nunca houve uma mulher que João não conseguisse conquistar, mas essa mulher era especial.

Precisava preparar alguma coisa a mais, porque ela merecia.

Pensou em como se aproximar. Após alguns minutos que ela estava em sua cadeira viu quando outro rapaz se aproximou, puxando conversa. A mulher tinha o sorriso mais lindo que ele já vira. Mas, estava acompanhada.

João percebeu que não teria chance, até que o rapaz levantou-se e saiu. A mulher continuava natural, com seu rosto demonstrando muita calma, sem aborrecimentos. Era sinal que conhecia o rapaz que havia se aproximado.

João se levantou e sentou-se na cadeira ao lado dela.

— Oi — falou João.

— Oi — ela respondeu.

João engoliu seco. Que voz maravilhosa.

— Venho todos os dias aqui e nunca te vi. Quando você chegou?

— Cheguei hoje — ela respondeu.

“Ela parece não querer conversa”, pensou João, “mas porque está sorrindo?”

— Você é de onde?

Ela ficou séria por um instante.

— Qual o seu nome? — ela perguntou.

— João. João de Santo Cristo.

— Eu sou Maria Lúcia. Você é de que estado?

— Eu sou de Brasília... E você... — João parecia um boneco nas mãos de Maria Lúcia.

— Que coincidência. Eu sou de Goiás...

Maria Lúcia voltou a sorrir. E João voltou a dominar.

— Você está tão... bronzeada... Você chegou hoje?

— É que estava há dez dias em Morro de São Paulo. Conhece?

— Não... Ainda não... — respondeu João, perdendo o domínio, novamente.

— Você está de férias?

— Mais ou menos. Tenho um comércio próprio e resolvi passear por uns dias — João resolveu esnoabar um pouco. — Sabe como é, né, devemos gastar um pouco, de vez em quando, e não só ganhar... Né?

Maria Lúcia voltou a ficar séria. Não respondeu a João. João percebeu que aquele tipo de demonstração de poder não a conquistaria.

De repente, o rapaz que cantava na barraca começa a tocar uma música famosa, que fala das areias de Itapoã. João percebeu que Maria Lúcia prestou mais atenção à música.

— Que música linda, não? — perguntou João.

— Linda... Dá vontade de voar...

Falou assim e parecia indefesa. João neste momento queria tê-la nos braços, apertá-la e protegê-la. João olhou para Maria Lúcia e não soube reagir.

— Você é tão diferente — João falou.

— Diferente? Como?

— Eu não sei... Eu me sinto tão bem ao seu lado... Parece que te conheço a tanto tempo, mas ao mesmo tempo não sei nem ao menos reagir ao seu encanto.

Maria Lúcia sorriu. Um sorriso sedutor, que faria qualquer homem se entregar completamente.

— Olha, João, eu digo o mesmo. Parece que te conheço de algum lugar. O que você faz em Brasília. Não me diga que é Deputado? — brincou.

— Tenho uma empresa. E uma série de imóveis. Na verdade, sou sócio de um amigo, inclusive ele está no controle dos negócios, agora, enquanto estou aqui, de papo para o ar.

Maria Lúcia ficou novamente séria. João notou que não a conquistara, como achava, a poucos instantes.

— Mas é por pouco tempo... — emendou João. — Preciso voltar para fazer a minha parte. Notou que Maria Lúcia ficou impaciente. Estava começando o axé.

— João, vamos dançar? Você curte axé?

— Nunca gostei... Quem sabe hoje eu não aprenda o que é gostar, de verdade...

E foram. No palco montado na barraca começaram um série de apresentações de dançarinos de axé e de outros ritmos do verão. João ficou ao lado de Maria Lúcia balançando-se ao ritmo da música, tentando acompanhar a coreografia que os dançarinos faziam. Maria Lúcia dançava bem. João, apesar de seu corpo, sua cor, e toda sua desenvoltura, ficava devendo. Quem sabe com um pouco mais de treino?

Após o axé, Maria Lúcia e João voltaram para a mesa, agora, juntos. Natinho ficou na outra mesa, sozinho como sempre.

— Você tem namorado? — João perguntou.

Maria Lúcia não falou nada. Fingiu que não escutara.

— João, eu vou subindo.

— Já? Fique mais um pouco...

— Não... Está na hora... Já vai escurecer...

— A gente se vê?

— Quem sabe!

— Daqui a pouco?

— Quem sabe?

— Aonde?

Maria Lúcia simplesmente se vestia enquanto João se desesperava.

— Tchau... Gostei de você, mas... Tchau, João... E saiu.

João não conseguiu nem segui-la, de tão espantado que estava. Voltou para sua mesa, onde estava Natinho.

— Natinho... Eu não sei o que me aconteceu...

— Está passando mal, João? — Natinho perguntou, levantando-se.

— Não, não é isso... Eu não sei o que é...

Natinho entendeu o que era. João havia sido dominado por uma mulher. Nunca vira aquilo.

— João, quem era ela?

— Uma deusa... Um anjo... Sei lá, Natinho. Acho que meu coração não me pertence mais...

— Como está romântico...

João estava mais do que romântico. Estava apaixonado por uma mulher que ele não sabia se iria ver de novo. Como encontrá-la?

Subiram para a vila. Foram à pousada. Natinho acendeu um baseado, mas João não quis. Apenas se preparou para uma noite de amor com uma linda mulher. Um banho, um perfume, boas roupas e dinheiro no bolso. O resto, Deus lhe deu. A perfeição de um homem bonito.

Saíram, já era quase onze horas da noite. Foram aos diversos bares do lugar. Em nenhum deles encontraram Maria Lúcia. João estava impaciente. Não via nenhuma outra mulher, não queria beber, não conseguia ficar em um lugar apenas.

Andava e andava... Procurava... e nada.

Resolveram comer uma pizza na Pizzaria Caminho da Praia, a melhor pizzaria do Arraial. Foram atendidos pela dona, a Marlene, que indicou alguns bares legais que ela mesma freqüentava. Ao final, eles escolheram parar um pouco num lugar que eles já conheciam.

— João, vamos ficar aqui, neste bar. O Beco das Cores é legal. Olha lá o Rafael e sua mãe, Neca. O Árabe é o um dos melhores lugares do Arraial. Estão tocando rock. Olha que som legal! Vamos tomar alguma coisa?

João foi com Natinho ao Árabe. Rafael veio atendê-los.

— E aí, Natinho? João? Como vão?

— Tudo bom, Rafael? E os bebês?

— Estão ótimos. O que vai ser hoje? — disse Rafael, filho da dona do

bar, pai de gêmeos aos quinze anos.

— Traz o de sempre.

Rafael trouxe, mas João não bebeu.

— João, o que você tem?

— Não sei, cara, não sei...

A noite demorou para passar para João. Não encontrou Maria Lúcia, e nem ao menos sabia como encontrá-la. Já passava das duas.

— Natinho, vamos ao lual?

— Mas, João, você não gosta disso!

— Mas hoje eu quero ir...

— Vamos... Rafael!!! Pagou a conta e foram.

Na própria Barraca do Parracho acontecia o Lual. Não encontraram Maria Lúcia, também, entre as centenas de mulheres que ali se encontravam. E, para surpresa de Natinho, João não quis sair com nenhuma delas.

— João, você está doente?

— Só se for!

João dormiu mal. Queria encontrar Maria Lúcia. Sabia que precisava dominar aquela mulher e ela seria dele para sempre. Precisava encontrá-la.

No outro dia, foi mais cedo para a praia. Ficou na mesma mesa, na mesma barraca. Perto das três horas ela chegou. Maria Lúcia, com sua beleza aproximou-se de João, falou um oi, simples, como se não estivesse nem reconhecendo-o. João ficou louco. Queria voar em cima daquela mulher, mas se segurou.

— Natinho, eu não sei, mas estou inseguro com essa mulher.

— Ahá! Alguém mexeu contigo! Cuidado, não vá se apaixonar...

— Apaixonado? Eu? O João garanhão? Sai para lá...

Mas, João sabia que o negócio era diferente. Não era mais o mesmo. Na primeira oportunidade, se aproximou.

— Oi, Maria Lúcia. Tudo bem?

— Oi, João, tudo ótimo. E com você?

João ficou feliz pois ela havia lembrado seu nome.

— Tudo bem. Lhe procurei ontem e não achei. Que lugar você ficou?

— Ah... Ontem eu fiquei na pousada... Não tava a fim de sair.

João parecia um menino. Observava a sua angústia em achar Maria Lúcia e ela nem aí, nem ligando para ele.

— Pois é... — falou João. — Eu dei umas voltas, descii até para o Lual... Estava legal... Bastante gente. Você vem ao lual?

— Não gosto de Lual, João. Eu não gosto desta azaração... Gosto de um lugar mais calmo, mais tranqüilidade, entende?

“Entendo, entendo...” João quase gritou.

— Mais calmo? É... Aqui é difícil... — apenas respondeu.

Conversaram bastante. Neste dia não dançaram axé. Maria Lúcia não bebia nada alcoólico e João resolveu também não beber. Maria Lúcia não fumava e João resolveu não fumar. Afinal, João seria até um escravo para aquela mulher, se ela pedisse.

Na hora de ir embora, aconteceu a mesma coisa.

— Vamos nos ver, hoje?

— João, hoje não vai dar... Acho que vou descansar...

— Posso ir em sua pousada, conversar um pouco mais?

— Hoje, não, João. Outro dia, quem sabe! E foi.

João ficou triste. Não conquistou Maria Lúcia. Era a primeira mulher que não cedia aos seus encantos. Voltou para sua mesa.

— Natinho, alguma coisa está errada.

— O que foi, João?

— Eu não consigo conquistar esta mulher. O que estou fazendo errado.

Natinho sabia o que estava errado, mas receava falar com João.

— João, na verdade, você conheceu uma pessoa diferente...

— Como assim... Diferente, como?

— Essa mulher não é como as outras, que se apaixonam pelo que você tem, pelo que você representa. Ela pode se apaixonar pelo que você é.

— Pelo que eu sou? E o que eu sou?

— Você é uma pessoa boa, uma pessoa que ajuda, trabalhador, honesto, calmo e que gosta de coisas boas.

— Natinho, você sabe que eu não sou assim! Então, ela não gosta de mim!

— João, você pratica muito boas ações. Só não percebe. Ajuda



instituições de caridade, não ajuda?

— Só três. Mas é para lavar dinheiro...

— Não quero saber. O que você ajuda é contado. Você ajuda a pagar a clínica de Clarisse, lembra?

— Ah, mas e as coisas ruins, as pessoas que matei, as pessoas que bati...?

— João, você não pode só pensar nisso. Aprenda a ver as coisas com o coração. Quem sabe não chegou a sua chance de aprender mais um pouco. Aprender a amar. Aprender a usar o coração.

João ficou pensando naquelas palavras. Não saiu à noite. Dormiu mais cedo e no dia seguinte, pela manhã, resolveu caminhar na praia. Andava calmamente, sentindo o vento em seu rosto, o sol em seu corpo e a água, ainda gelada, em seus pés. Alguém o alcançou. Era Maria Lúcia.

— Oi, João, logo cedo na praia?

— Oi, Maria Lúcia — disse João, abrindo um lindo sorriso. — Que alegria te encontrar.

— Eu também digo isso, João.

Caminharam um pouco, sentindo o vento, sentido a areia, sentindo a água do mar...

— João, você vê que esta cidade dorme até tarde? Aqui é tão diferente...

— É, Maria Lúcia. Aqui é muito diferente...

João parou, pegando no braço de Maria Lúcia. Ela parou, de frente para João. Estavam sozinhos e aconteceu o primeiro beijo.

— João... — disse Maria Lúcia, abraçando-o.

— Maria Lúcia. acho que estou apaixonado por você! — disse João, como nunca havia dito em sua vida.

Maria Lúcia ficou séria. Já tinha vinte e dois anos e era experiente. Sabia que não podia acreditar em tudo, muito menos em uma coisa criada em tão pouco tempo.

— João, eu também gostei de você, desde quando o vi.

João pensou em como era uma mulher. Apesar de ter gostado de João ela não tinha demonstrado isso. João achava que agora tudo seria fácil.

Mas, não seria. Maria Lúcia o chamou:

— Vamos voltar, meu ônibus está saindo daqui a pouco.

— Seu ônibus? Você já vai embora?

— Daqui a pouco, João... Daqui a pouco.

— Não pode ser... Fique um pouco mais...

— Não posso, João. Tenho que trabalhar depois de amanhã. Estou de férias e não posso ficar mais. João não sabia o que falar. Voltou com Maria Lúcia, foi até sua pousada.

— João, até aqui está bom. Não é bom você entrar... — Por quê não?

— Não é isso que queremos. Você sabe disso!

João não sentia mais vontade de transar com Maria Lúcia como fazia com todas as outras. Queria Maria Lúcia em seus braços, com beijos, carinhos, e queria a retribuição. Queria senti-la em seus braços.

Abraçou demoradamente Maria Lúcia. Ela o havia conquistado.

— Como posso te encontrar em Goiás?

— Vou te dar meu telefone. Quando você quiser, me liga.

E escreveu o número em um papel. João também escreveu o seu número.

Despediram-se.

João voltou à sua pousada com uma cara de que havia morrido uma pessoa que ele gostava demais, mas ao mesmo tempo tinha o brilho nos olhos quando olhava aqueles números. Aquele telefone poderia significar a sua verdadeira felicidade.

Dois dias depois João já estava chamando Natinho para voltarem. Não conseguiu mais beber, nem curtir, nem usar nenhum tipo de drogas. Não namorou mais e só pensava em Maria Lúcia.

Voltaram no dia seguinte. No mesmo dia em que chegou em Brasília ligou para Maria Lúcia. Ela não estava em casa, estava trabalhando. Ficou de ligar à noite.

A noite ligou.

— Oi, Maria Lúcia, sou eu, o João.

— João...?

— É... lá da Bahia... Lembra?

— Lembro. Mas você já voltou?

— Já, e quero te encontrar. Me dá seu endereço?

— Calma, João. Você vem para cá?

— Agora mesmo, se você quiser...

Maria Lúcia ficou feliz, mas o telefone escondia o seu sorriso. Ela também havia se apaixonado por João.

— Anota João. Mas, não precisa tanta pressa. Fica um pouco longe. E passou o endereço.

— Não é tão longe, assim! Amanhã, mesmo, estou aí...

Conversaram ainda mais de meia hora, sempre João puxando um assunto diferente, como se não quisesse desligar.

Por fim, desligou.

Nem se preocupou com o Morro, nem conversou com Pablo sobre o que tinha acontecido, nem se preocupou com os problemas que podiam estar ocorrendo nos pontos de tráfico. Arrumou-se e no dia seguinte partiu. Foi em seu carro, ele mesmo dirigindo.

Quando chegou, foi logo ao endereço que Maria Lúcia havia passado. Era um domingo e Maria Lúcia estava esperando.

— Entre, João.

João entrou e conheceu a colega de casa de Maria Lúcia. Moravam juntas, onde dividiam os afazeres e as despesas da casa.

— Então você é o João? Ouvi tanto falar seu nome aqui que quase enlouqueço. Meu nome é Suzi.

— Prazer Suzi. Estavam falando bem ou mal?

— Bem... Muito bem... — brincou Suzi.

Maria Lúcia abraçou João e o levou até a sala. Conversaram bastante, até que Maria Lúcia achou que seria bom para João encontrar um hotel para passar os dias que ficaria por ali.

João esperava ser convidado para ficar em sua casa, mas, tudo bem.

Perto de onde Maria Lúcia morava, havia um hotel, pequeno, mas muito bom.

Os dois, juntos, fizeram a reserva do quarto, subiram, abriram a porta, entraram e Maria Lúcia arrumou as coisas de João.

João a abraçou e pela primeira vez, tentou ir além do abraço. Com as

mãos, acariciou suas costas, descendo um pouco mais...

— João, calma, ainda não... — disse Maria Lúcia.

João estava entregue. Obedeceu cegamente. Beijou-a, fez carinho em seus cabelos, sentia os braços daquela mulher.

— João, estou indo. Amanhã a gente se vê, ok? Trabalho meio período, apareça às três da tarde que já estarei em casa.

— Está cedo, fique mais um pouco!

— Hoje, não. Quem sabe outro dia. Beijou João e saiu.

João deitou na cama, ainda vestido e sentiu-se diferente, como se houvesse sido atingido por um raio de paz, de uma coisa que não se lembrava de jamais ter sentido em sua vida.

No dia seguinte se encontrou com Maria Lúcia. Ela estava linda, como também estaria nos dias seguintes. Apenas no oitavo dia em que João estava em Goiás, Maria Lúcia se entregou a ele.

Tudo aconteceu no quarto do hotel de João, naturalmente, de todas as formas, menos da forma que João imaginaria acontecer. Nunca havia passado momentos tão bons com uma garota. Sempre pensava em sexo, mas, desta vez, o sexo estava ligado ao amor.

Maria Lúcia o conquistou completamente.

Um mês depois já tinham alugado uma casa e passaram a morar juntos.

— João, não sei se é melhor você abandonar tudo e ficar aqui. Será que você vai se acostumar? — disse Maria Lúcia, uma semana antes de alugarem a casa.

João havia falado de sua vida para Maria Lúcia. Falara de seu comércio, falara de seu passado e prometera-lhe um futuro. Resolveu abandonar o crime, resolveu abandonar as drogas, parou de beber e até abriu mão do negócio em favor de Pablo. Voltou a Brasília apenas para falar pessoalmente com Pablo o que estava planejando.

— É isso mesmo, Pablo. Resolvi mudar o rumo da minha vida.

— João, você não vai agüentar essa vida.

— Vou, Pablo, agora eu sei que posso! Encontrei uma razão para mudar toda minha vida. Quero um futuro. Acho que o meu futuro, da forma que estamos indo, não é bom para mim.

— João, você quem sabe. Quando quiser voltar, a sua parte estará garantida.

— Não quero, Pablo. Tudo o que existe é seu. Vou recomeçar. Quero até sofrer, se for o caso, mas não quero levar nada do que existe neste passado sujo.

E voltou para Goiás.

Uma semana depois já estava trabalhando em uma carpintaria perto da casa que alugaram. Maria Lúcia trabalhava também, como balconista, ganhava pouco, mas ajudava em casa. O salário de João era muito pequeno, mas o seu coração estava feliz, e isso bastava.

## Capítulo 16

### O AMOR DE JOÃO DE SANTO CRISTO

---

O amor que João sentia por Maria Lúcia superava a necessidade de bens e dinheiro. Maria Lúcia era independente e morava sozinha já há alguns anos. Havia se mudado para a cidade a fim de estudar e resolveu não voltar mais para casa. Já estava com vinte e três anos. Passou a morar com Suzi há um ano, com quem dividia todas as despesas, até que resolveu morar com João.

João e Maria Lúcia ganhavam o suficiente para o aluguel, as despesas da casa, e tinham uma vida normal, como qualquer família. A dificuldade em comprar móveis, em guardar dinheiro, em pagar as contas, era imensa, já que combinaram em não usarem nada do passado de João, que consideravam que foi ganho de forma errada, já que vieram das drogas.

Se amavam e achavam que só isso bastaria. O amor é inexplicável.

O dia-a-dia dos dois era só romance, amor e cheio de carinho. Certo dia Maria Lúcia foi deitar-se:

— João, deita aqui, perto de mim.

Ele não resistiu. Estava preparando suas roupas para o dia seguinte, mas não queria desperdiçar qualquer momento dos braços de Maria Lúcia.

— Você é a mulher dos meus sonhos.

— E você é mais do que os meus sonhos. Beijaram-se com todo o carinho possível.

— João, eu lhe amo. Não imaginava ser possível me apaixonar dessa forma. João ficou feliz com as palavras de Maria Lúcia.

— Eu também lhe amo demais. Nunca senti isso por ninguém. E não sabia que era tão bom. E a abraçou.

— Maria Lúcia, quero te amar sempre mais e mais. Nunca deixe diminuir esse amor. Hoje eu quero fazer tudo por você! E sempre vai ser assim, você pode apostar.

— Sou tua deusa, meu amor.

Tiveram uma noite maravilhosa, onde amor e sexo formam uma coisa

só, como se só existissem os dois em todo o mundo e ao mesmo tempo como se o mundo fosse acabar dali a uns poucos instantes.

E João percebia todo o amor que sentia por Maria Lúcia. Todos os minutos eram pouco para fazer todo o carinho que aquela mulher merecia.

Maria Lúcia retribuía o carinho de João, feliz por ter encontrado a sua outra metade.

Algumas vezes, Maria Lúcia costumava esperar João no portão de sua casa. João saía às seis da tarde e como morava perto, em vinte minutos estava em casa.

— Meu amor, o que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Não, só estou te esperando.

— Mas, não é preciso. Os vizinhos podem comentar.

— Se fiquei esperando o meu amor chegar, o que eles tem a ver com isso?

— Você tem razão, eu amo você. Abraçaram-se e entraram.

Certo dia, João voltou com um presente para Maria Lúcia.

— Adivinha o que eu trouxe para você? — disse João, mostrando uma pequena caixa.

Maria Lúcia pegou a caixa. Não era pesada, mas havia alguma coisa viva dentro. Maria Lúcia já esperava o melhor.

— Não acredito! Você é louco... Você comprou... — dizia, abrindo a caixa. — Que lindo. Era uma cachorro lindo, de raça Basset, marrom com manchas brancas.

— Adorei!

Beijou João, tirando aquele filhotinho da caixa.

— Que nome vamos dar a ele? — perguntou João.

— Não sei... Que tal Lulu?

— Lulu já tem um monte. Nem Lili, que é nem de cadela, e ele é muito macho.

Riam a valer com o cachorrinho. No final das contas deram o nome de Nick em homenagem a um cachorrinho que a família de Maria Lúcia teve quando ela era pequena.

O Nick corria por toda a casa, fazendo a felicidade dos dois.

— João, você é maravilhoso — disse Maria Lúcia.

— Eu te amo, Maria Lúcia — falou João. E beijaram-se, trocando carinhos.

— Eu te amo — disse Maria Lúcia. — Eu te amo. — Eu te amo. — Eu te amo. — Eu te amo. — Eu te amo.

— Calma! para que tanto?

— O tempo passa rápido e eu não quero perder tempo!

— Sossega! Temos todo o tempo do mundo.

— Mas eu lhe amo tanto e não sei até quando ficaremos juntos. E se eu morrer? E se você for embora?

— Você não vai morrer nunca. Eu te amo muito e nunca vou deixar você morrer. Eu morro em seu lugar. E só assim eu vou embora. E quando eu for embora, não chore por mim.

— João, eu te prometo. Se você morrer antes de mim, eu me mato para lhe acompanhar para sempre por toda a eternidade.

Abraçavam-se, beijavam-se e sentiam o amor diretamente na alma. Sabiam que aquilo seria eterno.

Naquela noite, João não conseguia dormir. Ficou acordado pensando em como estava feliz.

Olhava para Maria Lúcia, dormindo ao seu lado, seu rosto lindo. Lembrava dos momentos de violência, drogas, sexo e coisas ruins que passou em toda sua vida. Foi difícil chegar até ali. Fugir dos vícios, a princípio não foi fácil, mas, o amor que sentia por Maria Lúcia conseguiu ser maior do que a necessidade de usar drogas e bebidas.

Não bebia mais. Nem fumar, ele fumava.

O dinheiro não estava fazendo falta, e nem o luxo que tinha no passado o fazia duvidar de que seria feliz. Aquela mulher era a razão de sua felicidade.

Começou a chover. João adorava a chuva. Maria Lúcia se impressionava como João gostava dos pingos de chuva caindo nas poças d'água, na terra, em seu corpo.

João, que por toda sua infância não via tanta chuva por morar em um lugar castigado pela seca, não conseguia esconder o prazer que tinha com a chuva.



João foi até a janela, ficou olhando a rua, com suas luzes, e a chuva batendo na janela.

Olhou para Maria Lúcia, dormindo. Sorriu. Ela se mexeu. Olhou para ele, meio sonolenta.

— Meu amor, não dormiu ainda?

— Gosto de ver você dormindo. Que nem criança, com a boca aberta. Você é linda. Você e a chuva que cai lá fora. Maria Lúcia espreguiçou-se, levantou-se e abraçou João. Encostaram os dois na janela e ficaram olhando a chuva.

— Gosto dos pingos da chuva — disse João.

— Eu sei, meu amor, eu sei... Você me disse isso quinhentas vezes. E eu adoro a chuva porque você também adora. E eu gosto dos relâmpagos e dos trovões, também...

Beijou João.

— Estou com sono. Vamos dormir! — Maria Lúcia carregou João. Com seis meses de convívio, João já pensava no futuro de sua família.

— Maria Lúcia, eu quero um filho seu!

— Você acha que a gente deve, João? Não será muito cedo. Vamos aproveitar mais um pouco...

— Um filho seria um troféu para nós. — disse João.

E a partir daquele dia começaram a preparar a chegada de um filho.

A partir desse dia Maria Lúcia deixou de evitar a fecundação. Estava nas mãos de Deus. Estava no seu relacionamento. Tudo sairia normalmente.

João era o mais empolgado. Quando tinha um momento de paz ficava pensando em como seria o filho, como o chamaria, aonde iria com ele, e todas as idéias que um pai poderia fazer com o filho.

— Meu filho vai ter nome de santo — dizia João, para Maria Lúcia.

— Sei, João, sei... — brincava Maria Lúcia.

— Acho que vou chamar de Abel. Ou então Daniel!

— João, Abel e Daniel são nomes bíblicos, mas não são nomes de santo.

— Então vou chamar de Igor.

— Muito menos. Igor também não é nome de santo. E nem é nome bíblico.

— Ah, sei lá... Quero o nome mais bonito. Maria Lúcia ficava feliz com a alegria de João.

Mas, o tempo ia passando e nada de Maria Lúcia engravidar.

— João, será que temos algum problema? Já parei de evitar o filho há uns cinco meses. Não é bom a gente fazer um exame?

— Ah, deixa disso, Maria Lúcia. Você vai engravidar a qualquer momento. Vamos treinar?

— Ah, João, deixa de ser bobo...

E se abraçavam, se beijavam e acabavam treinando.

Mas, nada. Maria Lúcia achava que o problema estava com ela.

— João, acho que nunca vou engravidar.

Ele já não estava tão empolgado como antes. Sabia que alguma coisa estava errada, mas, onde estaria a falha? Será que Maria Lúcia não poderia engravidar? Mas João não aceitava que fosse ele quem tivesse algum problema de saúde. Não queria fazer o teste. Maria Lúcia se desculpava.

— Por favor, amor, acredite. Não há palavras para explicar o que sinto...

— Deixa disso, Maria Lúcia, estar contigo é o bastante.

João abraçou Maria Lúcia e viu como ela sofria em querer lhe dar aquele filho e percebia que precisava fazer alguma coisa.

— Maria Lúcia, não fica assim. Vamos fazer uma festa? Uma pequena reunião de amigos?

Maria Lúcia olhou para João. Sabia que ele estava tentando consolá-la e ficou feliz em saber que ele ainda gostava dela.

— O que podemos fazer, João?

— Já sei, vamos chamar nossos amigos, a gente faz uma feijoada.

E assim foi feito. Naquele sábado apareceram todos os amigos de João e Maria Lúcia para uma feijoada que eles cozinham. João ajudou a Maria Lúcia enquanto ela cozinhava.

— Vem cá, meu bem. É bom te ver alegre. Está tudo bem, acredite — disse João.

João serviu algumas cervejas para os amigos, e com tanta insistência ele colocou um copo para ele também. Depois de tanto tempo João estava bebendo novamente.

Maria Lúcia via João bebendo, mas não se incomodou. Ela sabia dos problemas que ele teve no passado, mas não achava que João mudaria tomando alguns copos de cerveja, afinal, os seus amigos também estavam bebendo.

Mas, depois de um ano e três meses de casado, João se embebedou pela primeira vez. Não fez nenhum escândalo, mas a partir deste dia, começou a beber novamente.

Quase um mês depois, Maria Lúcia sentia que João estava sofrendo porque ela não podia ter o filho que ele tanto desejava. Conversavam a respeito, mas João sempre dava as desculpas normais e não aceitava fazer exames.

Maria Lúcia fez exames e descobriu que ela não tinha problemas. João, ao contrário, não aceitava fazer os exames e se afundava mais na bebida. Começou a chegar mais tarde em casa.

Um dia chegou em casa com um cheiro diferente. Maria Lúcia sentiu que João havia fumado maconha.

— João, você não está pensando em ter os problemas que tinha no passado, está?

— Deixa disso, Maria Lúcia, estou numa boa.

— João, você fumou maconha...

— Fumei, sim, mas maconha não vicia. Fica tranqüila. Não se preocupe comigo. Se preocupe com você.

— O que você quer dizer, João?

— Nada, nada...

— Você está insinuando alguma coisa sobre o nosso filho, não é? João se calou.

— Pois fique sabendo que fiz os exames e não tenho problemas...

— Você fez os exames, escondida?

— Fiz, João, e não tenho nada. Por quê você não faz os exames, para fazermos um tratamento e termos o nosso filho? João saiu de perto de Maria Lúcia. Achava que não devia fazer o exame. Ele não tinha nada. Era mentira dela. Ele sabia que ela estava mentindo.

E cada vez mais se aprofundou na maconha e nas bebidas. Agora o

dinheiro não dava, mesmo, para pagar todas as contas e despesas da casa.

Foi nessa época que resolveu ligar para o Pablo.

— Alô, Pablo?

— João, não acredito, cara, você tá vivo?

— É, cara, quem está vivo sempre aparece? Como vão as coisas?

— Mais ou menos, João, e com você?

— Aqui também está mais ou menos. Pintou a saudade e resolvi te ligar.

Como está o movimento?

— João, nada bem. Sabe aquele pessoal do Rio de Janeiro que tinha mandado aqueles dois caras, que você deixou só um voltar?

— Lembro, Pablo, um voltou vivo, você diz?

— Cala, João, sei lá os grampos dos telefones...

— Que quer dizer? Não está amparado pelo pessoal de cima?

— Perdemos um bocado do nosso poder. Uma parte do pessoal que nos apoiava deixou a gente, João. Estão com os caras do Rio. Eles já tomaram metade do nosso movimento. Está ficando difícil.

— É mesmo, Pablo, e o que você fez?

— João, você sabe que eu não sou igual a você. Estou fazendo o possível, mas não está dando para controlar todo mundo.

— E o nosso pessoal, está unido contigo?

— Que nada, João, tem um pessoal que continua do nosso lado. Outra turma virou para o lado dos caras. Quando é que você vem por estas bandas, João? Estamos precisando de você. Por quê você não volta?

— Não quero saber mais dessa vida, Pablo, agora quero outros lances.

— João, você nasceu para isso, não pode fugir do seu instinto.

— Mas vou tentar, Pablo, eu vou tentar... Um abraço. Dê um abraço em todo o pessoal. Quando der eu dou um pulo aí, falou?

— Está jóia, João. Um abraço.

João desligou e ficou pensando em como Pablo havia permitido o pessoal do Rio tomar conta da metade do movimento.

A partir daquele dia João não agüentava mais de vontade de ir embora.

## Capítulo 17

### A PROPOSTA DO SENHOR DE ALTA CLASSE

---

João bebia cada vez mais. Voltou a fumar. Começou a faltar no emprego, principalmente na segunda-feira, quando estava com uma ressaca incrível, e muitas vezes virava a noite na bebedeira, com novos amigos que havia feito.

Estava ficando complicada a vida com João, mas Maria Lúcia tinha a esperança de que aquilo acabasse a qualquer momento e João voltaria a ser aquela pessoa maravilhosa que ele sempre foi.

Até o dia em que João recebeu uma visita.

Eram oito horas da noite, em um dia que João resolveu não beber e estava em casa. Maria Lúcia estava ao seu lado, no sofá, assistindo o jornal, quando alguém bate na porta. Maria Lúcia foi atender.

— Boa noite. É aqui que mora o João de Santo Cristo?

Maria Lúcia se admirou. Conhecia o nome completo do seu marido. João se levantou e foi até a porta.

— Sou eu.

— Boa noite, tudo bem?

Era um senhor bem vestido, aparentando mais de cinquenta anos.

— Boa noite — disse João.

— Eu vim de Brasília. Conversei com seu amigo Pablo e ele me deu seu endereço. Não sei se você se lembra, mas eu te ajudei quando você começou a construir o seu prédio.

— Qual o seu nome?

— Dr. Everaldo. Sou militar.

João se lembrou do Doutor Everaldo e de como era influente. Lembrou de como ele o ajudara a iniciar todo o seu comércio. Sabia que era melhor escutá-lo.

— Entra, doutor, desculpa, mas eu não lhe reconheci.

— Que nada, João, já faz tanto tempo... Como você está?

— Tudo bem, doutor, mudei um pouco a minha vida, mas estou bem.

— João, tenho uma proposta a lhe fazer, mas precisamos conversar a sós. — disse isso, olhando para Maria Lúcia que estava sentada no sofá.

— Vamos para a cozinha. Sentaram-se à mesa.

— Desculpa, doutor, eu não tenho o luxo que tinha quando morava em Brasília — desculpou-se João.

— Que é isso, João. Você sabe que eu não ligo para luxo.

— Mas, o que trouxe o senhor até aqui?

— João, estou precisando de um favor seu. Não quero que pense que estou cobrando nada do passado, mas preciso de uma pessoa de confiança para fazer uma coisa muito arriscada, e depois de pensar muito, cheguei à conclusão de que essa pessoa é você.

— Antes que o senhor fale mais alguma coisa, quero que saiba que estou mudado. Estou vivendo uma vida diferente da que vivia em Brasília.

— Eu sei, João, mas escute a minha proposta e pense a respeito.

— Fale, Doutor.

— Eu e mais cinco amigos, todos do alto escalão do governo, influentes em muita coisa, inclusive no mercado que vocês trabalham em Brasília...

— Trabalhava, doutor... — cortou João.

— Trabalhava! Então, todos os meus amigos são influentes, como eu, João. Precisamos providenciar uma série de atos que farão melhorar o nosso comércio, e estou precisando de você e de seus amigos.

— O que temos que fazer?

— Estamos tendo uma série de inconvenientes com alguns concorrentes nossos na área da educação, e precisamos criar uma situação em que as pessoas comecem a ter medo de freqüentar alguns tipos de estabelecimentos e virem nossos clientes.

— Doutor, o senhor está enrolando...

— João, precisamos criar um problema em uma série de colégios, e em alguns shoppings.

— Como assim, criar problemas?

— João, precisamos sabotar estas empresas.

— Sabotar como?

— Algo muito sério. Bombas.

— Onde eu entro nisso tudo?

— Temos o dinheiro que você quiser. O preço você vai mandar. Quero que você e sua turma coloquem estas bombas de maneira que crie tumulto na cidade, fazendo com que os estabelecimentos dos meus concorrentes sejam desmoralizados.

— Deixa ver se eu entendi? Eu e minha turma vamos colocar bombas em escolas de crianças e adolescentes e em shoppings, onde existem centenas de pessoas passeando e trabalhando, sem um motivo sério, ou seja, um motivo banal, onde o senhor e sua turma ganhariam mais dinheiro?

— É mais ou menos isso...

— E quer que mate alguém?

— João, tem que ter vítimas, senão, como ficariam desmoralizados?.

João ficou esquentado. Não acreditava na proposta daquele homem.

— O que o senhor está achando que eu sou?

— Um bandido que eu financiei quando precisava de apoio financeiro e político.

— Eu já parei com tudo o que você está insinuando e não participo mais dessas coisas?

— João, você é um bandido. Nada mais do que isso. É um traficante, um assassino. João, nós já computamos quarenta e duas mortes a você e a seu bando. Talvez seja até mais. Se fosse feita a sua prisão você pegaria uma pena acima de cem anos.

João se enervou.

— O senhor está na minha casa. Queira se retirar.

Nisso, Maria Lúcia entrou na cozinha, preocupada com os gritos.

— Saia imediatamente da minha casa — disse João. — O senhor não devia brincar comigo assim. O que eu fui já não sou mais. Eu não quero saber do meu passado.

Doutor Everaldo levantou-se e ia seguindo em direção à porta, assustado com a reação de João, preocupado, não imaginando que o rapaz ficaria tão zangado. Mas, doutor Everaldo nunca havia recebido um não como resposta. Quando abriu a porta, dois seguranças seus, que estavam no carro vieram para o seu lado.

— Tudo bem, doutor? — disse um deles.

— Tudo bem — disse Doutor Everaldo. E virando-se para João.

— João, eu vou te dizer uma coisa. Neste momento você acabou com a sua vida. Eu vou fazer tudo o que eu puder para te prejudicar. Tudo o que fiz a seu favor eu agora vou fazer contra. Você perdeu a sua vida. Eu tenho sua vida na minha mão.

João pulou para agarrar o homem, mas foi afastado pelos seguranças.

Doutor Everaldo foi para o carro com os seguranças e saíram.

João voltou para casa, percebendo que alguns vizinhos saíram na porta para ver o que estava acontecendo.

Já na sala, conversou com Maria Lúcia.

— Maria Lúcia, eu posso te falar?

— Fala, João. O que aconteceu?

— Maria Lúcia, eu tentei fugir do passado, mas não teve jeito. E olha que eu tentei o meu caminho, mas tudo agora é coisa do passado. Esse homem conseguiu me atrapalhar a vida. Quando eu achei que viveria bem, ele veio me oferecer dinheiro para fazer um atentado em Brasília. Ele acha que eu ainda sou bandido e me cobrou ajuda para ele. Nem quis saber que estou mudado.

— Calma, João. Não ligue para o que ele disse, vamos esquecer tudo isso e vamos viver a nossa vida. Mas João estava muito nervoso. Preparou-se para sair.

— João, não me diga que você pretende sair? — disse Maria Lúcia.

— Vou dar um pulinho ali no bar da esquina e já volto. Só vou espairer o juízo. E saiu.

João só voltou quando o dia estava raiando. Maria Lúcia passou a noite toda acordada, apreensiva com o que poderia acontecer. João bebeu e fumou maconha.

Como chegou, dormiu e não foi trabalhar. Isso aconteceu durante toda a semana. Entrou em conflito com o seu passado e nem percebeu que estava se entregando à bebida e às drogas. No dia que usou cocaína resolveu ligar para o Pablo.

— Pablo, por quê você mandou esse general aqui?



— João, não foi possível disfarçar. Falei para ele que você era outra pessoa, tinha mudado, deixado os vícios, mas ele não quis saber. Falou que você precisava pagar o que ganhou no passado. E me pressionou tanto que ia acabar com tudo o que temos aqui, que não restou alternativa. O que aconteceu?

— Não vou nem lhe falar. O cara quer acabar destruindo toda Brasília. Queria pôr bomba até em banheiro de posto de gasolina... O cara estava loucão... Me jurou de morte...

— João, você discutiu com ele?

— Se discuti? Mandeí aquele cuzão para puta que o pariu!

— João, você bebeu? Você usou drogas?

— Usei, Pablo, usei... Por quê? Vai me regular, também?

— João, quer voltar? Eu mando alguém te buscar...

— Fica na sua. Quando eu quiser voltar eu sei o caminho...

E nem deu tempo para Pablo responder, desligou o telefone.

João estava no bar, rodeado de amigos quando soube que o seu patrão, da carpintaria, havia mandado um recado para ele, que ele não precisava ir mais trabalhar. Soube até que seu patrão já havia contratado outro para o seu lugar.

O motivo para beber aumentou ainda mais.

Em casa, começaram os conflitos. Quando chegava, Maria Lúcia ficava perto de João, mas percebia que ele não queria mais conversa. Não conseguiam dialogar. Não eram mais carinhosos um com o outro.

Maria Lúcia falou primeiro:

— João, cadê seus planos? Você agora enche a cara e cai pelas esquinas... O que você pretende para o seu futuro?

— Aqui? Nada... Estou pensando em ir embora...

— João, não vá. Você vai abandonar nossos planos? Como vamos ter nosso filho?

— Nós nunca vamos ter esse filho, você sabe disso. O que eu tenho é só um emprego e um salário miserável. E agora, nem isso eu tenho mais...

— Você foi despedido?

— É o que falaram. Eu nem fui lá, naquele cara miserável... Patrão

mesquinho... João estava revoltado e Maria Lúcia sabia que precisa ir com jeito.

— João, não abandone a sua mudança. Você pode voltar a ser como era, quando veio para cá.

— Resolvi que vou embora, amanhã cedo.

Maria Lúcia chorou bastante naquela noite. Seu sonho estava acabando-se muito rapidamente. Sentia um amor incontrolável por João, mas sabia que ele precisava ir embora para aprender alguma coisa. Aprendeu que nada forçado dava certo. No dia seguinte, João já havia arrumado as malas e estava na rodoviária. O ônibus chegou.

— Vai, se você precisa ir. Não quero mais brigar. Vou ficar aqui.

— Obrigado, Maria Lúcia, mas acho que é o que devo fazer.

— Sei que existe alguma coisa incomodando você. Mas, onde você estiver, sempre, saiba que eu lhe amo. Sempre vou lhe esperar. Prometo.

— Guardo um retrato seu... E a saudade mais bonita... — disse João. — Eu vou voltar. Espere e você verá. Maria Lúcia começou a chorar.

— Pare, Maria Lúcia. Eu juro que não queria deixar você tão triste.

— Vai, João... Seu olhar não conta mais história...

— Eu juro que não foi por mal... Eu não queria machucar você...

— Sempre as mesmas desculpas... João entrou no ônibus.

Maria Lúcia viu o ônibus indo embora.

“João, eu sei porque você fugiu... Mas não consigo entender porquê...”

## Capítulo 18

### JOÃO ABANDONA MARIA LÚCIA E VOLTA AO CRIME

---

Maria Lúcia sofreu muito naqueles dias. A todo instante lembrava-se de João. Continuou morando na mesma casa, mesmo estando sozinha. Tudo voltava a ser como era antes, com exceção das mudanças de espírito que Maria Lúcia tinha todos os momentos.

Quando conseguia ficar alegre por instantes, rapidamente vinha uma onda de descontentamento que a fazia ficar triste e lembrar de João.

Mais triste ficou ainda, quando uns quinze dias depois João ligou:

— Oi, amor — disse João — Que besteira eu fiz? Por quê voltei? Abandonei você, não foi?

— Oi, João, volta, amor... Eu não sou nada sem você...

— Você vai se acostumar... Assim que der eu vou te buscar...

— Eu não me perdi e mesmo assim você me abandonou... Você quis partir e agora estou aqui sozinha... João ficou em silêncio do outro lado da linha. Maria Lúcia ouviu João chorando.

— Mas vou me acostumar com o silêncio da casa, com um prato só na mesa.

— Na próxima semana eu vou lhe visitar! Eu prometo! De coração. Prometo por tudo o que há de mais sagrado no mundo...

— Que dia, João? Você vem mesmo?

— Vou, Maria Lúcia. Pode me esperar... Já deixei de cumprir uma promessa a você? Maria Lúcia não falou nada. Esperava que fosse verdade o que João estava falando. Mas, no dia marcado, nada de João. Apenas, três dias depois, João telefona:

— Oi, amor... Não deu para ir...

— Oi, João...

— Maria Lúcia, desculpa por não ter ido, mas os negócios aqui estão complicados... Não vai dar para ir aí, por esses dias...

— João, eu já sabia que você não viria...

— Me desculpa, amor... Eu não queria te magoar...

— João, eu cansei de sofrer. Eu não quero mais chorar. Eu espero conseguir aceitar o que passou. Vou ser feliz. Hoje eu já sei o que sou e o que eu preciso ser.

— Ah, amor, não fala assim. Quando lembro das tardes que passamos juntos...

— João, deixa de falsidade. Fala a verdade, fala que me esqueceu... Fala que nunca me amou...

— Eu sempre lhe amei, você sabe disso, mas, agora, eu preciso estar aqui... Maria Lúcia percebeu que havia perdido João.

— Eu continuo aqui, João. Meu trabalho e meus amigos. Continuo na mesma casa. Me lembro de você, dias assim, dias de chuva... E o que sinto não sei dizer...

João ficou em silêncio.

— E quando me lembro de você que acabou indo embora, cedo demais...

— disse Maria Lúcia. — Percebo que deveria aprender alguma lição para a minha vida. Nunca mais vou me entregar a um homem como me entreguei a você, João.

— Maria Lúcia, eu para sempre vou te amar... Um dia vou te buscar... No momento, não posso fazer isso, mas um dia vou voltar... Confie em mim...

— João, viva a sua vida... Esqueça de mim.

Maria Lúcia estava disposta a recomeçar a sua vida.

Alguns dias depois ouviu o noticiário na televisão sobre a série de explosões que ocorreram em Brasília. Depois disso, sabia que nunca mais veria João. Será que foi João quem fez isso? Será que aceitou o trabalho?

João, bem longe dali, também via o noticiário na televisão. Alguém tinha aceitado o trabalho que o Doutor Everaldo havia oferecido a João.

João, quando voltou, percebeu que Pablo tinha razão quando falou que eles teriam problemas para voltarem a ser como eram no passado.

Havia um grupo de traficantes unidos para tomar o poder de João e Pablo. O controle do tráfico que João dominava ia minando aos poucos, e conseqüentemente, o poder de seus concorrentes ia aumentando. João buscou soluções em quem o havia ajudado no início de suas vendas, mas,

como o Doutor Everaldo havia mencionado, não era mais a mesma coisa.

Havia se instalado um poder paralelo, onde os chefões estavam no Rio de Janeiro. João percebeu que havia uma comunicação entre o pessoal do Rio e de Brasília, mas ninguém aparecia. João suspeitava de que a alta cúpula de empresários e políticos estava por trás deste poder.

João, aos poucos foi refazendo a sua turma, que havia se espalhado. O Rodrigo, o China e o Mundo concordaram em voltar ao grupo de proteção ao Morro. Alex foi mais difícil de ser encontrado. Espalharam os boatos de que João queria encontrar Alex, o ex-namorado de Leila.

Alguns dias depois, Alex apareceu no Morro.

— João, como vai? Queria me ver?

— Queria, Alex. Como vai?

— Tudo bem.

— Demorou para aparecer. O que aconteceu? — perguntou João.

— Estava viajando, João. Você sabe... Depois que você foi embora as coisas mudaram, o Pablo não tem a mão forte como você tinha, e eu me senti deslocado. Ainda bem que você voltou.

— Então, você aceita voltar para turma?

— Estou de volta, João, da mesma forma que antes. Sabe que eu não o abandonaria por nada.

E assim, João conseguiu recuperar alguns amigos que haviam ido embora devido à confusão instalada no tráfico, com a chegada deste novo pessoal.

João tentou recuperar alguns pontos de venda. No primeiro em que tentou a invasão armada, acompanhado de seis amigos, teve que se retirar rapidamente, já que houve um contra-ataque muito forte por parte dos que estavam no ponto.

— João, você viu que arsenal? Os caras tinham armas que nós nunca vimos.

— Se vi! Os chefões tem poder... Eles são peixes muito grandes... Na mesma noite, conversando com Pablo.

— Pablo, o negócio está pior do que eu esperava. Por quê você deixou acontecer isso? Está tudo bagunçado.

— João, eu não sou tão forte como você. Você sabe disso. Quando me dei conta já estava feita a desgraça.

— Agora vai ser difícil voltar a ser como era... Mas eu vou tentar...

— João, e a última notícia que o Rio de Janeiro não vai mandar mais cocaína para gente.

— E você tinha voltado a pegar do Rio? Parou com a Bolívia?

— Parei, João, fui forçado por uma turma grande, aí.

— Então, a partir de agora, esquece o Rio e volta a buscar a droga na Bolívia.

— Hoje mesmo vou fazer os contatos.

— Quero que você viaje para lá, o mais rápido. Agora mesmo, se for possível.

— Ok, João! Já vi que você voltou com todo o gás... Isso é muito bom...

Pablo foi para a Bolívia, fez os contatos que devia e voltou a pegar a cocaína daquele país. Quando encontrou com João, deu-lhe um presente.

— João, deu tudo certo. Basta um telefonema e tudo virá para cá.

— Beleza, Pablo. Agora vamos voltar a brigar de frente com os caras. O material é bom?

— É, João, como sempre foi.

Abriu a gaveta e tirou um embrulho.

— João, trouxe um presente para você. E o entregou a João.

João, abriu o pacote e sorriu. Era uma arma. Uma espingarda Winchester 22, como dos filmes de faroeste.

— Que linda, Pablo. Obrigado. Deu um abraço no amigo.

João guardou a Winchester em seu quarto, no Morro. Colocou como destaque em sua estante. Era muito bonita, parecia uma escultura.

Se orgulhava da arma, e sempre queria usá-la contra alguém, mas nunca a tirou da estante. Tinha outras armas, normais, mas aquela era o seu xodó.

— Pablo, vou fazer um ataque contra os nossos inimigos — falou João.  
— O que você acha?

— João, disse eu não entendo e deixo por sua conta. Perdemos mais da metade de nossos pontos, neste último ano. Ontem fiquei sabendo que mais

um ponto foi abandonado pelo nosso pessoal. Só sei que precisamos fazer alguma coisa.

— Então, arruma uma turma para mim. Vou deixar você selecionar a turma. Arruma uns dez caras, de preferência conhecidos.

— Deixa comigo — falou Pablo.

E assim Pablo fez, arrumou o pessoal, que a partir desse dia vivia grudado em João, tanto para atacar novos pontos, quanto para defender pontos que pudessem estar sofrendo ataques.

Pablo escolheu os quatro que andavam com João — Alex, China, Mundo e Rodrigo — e mais sete rapazes. Todos eram famosos por suas loucuras.

Mas, mesmo assim, estava difícil para João. Enquanto ele reconquistava um ponto, perdia dois outros em contra— ataques do pessoal do Rio.

— Pablo, acho melhor mudarmos nosso método. A partir de agora, vamos tentar defender o que já temos.

João não sabia, mas a apenas um quilômetro do Morro, um prédio estava sendo vendido para o pessoal do Rio de Janeiro. Os chefões estavam chegando.

## Capítulo 19

### JEREMIAS APARECE E QUER O PODER

---

Já estava completando dois anos que João havia abandonado Maria Lúcia e voltado para Brasília. Estes dois anos foram cheios de altos e baixos. Em todos os sentidos. O lado financeiro de João já não o permitia fazer tanta loucura como antigamente. Via-se claramente que João estava se desfazendo de seus bens para liquidar suas contas.

No lado sentimental, João sentia falta de Maria Lúcia. Nunca mais conseguiu se relacionar com uma mulher, sem pensar em Maria Lúcia. Era a mulher de sua vida e ele sempre falava que voltaria para buscá-la e viveriam bem, em Brasília.

No lado comercial, depois que foi inaugurado o outro prédio, administrado pelo pessoal do Rio, o seu prédio teve uma redução considerável de locatários e de clientes.

Também, o seu controle no tráfico caía vertiginosamente.

Um determinado dia, João teve uma visita inesperada. Um jovem, como ele, solicitava uma reunião com João. João concordou em jantar com esse rapaz, depois de perceber que ele estava sendo apresentado por uma turma do alto poder de Brasília.

No jantar, João foi apresentado a Jeremias.

— João, muito prazer. Já ouvi falar muito de você. Meu nome é Jeremias.

— Jeremias?

— Isso mesmo, João. Estou chegando à Brasília, e tenho uma proposta a lhe fazer.

— Prazer, Jeremias. Não me parecia um jantar de negócios. Você é rápido no gatilho, hein? O que você quer?

— Vamos pedir um drinque, primeiro, João?

Pediram bebidas e alguns tira-gostos. Falaram amenidades, ambos sentindo um clima de tensão.

— Bem, João, vou direto ao assunto. Eu sou Jeremias, vim do Rio de



Janeiro e sou o novo dono do Avenida Vermelha, o prédio que você já deve ter ouvido falar.

João engoliu em seco. Jeremias era o seu concorrente?

— Bem, João, o que quero lhe propor é uma união entre nossos dois grupos. Você sabe que eu domino mais da metade do nosso comércio, que você sabe qual é, mas eu quero unir a você para podermos administrar juntos e dominar completamente o tráfico em Brasília.

— Bem, Jeremias, acho que você me conhece. Deve ter ouvido falar que sou meio ignorante e que não aceito dividir o que eu tenho.

— João, não é questão de dividir. A gente só divide o que a gente tem. No seu caso, você já perdeu o que tinha. Eu tenho a maioria dos pontos e estou dando chance a você de participar da administração.

João ficou vermelho de ódio. Não entendia como havia sido chamado para uma reunião desse tipo, apenas para ser humilhado.

— Acho que não falaram muito de mim, para você, não. Eu sou uma pessoa perigosa e que não gosta de gozação. Eu sou meu próprio líder, e nunca vou aceitar ter um sócio como você.

Disse isso, levantou-se e bruscamente foi para o lado de Jeremias.

Nisso, três rapazes, bem vestidos que estavam na mesa ao lado, levantaram-se entraram no meio dos dois, protegendo mais a Jeremias.

— Deixem! — falou Jeremias.

João percebeu que eram do grupo de Jeremias.

— João, acho melhor você sair de Brasília. Aqui não é lugar para nós dois.

E virou as costas para João, sendo seguido pelos outros rapazes. Jeremias havia conseguido o que queria, que era humilhar João, e mostrar que estava chegando para dominar o tráfico em Brasília. E já sabia todo o seu envolvimento com aquela linda mulher. Que bobo que era João em abandonar aquela mulher.

Jeremias começou a ser paparicado por todos os jornais e revistas da cidade. Era convidado e ia em todas as festas, dava entrevistas na televisão, e virou o novo namoradinho da cidade. As mocinhas ficavam caídas por ele.

Era um rapaz alto, de quase dois metros de altura, tinha vinte e seis

anos de idade, era forte. Era branco, rico e tinha um pouco de estudo. Mais do que João. Sabia falar bem, e não tinha timidez em tentar alguma vantagem até com os mais poderosos da cidade.

No prédio que comprou, construiu uma estrutura como a que João tinha no Morro. E, como no Morro, construiu os seus aposentos nos andares superiores.

Começou a chamar os boyzinhos para o seu lado, fazendo festas e mais festas. O seu apartamento vivia cheio de gente. Eram rapazes e moças que corriam atrás de drogas e diversão.

Jeremias aproveitava-se disso para seduzir garotas. Era um namorador nato e não costumava perguntar a idade de suas conquistas. O maior prazer que tinha era receber as meninas, ainda moças, em seu quarto. Sabia que com o poder que tinha, e com as drogas que vendia, conseguiria conquistar estas garotinhas como quisesse.

Promovia festas regadas a bebidas e drogas. Chamava estas festinhas de Rockonha. A maconha era oferecida sem controle, mas a cocaína era permitida apenas para alguns. Havia uso indiscriminado de bebidas e eram distribuídos convites a seus amigos. Esses convites eram disputados a grito.

Permitia o uso aos seus clientes. Sempre usava a melhor, a mais pura.

Como João, no início, tinha total apoio de todos os órgãos superiores. Comprava todo mundo, e se exaltava disso.

Estava orgulhoso com a sua transferência do Rio de Janeiro para Brasília. Até a televisão havia anunciado que um poderoso empresário do setor de diversão havia se transferido para Brasília.

João sabia que precisava ficar atento com o poder que Jeremias tinha, e que, agora que conhecia o inimigo, deveria modificar o modo de ataque, mas, principalmente, saber como se defender.

Sempre andava com uma turma. Não freqüentava mais as festas como antigamente. Aliás, diminuíram os convites para as festinhas. Da mesma forma, João perdia seu poder, e não podia mais fazer tanta extravagância como no passado. E como os maiores amigos estão ligados ao poder, João perdeu muitos amigos, que agora andavam com Jeremias.

## Capítulo 20

### JOÃO CONTRA JEREMIAS — A EMBOSCADA

---

João andava sempre em bando. Tinha um grupo de pessoas que andava sempre juntos. Sabia da necessidade da união, se quisessem permanecer vivos.

João passou a receber a visita da polícia mais vezes em seu prédio. E, nem sempre era avisado de que o pessoal viria. Quando ia conversar com os policiais que eram seus informantes, eles falavam que João não estava mais colaborando como antigamente, e que precisavam de dinheiro para poder trabalhar.

João sabia que não pagava tanto como antigamente, mas percebeu que o que ocorria era que Jeremias pagava mais do que João, e comprou a todos.

De vez em quando, João ia parar na prisão, mas no mesmo dia voltava para casa devido a um bom trabalho de seus advogados. Era uma briga de gato e rato. Mas Jeremias estava por cima e não passava por isso. Os mesmos informantes de João agora estavam com Jeremias.

João se aprofundava cada vez mais nas drogas. Havia usado heroína algumas vezes, mas conseguiu escapar do vício.

Maconha e cocaína eram iguais a comida para João. Usava diversas vezes por dia. Bebia regularmente. Voltou a ter a vida que tinha no passado, antes de morar com Maria Lúcia.

Numa dessas noites, João teve a idéia de fazer um ataque surpresa a Jeremias. Iria invadir cinco pontos de drogas ao mesmo tempo, já que todos os cinco eram próximos.

Reuniu o pessoal, para combinarem.

Todos estavam presentes em sua casa, naquela noite. João, Pablo, Alex, China, Mundo, Rodrigo, e mais os rapazes que serviam de força de frente para João.

— Resolvemos fazer um ataque surpresa — disse João. — Vamos pegar Jeremias e sua turma de surpresa. Vai ser amanhã à noite. Nós vamos invadir cinco pontos ao mesmo tempo. Nós vamos mostrar para esse cara

que ainda somos fortes.

Colocou no papel toda a sua estratégia. Todos deram opiniões, falando sobre o que podia acontecer, onde estava o perigo, e ao final, concordaram com uma estratégia em que corriam pouco risco de serem pegos.

Como iriam atacar perto, resolveram dividir o grupo. João, Alex, China, Mundo e Rodrigo iriam atacar dois lugares.

Os outros rapazes atacariam outros dois pontos. Iriam se juntar em determinada rua que era comum aos dois pontos e iriam, todos juntos, atacar o último lugar, onde Jeremias costumava ficar, pois era perto de sua boate preferida.

Pablo não participaria. Ficaria no Morro, comunicando-se com os dois grupos, prestando assistência, caso fosse necessário.

Tudo estava acertado para o dia seguinte.

No outro dia, passaram o dia preparando as armas, compraram munição e fizeram os últimos preparativos para tudo dar certo.

Quando a noite chegou, todos se reuniram no Morro. À meia noite em ponto foram atacar. Chegaram em determinado lugar e se dividiram. Dois carros para cada grupo.

O grupo de João chegou ao primeiro ponto que ia atacar e teve uma surpresa pela facilidade que encontrou.

Encontraram apenas duas pessoas no ponto, que não ofereceram resistência. João os amarrou, saqueou o que havia no prédio, levando dois revólveres, alguma droga e todo o dinheiro que havia. O que João mais queria era desmoralizar Jeremias.

Saiu do primeiro ponto e foi para o segundo, que ficava a três quadras de distância. A facilidade foi a mesma. Ficou admirado como Jeremias não se preocupava com esse tipo de segurança.

Mas João estava enganado. Tudo não passava de uma grande tramóia. Quando João saía do ponto, em direção aos carros, sentiu que alguma coisa estava errada. Ainda dentro do ponto, viu que um dos seus parceiros estava tenso.

— Alex, o que foi? Não está passando bem? Alex olhou para os lados.

— Não é nada, João, só estou com um mau pressentimento.

— Vamos embora — disse João.

Quando já estavam na rua, para entrarem no carro, João ouviu o barulho dos primeiros tiros. Alguém estava atirando.

João conseguiu se arrastar pela rua, mas quando já ia entrando no carro, percebeu que China, o seu motorista, havia sido morto, com a garganta cortada, sentado no banco do motorista. Neste mesmo momento aconteceu uma rajada de tiros no seu carro. Não o acertou por milagre.

— Vamos, para o matagal.

Pularam os quatro para o matagal. João, Alex, Rodrigo e Mundo. Todos bem armados, conseguiram desvencilhar das balas e cambalear até atingir uma casa em construção. Na casa, percebiam que estavam sendo cercados.

— O que aconteceu, João? — perguntou Rodrigo.

— Acho que caímos numa emboscada. Não sei direito. Alguém está ferido?

— Eu estou — respondeu Mundo.

Só aí João percebeu o risco que corria. Mundo havia sido acertado no ombro esquerdo e sangrava um pouco. Nenhum dos outros havia se machucado.

— Você tinha razão, Alex, havia alguma coisa errada.

Alex ficou calado. Ainda estava tenso e João percebeu isso. João viu muito mais do que estava acontecendo.

Naquele momento João entendeu tudo, mas não podia se precipitar.

De repente veio a rajada de metralhadora, acompanhada por diversos tiros, de todos os lugares. João e seus amigos abaixaram-se. Os tiros pararam. João se levantou um pouco e viu alguém se mexendo. Com apenas um tiro João o acertou. Era um dos capangas de Jeremias, que caiu com um tiro na cabeça. João sabia atirar muito bem.

João pensou que seria um bom lugar para testar a Winchester como nos filmes de faroeste.

— João, eles são em quantos? — perguntou Rodrigo.

— Não deu para perceber, mas são quase em dez. Acertei um. Vamos reagir. Precisamos nos defender até que os outros rapazes sintam nossa falta e nos resgatem.

E assim fizeram.

Jeremias não contava com aquela casa em construção. Tinha escolhido o lugar exato para acabar com a vida de João, mas não contava com aquele esconderijo.

Jeremias já sabia de todo o plano de João. O seu informante o havia avisado. Tudo estava certo para acabar com João. Ele equipou os seus dez melhores homens, os colocou em pontos estratégicos, mas, mesmo assim, João conseguiu escapar do primeiro ataque. Mas eles iriam pegá-lo ainda, era só questão de tempo.

Jeremias deu o apoio ao pessoal e recuou. Não podia arriscar a sua vida. E tinha os melhores homens, os mais bem pagos. Era uma questão de tempo para tudo acabar bem para a sua turma.

Quando o grupo que foi atacar a outra turma fizesse o serviço, voltariam para onde estava João e acabariam com ele.

João, não sabendo de onde, tirou toda a calma do mundo e ficou esperando o ataque de Jeremias. Se a sua outra turma não chegava era porque eles haviam sido mortos. Já era quase quatro horas da madrugada e eles estavam ficando cansados.

João foi onde estava Mundo, o único ferido do grupo.

— Como você está?

— Estou só um pouco cansado, não sei se isto termina logo... Meu joelho dói...

João percebeu que, além do tiro no ombro, Mundo havia sido atingido na perna, de raspão.

— João, estamos perdidos. Não vamos conseguir escapar dessa... — disse Mundo. — Como eles nos descobriram?

— Eu não sei, Mundo, eu só sei que Jesus foi traído com um beijo.

Mundo entendeu o que João queria falar. Só não percebia que o traidor estava muito perto e escutava tudo o que João falava.

Ainda estavam conversando quando João percebeu que eles começaram a se movimentar mais do que o normal.

— Presta atenção — falou baixo. — Estão preparando alguma coisa.

Foi só falar que começaram a atirar. João percebeu que dois deles

estavam tentando se aproximar pelas costas. Um tiro de João e outro de Rodrigo conseguiram derrubar os dois. O tiroteio cessou.

— João, estou sangrando muito. Acho que estou morrendo. Tudo está perdido... — disse Mundo.

— Quando tudo está perdido sempre existe uma luz — disse João. — Resista, Mundo, eu preciso de você, aqui, do meu lado.

Aquilo foi um grande estímulo para Mundo. Recuperou suas forças depois das palavras de João.

— João, quem é o inimigo?

— Eu já estou em dúvida. Eu sei que o Jeremias está envolvido nisso, mas quem mais poderia estar contra a gente?

— Será que vamos conseguir vencer? — perguntou Rodrigo. João não respondeu.

— Sabe o que estou pensando? — falou João. — Eu sempre gostei de faroeste. Lembra de quando os índios ficam cercando os mocinhos? Estou me sentindo assim.

— Isso não é hora de brincar, João.

— Mas o que eu mais gostava era que os mocinhos sempre ganhavam dos índios. No final todos os índios eram mortos.

Pela primeira vez em sua vida estava ficando com medo. Já estava quase amanhecendo e nada de ajuda. De vez em quando havia uma troca de tiros, mas nenhum dos dois grupos conseguia tirar alguma vantagem.

João lembrou-se da droga que haviam encontrado no ponto de Jeremias. Procurou o pacote. Não encontrava...

— Alguém de vocês tem cocaína? — perguntou.

Alex tirou um papelote do bolso e entregou a João, que o usou imediatamente, recuperando uma força que estava quase perdida.

Levantou-se, inesperadamente, gritando.

— Quem é você? Acabe logo com isso...

Nem bem acabou a frase, começou uma chuva de balas. João foi acertado no braço direito e na perna. Caiu imediatamente. Aos poucos os tiros foram parando.

— João, você está bem? — perguntou Rodrigo. João apenas gemia,

sentindo a dor do ferimento.

— Você teve sorte, João, foi só de raspão.

— Não sei mais se é só questão de sorte. Pode até ser. Mas eu estou pronto para outra...

João se arrastou e pegou sua arma. Mirou em algo que ninguém via, apenas ele. Atirou e viu alguém gritando.

No mesmo instante o restante do grupo voltou a atirar.

O dia ia amanhecendo, quando Alex resolveu assumir o grupo, já que João não estava bem.

— Vamos nos preparar para fugir.

— Eu não posso andar — disse Mundo. — Eu vou ser baleado se tentar me mover.

— A noite acabou. Talvez tenhamos que fugir sem você. João escutou aquilo e reagiu.

— Alex, deixa de covardia. O que você quer? Que acabemos mortos?

— Mas, João, e se nada acontecer? Vamos ser alvo fácil daqui a pouco.

— Será que nada vai acontecer? — disse Rodrigo.

— Eu acho que vai acontecer algo muito bom — disse João. — Algo me diz que nós vamos sair vitoriosos.

— Isso é impossível, João, se continuarmos assim... Não temos chance! — falou Alex.

— Eu já disse: quando tudo está perdido sempre existe um caminho.

Neste momento eles viram uma movimentação do pessoal. De repente alguns tiros, e começou um grande tiroteio.

João e os rapazes viram alguns dos seus inimigos se aproximarem, assustados, olhando para frente e para trás, e a saída era atirar. E matar.

A cavalaria havia chegado.

Pablo foi o primeiro a se apresentar, acompanhado de Natinho.

— Vocês estão bem? — gritaram.

— Estamos feridos, venham aqui.

Pablo sentiu que as coisas não haviam corrido como o planejado, ligou para Natinho, que rapidamente recrutou cinco amigos de alguns pontos de João e foram socorrer os amigos. Foram ao ponto em que estava a outra



turma.

Dois dos rapazes foram mortos, outros três estavam feridos e apenas um saiu ileso.

Pablo chegou com o pessoal na hora que os rapazes já estavam quase ganhando a batalha, mas conseguiram ajudar no desfecho.

Rapidamente foram onde estava João, e aos poucos, sem os rapazes perceberem, se aproximaram, devagarzinho, até pegar todo mundo de surpresa.

— A gente não queria lutar. Agora veja quantos corpos no chão — disse Natinho.

Eles haviam assassinado todos os membros da gangue de Jeremias que participaram da emboscada. João ficou muito feliz com a chegada de Pablo e realmente não esperava que o amigo, pessoalmente, fosse defendê-lo. Foram levados a uma clínica de um amigo de João, onde ele tinha certeza que estariam protegidos, tanto da polícia quanto da gangue de Jeremias. Doutor Euclides, pessoalmente, os atendeu.

João estava com um ferimento de bala no braço e outro na perna. Mas, ambos eram superficiais. João não corria risco de vida.

Mundo estava ferido com mais gravidade. Os seus ferimentos eram mais sérios e foi conduzido para a CTI da clínica, para um acompanhamento mais sério. Alex e Rodrigo não se feriram na emboscada. China havia sido morto, ainda no carro.

Na outra turma, dois haviam morrido na hora do ataque. Três estavam feridos superficialmente e um saiu ileso. Pablo, Natinho e os seus cinco amigos estavam bem.

João e seus amigos feridos ficaram alguns dias na clínica, até se recuperarem totalmente. Pablo e Natinho visitavam João e seus amigos todos os dias. Ficavam horas conversando. Em uma dessas visitas João abriu os olhos de Pablo.

— Cadê o Alex, que ainda não veio nos visitar? — perguntou João.

— Apareceu lá hoje, de manhã. Apenas perguntou como vocês estavam. Parecia meio perdido. Será que ficou chocado com o que aconteceu?

— Fica de olho. Estou desconfiado de que ele está entregando nosso

jogo para Jeremias. Manda alguém segui-lo. Enquanto eu estiver aqui, disfarçadamente, mande alguém ver o que ele anda fazendo.

— Deixa comigo, João. Vou fazer isso, hoje ainda. Como você desconfiou?

— Ele ficou muito estranho todo o tempo da emboscada, parecia perdido. Percebi que ele atirava a esmo. Não acertou ninguém. E, também, estava com o bolso cheio de cocaína. Ele tava querendo passar a perna na gente. Fica de olho. E Jeremias ficou e descobriu que Alex teve um encontro em um dos pontos de droga de Jeremias. O seu comportamento estava muito estranho. Mesmo assim, Alex voltou ao Morro, hoje pela manhã.

No outro dia, Pablo e Natinho voltaram à clínica. Quando estavam chegando, viram uma gritaria.

— O que está acontecendo? — perguntaram para a enfermeira. A enfermeira Simone, vinha sorrindo pelo corredor.

— Todos os doentes estão cantando.

Era típico do João Irreverência. Depois de tanto sufoco, tanta violência, e ele, rindo.

— Agora chegou a hora da injeção. Vamos lá? — Simone brincou com os dois.

Entraram na enfermaria. Todos cantavam e João mudou a letra da música, para homenagear a Pablo. Falava algo sobre o heroísmo de alguém que venceu uma guerra.

— Vamos acalmar, chegou a hora da injeção — disse Simone, pegando no braço de um dos rapazes. — Esse aqui é difícil, não tem mais lugar para as agulhas entrarem...

— Aplica na testa... Não é de graça? — brincou João. E todos ficaram rindo.

— Tanta doença e vocês ficam aí, rindo?

— E quem sabe não serão nossos últimos momentos divertidos? — falou João.

— Só por Deus! — falou Simone, balançando a cabeça. Simone aplicou as injeções e saiu. Pablo conversou com João.

— Realmente, você tem razão sobre aquele assunto. É fria! Mas, ele está

dos dois lados.

— Deixa comigo! Amanhã a gente vai ter alta e aí eu vou acertar com ele.

— Vamos pensar nisso, depois, não vamos falar para os outros ouvirem — disse Pablo. E escutaram os outros conversando como foi o tiroteio.

— Legal foi quando o João se encheu de coragem e gritou no meio do tiroteio: “Quem está aí? Quem é você?” E aí choveu um monte de bala nele, falando quem eles eram.

E morriam de gargalhar.

— Foi a cocaína. Eu fiquei doidão.

— Eu só sei que não entendi nada. Vi você se levantando, gritou e de repente vi você cair. Achei que você iria morrer ali.

E ficaram conversando bobagens.

## Capítulo 21

### JOÃO E O TRAIADOR

---

No dia seguinte quase todos tiveram alta, da clínica. Apenas Mundo continuou internado, para acompanhamento, mas já estava bem melhor.

João marcou uma reunião com todos os seus vendedores, todos os que participavam da gangue, todos os funcionários dos andares de baixo, como ele falava.

No dia seguinte, às nove da noite, todos estava lá. Reuniram-se nos pavimentos subterrâneos, onde era controlada a droga.

João começou falando.

— Pessoal, eu estou bem, passei por uma tentativa de assassinato, mas está tudo bem. Alguns aqui estavam comigo, naquele dia. Foi um negócio muito sério, que me ensinou muito.

— Eu estava ferido, no meio de uma construção, num lugar sem segurança nenhuma, e via a morte se aproximando. Neste momento eu percebi o que é morrer. Eu nunca vivi pensando em morrer, pelo contrário, tomei algumas decisões pensando ser imortal.

— Mas, naquele momento, fiquei com medo. Percebi que estava levando alguns de vocês comigo, só por amizade, e outros, por poder, dinheiro, e sei lá o que vocês pensam. Cada um pensa uma coisa. Mas, naquele dia eu vi amigos e inimigos. E também, vi amigo que era inimigo. E fiquei com medo. Fiquei com medo de confiar em todo mundo. Eu tenho todos os defeitos que um homem pode ter, mas sempre confiei em quem está do meu lado.

— E quase morri por isso!.

João parou um instante de falar. Respirou. Tudo estava calmo quando começaram uns burburinhos no salão. Alguns entendiam o que João estava falando e outros estavam completamente perdidos.

— Primeiro, quero falar com vocês que estamos numa concorrência muito séria, contra um outro grupo que vocês conhecem. O Jeremias está crescendo demais. Eu quero falar para vocês que estamos reduzindo a nossa produção. Agora vamos trabalhar com menos produtos, devido a alguns

probleminhas que tivemos.

— Devido a isso, dou todo o direito a vocês para decidirem o que querem fazer. Se vocês quiserem ficar comigo, eu ficarei muito feliz, mas não teremos mais o modo de trabalho que tínhamos. Teremos que ficar mais vigilantes, devemos andar armados, preparados para todo o tipo de surpresa que possa ocorrer.

— Quem quiser ir embora, não há problema. Eu só não quero que fiquem insatisfeitos. Se vocês estiverem aqui, devem se dedicar totalmente ao nosso negócio. Ao contrário, se pensam em dividir as atenções entre eu e Jeremias, queiram ir embora. Tem gente que está do meu lado, mas deveria estar do lado de lá. Eu não vou ficar chateado. Eu prefiro isso, a ter que tomar decisões mais sérias no futuro, se é que vocês me entendem.

— Não precisam ir agora. Amanhã, quem não vier trabalhar preferiu o outro lado, ok? É só isso!.

— Era o que tinha para falar nessa reunião — disse João.

Foi uma reunião rápida. Formaram alguns grupinhos que ficaram discutindo o que fariam. Cada um tinha a sua opinião. Alguns eram mais corajosos, outros nem tanto. Sabiam que o império estava desmoronando, mas tinham receio da decisão que tomariam.

Aos poucos foram indo embora. Inclusive Alex, que ficou meio escondido durante toda a reunião. Não foi como no passado, quando ficava sempre perto de João.

Alex já ia saindo, quando dois rapazes impediram a sua saída, falando que João queria conversar com ele. Ele voltou-se e viu João acenando, chamando-o. Os rapazes o acompanharam.

Foram para uma salinha, em separado. Nesta salinha estavam presentes Natinho, Pablo, João e três rapazes, que agora acompanhavam João em todos os momentos.

— Alex, quero te fazer umas perguntas — falou João.

— O que foi, João? — perguntou Alex, assustado.

— O que aconteceu naquela noite? Por quê você errou tantos tiros?

— Eu não errei não, João... Sei lá, se eu errei, eu estava nervoso... Não sei o que aconteceu...

— Eu sei o que aconteceu. Como você pôde me trair dessa forma?

— Trair? Eu nunca traí você, João.

— Eu mandei seguirem você, Alex, e sei tudo o que anda fazendo. Foi você que passou tudo o que iria acontecer naquela noite. Foi por isso que estava tão fácil no começo. Eu quase morri a menos de trinta e duas horas atrás e você é o culpado. Você queria que eu morresse...

— Eu não fiz nada disso, João.

— Alex, eu sei de tudo. Você me deu sua palavra de confiança, e agora apronta isso?

— Eu não fiz nada, João, pelo amor de Deus. Se dez batalhões viessem à minha rua, e vinte mil soldados batessem à minha porta à sua procura, eu não diria nada... Eu te dei a minha palavra!

— Seu interesse é só traição... E mentir é fácil demais!

João deu o primeiro murro, que acertou no estômago de Alex. Este caiu gemendo no chão.

— Quando eu penso no que você fez, eu tenho febre... E chutou o rosto de Alex.

Alex tentou se levantar mas tomou alguns murros dos seguranças de João.

— Parem! Levantem-no!

Levantaram Alex, que não conseguia ficar em pé. Alex sangrava pela boca. João, sem dó puxou os cabelos de Alex, levantando sua cabeça.

— Veja bem quem eu sou, desgraçado! Você nunca mais vai trair ninguém!

— João... Eu juro... que... nunca mais... faço isso... Eu não sei... mais mentir... Alex falava, e o sangue escorria de sua boca.

— Beba desse sangue imundo.

João levantou a cabeça de Alex, fazendo ele se engasgar com o próprio sangue. Soltaram Alex, que caiu no chão, sem forças. João puxou o seu revólver.

— Alex, você nunca mais vai trair nem mentir para ninguém. E deu o tiro final. Alex estava morto.

João sentiu a morte de Alex. Tanto que confiou neste rapaz e ele fez isto

com João. A partir deste dia João não conseguiu confiar em mais ninguém. Nem em Pablo, nem em Natinho, em ninguém.

João passou a beber com mais intensidade, enquanto usava drogas mais pesadas. Passou a ser viciado em heroína. Enquanto isso, Jeremias tomava cada vez mais o poder. Metade dos funcionários de João pediram afastamento, principalmente quando souberam o que aconteceu com Alex.

João tinha muita rivalidade com Jeremias.

Certa vez conseguiu escapar de um atentado contra seu carro, por milagre. Quando parou num sinal, uma moto com duas pessoas parou ao lado e dispararam diversas vezes contra o carro de João. Neste atentado morreram dois seguranças de João, mas, milagrosamente João não foi atingido.

Em outras ocasiões aconteceram fatos semelhantes. E sempre quando João tentava eliminar Jeremias, percebia que não tinha poder para isso.

Dessa forma, João se trancou em casa. Bebia e usava drogas, e começou a se afastar da vida. Um dia estava tão mal, que não conseguia reconhecer nem Natinho, nem Pablo.

— João, você está bem? — disse Natinho.

— Oi... Estou... bem... Muito bem... Quem é você?

— Você não se lembra de mim, João?

— Esqueci seu sobrenome, mas me lembro de você...

— João, eu sou o Natinho...

— Escrevi seu telefone num pedaço de papel... Você conhece essa música?

No dia seguinte, João estava melhor. Natinho e Pablo ficaram com ele durante toda a noite. Tiraram toda a droga do apartamento e forçaram João a não usar drogas, nem beber. Foi difícil, mas João estava tão debilitado que não reagiu.

João ainda tentou se recuperar, mas, quando viu uma pichação na parede do Morro, ficou desesperado. A pichação escrevia: “OS TAMBORES DA SELVA RUFARAM: A COCAÍNA NÃO VAI CHEGAR”.

— Pablo, tudo o que vier agora, vai começar a ser o fim...

— É, João, eu não tenho esperanças de melhorar nada.

— Pablo, vou ficar uns dias numa clínica, para desintoxicar. Você me ajuda. Administra o que resta?

— Vai, João. Você está precisando. Não temos muita coisa, mas eu tomo conta. E João foi para a clínica, com toda a ajuda de Natinho.



## Capítulo 22

### JOÃO SE ARREPENDE

---

Natinho visitava João todos os dias. No início João nem o recebia, tanto que sofria com a dependência da heroína.

Mas, conseguiu, aos poucos, recuperar um pouco da sua personalidade.

João já tinha trinta e dois anos e não havia um bom futuro para ele. Ele começou a se preocupar com isso.

Natinho, sempre que o visitava, levava livros e cds que continham mensagens positivas, músicas de bom gosto, com boas letras, e fazia o possível para recuperar João. A princípio, João reagia rispidamente a esta tentativa de recuperação que João planejava.

Natinho, sempre procurava aproveitar todos os momentos de suas visitas para ajudar João a se encontrar. Ele sabia que, psicologicamente, João estava vulnerável. Era a chance que Natinho queria para realizar a mudança final na vida de João. Agora era tudo ou nada. Natinho sabia disso.

Andando pelos jardins da Clínica, João já completava vinte dias de tratamento e já estava mais calmo, mas ainda tinha recaídas, necessitando de drogas. Nesses momentos de recaída João mandava Natinho trazer alguma coisa para ele. Natinho, que há alguns anos também tinha passado por um tratamento parecido, se afastava, ficava alguns dias sem visitar João, e quando voltava, a crise já havia passado.

— João, você está bem melhor — disse Natinho. — Você percebe como está mudando. João não respondeu.

— Você está bem, João?

— Natinho... Você vem aqui com esse papo de melhorar minha auto-estima, viver melhor... Você acha que é o quê? Não me olhe assim com esse semblante de bom samaritano.

Natinho percebeu que havia sinais de recaída. Foi devagar.

— João, você precisa ter mais fé. Ter fé em você, em primeiro lugar. Você precisa ter fé em Deus. Ter fé em que vai melhorar. Você precisa acreditar mais do que todos nós.

— Ninguém me entende...

Por coincidência, naquele horário, do lado de fora da Clínica, estavam saindo com uma procissão da igreja.

— Olha, João, o que é ter fé... Todos seguem um santo, uma santa, e jogam as suas esperanças nas mãos desse santo. Acreditam que seguindo em procissão, podem conversar e serem escutados pelo santo. Vamos ouvir o que eles estão cantando?

“Nossa Senhora do Serrado, protetora dos pedestres...”

— Você ouviu, João? — disse Natinho. — É uma Santa.

Natinho olhou para João que olhava atento as pessoas em fila, alguns levando cartazes, com dizeres estranhos: URBANA LEGIO OMNIA VINCIT. João começou a chorar.

— Não me olhe assim.

— Calma, João, chorar é bom para a nossa alma, para o nosso espírito. Você já percebeu que quando chora fica mais leve. É como se tirasse um peso das costas.

E João chorou mais uma vez.

— João, você tem que entender que Deus é bom. Ele não quer nada mais que nos dar amor e que possamos dar esse amor para os outros.

— Natinho, você sabe que eu nunca acreditei em Deus.

— Nunca é tarde, João. Você lembra daquela passagem na bíblia que fala que devemos amar as pessoas como se não houvesse o amanhã?

— Ouvi alguma coisa parecida.

— Pois então, não precisa ir a igrejas, freqüentar cultos, basta você amar as pessoas.

— É muito difícil amar as pessoas, João.

— Eu sei que é, mas faça o possível.

— Eu sempre odiei, e agora, devo amar?

— Exatamente, João, nunca é tarde.

João parou um pouco para pensar. Lembrou do que sofreu em sua vida, sem ter família, sempre sendo rejeitado, sempre tendo problemas. Era muito difícil amar.

— Natinho, os meus sonhos estão acabando. Não acredito mais nos

meus sonhos.

— Nunca deixem que lhe digam que não vale a pena acreditar nos sonhos que se tem.

— Mas, no meu caso, o sonho de poder, de riqueza, não será mais possível.

— Mas você teve tudo na sua mão. A diferença é que você não soube dar o valor na hora certa. E você tem que perceber que os sonhos mudam. Quando você teve dinheiro e poder você não se realizou. Quando foi que você foi mais feliz em toda a sua vida? — perguntou Natinho.

João não hesitou em responder.

— Quando eu estava com Maria Lúcia. Foram os melhores dias que vivi.

— E você era rico, nesta época? Você não abandonou tudo, para ser feliz?

— Foi, Natinho, só não soube segurar a minha felicidade.

— Mas pode preparar o seu futuro. Você precisa mudar daqui para frente, e quando tiver uma outra oportunidade, você deve perceber o que está acontecendo e segurar de todas as formas. Pense em amar, João.

João pensou. Era muito difícil. Sempre quando lembrava no amor, lembrava de Maria Lúcia.

— Natinho, como você consegue ser tão forte.

— Eu sou diferente de você, João. Sempre que eu me relaciono com alguém, eu penso em amar esta pessoa primeiro. Vê que a minha força é quase santa? Eu consigo atingir os meus objetivos sem disparar uma bala, sem dar um soco. Eu amo os meus amigos, eu amo as amigas. Amo quem conheço hoje, e quem conheci a dez anos. João, sem amor eu nada seria. Só o amor conhece o que é verdade.

— Obrigado, Natinho, hoje eu consegui perceber que posso modificar minha vida. Vou pensar no que você falou. Sabe por quê? Porque eu vou reconquistar Maria Lúcia. Eu quero essa mulher novamente ao meu lado.

— Falou bonito, João. Procure dentro de você onde está o amor, que você vai encontrar. Faça assim, todos os dias antes de dormir, converse com sua alma. Feche os olhos e converse com Deus. Faça perguntas, escute as suas respostas. Agradeça o que conseguiu e prometa alguma coisa para Deus.

Você vai ver que vai se sentir bem melhor. Já estava na hora de Natinho ir embora.

João achava que seria fácil fazer o que eles haviam conversado, mas não era. Havia os momentos de sossego, quando ele conversava com Deus, mas também havia os momentos que uma força maligna invadia os seus pensamentos e fazia João se lembrar do que ele já havia feito na vida. Os assassinatos, as brigas, as festas, vendas, uso de drogas. Lembrava do rosto de Alex, que foi morto brutalmente.

João buscava refúgio, nestes dias, nos livros e cds que Natinho e Pablo trazia.

Com dois meses, voltou para casa. Mas apenas dez dias depois já havia usado cocaína novamente. Bastava ter uma lembrança negativa do passado, que condenava o seu futuro. As drogas perseguiam-no. Passou um ano muito difícil, de altos e baixos. Voltou à Clínica algumas vezes, mas percebeu que não era tão fácil se afastar dos vícios.

Morava com Pablo, em uma casa que havia sobrado de todo o seu império. O seu prédio havia sido vendido para sanar as suas dívidas. Não tinham mais poder, tinham poucos pontos de venda de drogas. Havia definhado, seriamente.

— Não existe beleza na miséria, Pablo.

Pablo estava no sofá, assistindo televisão. Era um domingo, e como em todos os domingos, não há nada para fazer. — É, João, já percebi...

— Não temos mais nada...

— Não fala assim... Era para estarmos muito pior. Não se esqueça que somos criminosos e poderíamos estar presos. Então, devemos estar satisfeitos em termos a nossa liberdade.

— Não acho muita coisa. E mesmo se eu tiver a minha liberdade, não tenho tanto tempo assim.

— O que você quer dizer, João?

— Acho que vou tentar a reconciliação com Maria Lúcia.

— João, você precisa mudar algumas coisas para viver com ela.

— Eu sei. Às vezes faço planos. Às vezes quero ir... Voltar a ser feliz...

— Eu entendo, João.

— Quem diz que me entende, nunca quis saber de mim. É só fingimento.

— Você mesmo disse, João. Quando se aprende a amar o mundo passa a ser seu.

— Eu aprendi a amar, mas de uma forma diferente. Eu sei que Maria Lúcia ainda me ama. Ela era bem apaixonada por mim. Apesar de já estarmos separados a mais de quatro anos, ainda acho que ela me ama.

Natinho chega à casa de João. Mais tarde convida João para dar uma volta. Já era tarde do domingo. Eles moravam num bairro mais afastado, e numa hora daquelas todo mundo já estava dormindo.

— Sabe, Natinho, ontem eu tive um sonho. Sonhei com meu pai. Nem me lembro como ele era, mas ele apareceu no meu sonho. A gente estava na Bahia, e saí para caminhar com meu pai. A gente ficou andando pelas ruas de Boa Vista, a cidade que nasci, e conversamos sobre coisas da vida.

Natinho ficava em silêncio, apenas escutando.

— É curioso o sonho. É como se meu pai quisesse me avisar alguma coisa. Lembro que ele me falava sobre tentar ser forte a todo e a cada amanhecer.

— Eu entendo esse sonho, João. O que você está planejando?

— Estou pensando em voltar a ver Maria Lúcia. Natinho balançou a cabeça.

— Você acha que está na hora certa. Já tem bastante tempo que vocês não se encontram.

— Eu sei que ela está me esperando.

— E se ela mudou? Você já ligou para ela?

— Tentei, mas mudou o número. Se ela se mudou, eu a encontro. João sentou-se na guia da rua, e colocou as mãos na cabeça.

— Natinho, o que há de errado comigo? Eu não sei mais do que sou capaz...

— Você está confuso, João. Mas, cuidado para não tomar a decisão errada.

— Olhe, Natinho, para essas casas. Estou acordado e todos dormem. Estou conversando com você como se eu fosse um doente. Eu preciso fazer

alguma coisa para ser feliz. Eu vou voltar para Maria Lúcia, voltar a trabalhar, e viveremos felizes.

João colocou a cabeça entre as pernas e chorou.

— João, não esconda sua tristeza de mim.

— Natinho eu vou tentar alguma coisa. E se eu tentasse recuperar os pontos?

— João, pense só um pouco. Não existe nada de novo. O que era para acontecer, já aconteceu. Você vive insatisfeito e não confia em ninguém. Não acredita em mais nada, e agora é só cansaço.

— Acho que entendi o que quis dizer, mas existem outras coisas.

— Que outras coisas? — perguntou Natinho. — Tínhamos um plano, você mudou de idéia. No auge de seu comércio você procurou o seu amor. Por quê não ficou com Maria Lúcia? Agora quer tentar recuperar o quê? Não vê que tudo está perdido?

João se levanta.

— Tudo está perdido, mas existem possibilidades...

— Quais são essas possibilidades?

João finalmente se entrega. Seu coração está apertado. Sabe que precisa aprender a viver como está, sem seu império, sem seu poder, e que nunca mais vai conseguir o poder novamente.

João chora, solta as emoções através das lágrimas. Natinho deixa João chorar, sabe que é o melhor no momento. Depois de alguns minutos, Natinho se aproxima de João.

— Já passou! Já passou! Acalme-se! João se acalma aos poucos.

— Sou um animal sentimental... — fala João. — Já enfrentei tanta confusão, já matei gente, e estou aqui, chorando, que nem uma criança.

Natinho sabe que é melhor João desabafar.

— Sempre que tentaram a me obrigar a fazer o que eu não queria, eu reagia violentamente. Nunca fui dominado. Antes eu era duro, violento e forte. Hoje estou mudado, sou novo ainda e estou enfraquecendo.

— Não é isso, João. Você está percebendo que o caminho que você percorreu até hoje não te levou a lugar nenhum.

— Antes eu sonhava... — disse João. — Agora, já nem durmo!

## Capítulo 23

### SEGUNDA VEZ NO INFERNO — JEREMIAS E MARIA LÚCIA

---

João e Natinho foram para Goiás. Natinho resolveu acompanhar João, pois este não estava muito bem. Natinho sabia o que o esperava. Depois de mais de quatro anos tudo haveria de estar mudado. Seria quase um milagre se Maria Lúcia continuasse igual, principalmente porque João, quando entrou em contato com Maria Lúcia só atrapalhou ainda mais as coisas.

Desta vez, foram de ônibus. Desceram na rodoviária e tomaram um coletivo até o bairro onde João havia morado com Maria Lúcia. Em frente a casa, havia uma praça.

Nesta praça, Natinho se despediu de João, desejando-lhe toda a sorte do mundo. Ficaria ali o tempo necessário, até que os dois conversassem e se acertassem.

João se dirigiu à casa. Tocou a campainha e pouco depois Maria Lúcia apareceu na porta. Ela continuava linda, agora mais madura, mas João estava muito mais acabado do que quando havia vivido com ela.

— Oi, Maria Lúcia. — disse João. — Resolvi lhe procurar para conversarmos. Maria Lúcia se assustou. Não esperava que João aparecesse mais na sua frente.

— Oi, João. Que surpresa! — disse Maria Lúcia, sem demonstrar alegria.

— Tudo bem? Vim lhe ver. Podemos conversar um pouco?

— Não sei se isto é bom. As coisas mudaram, João.

— Vamos conversar! O que perderemos com isso?

Maria Lúcia convidou João para a sua sala. Ainda morava na mesma casa, mas havia móveis diferentes.

— O que trouxe você aqui, João — falou Maria Lúcia, rispidamente.

— Maria Lúcia, eu aprendi muito com tudo o que aconteceu com a gente. Quando eu te deixei, era diferente. Eu pensava diferente e não sabia o que estava fazendo. Percebi que é só você a razão de minha alegria. Eu não

sei viver sem você. Só não voltei antes porque não pude mesmo, a vida me deu umas porradas.

Maria Lúcia percebia um outro João. Era inseguro, maltratado pela vida, e aparentemente, não tinha abandonado os vícios.

— João, tudo mudou. Nada mais é como era no passado.

— Maria Lúcia, eu sinto a sua falta. Nunca mais eu fui o mesmo depois que eu fui embora. Eu sei que eu sou um idiota, mas deixa eu voltar para casa. Eu sinto falta do teu corpo junto ao meu...

— Você teve isso, João. E jogou tudo fora... Você lembra?

— Lembro, mas me arrependi de ter ido embora. Eu aprendi muita coisa depois que eu fui embora...

— Agora as coisas estão diferentes. Esse “eu te quero” já não me convence mais. Você só aparece quando convém aparecer.

— Maria Lúcia, eu lhe amo. Não sei viver sem você. A única coisa que tenho é uma pequena foto sua. Achei o três por quatro teu e não quis acreditar que tinha sido a tanto tempo atrás. Quando eu lhe vejo nesta pequena foto, é como se o meu coração criasse forças para enfrentar o mundo. É só você que me dá essa força...

— Você falou tudo, João. Já faz muito tempo. Eu não gosto de ser rejeitada. Você se lembra de quando me ligou. Falou que vinha e só alguns dias depois, voltou a telefonar dando as piores desculpas. Eu mudei, passei uma fase muito difícil na minha vida. Tudo o que sei é que você quis partir. Demorei para esquecer. Demorei para encontrar um lugar onde você não me machucasse mais. Descobri que o tempo é mercúrio-cromo.

— Eu sinto falta de você, Maria Lúcia — falou João. — Descobri que é só você que me entende do início ao fim. Eu não posso viver sem você. Eu nunca mais vou embora, nunca mais vou lhe abandonar...

— João, você se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era para sempre?

— Eu lhe falei que me arrependi das bobagens que fiz no passado... Nunca mais consegui sair com mulher nenhuma. Quando penso em alguém, só penso em você. E os sonhos não acabam. Vamos ficar juntos para sempre, se você quiser...



— João, o que você acha que eu sou? Você me abandonou! Simplesmente pensando apenas em você, resolveu ir embora. Só você sabe o motivo. Você diz que tudo terminou, e agora, quer voltar? O que você quer que eu faça. Simplesmente o deixe entrar casa adentro, e ignore o sofrimento que me causou.

— Você disse que me amava...

— Eu amei você, João. E vou lhe falar uma coisa. Em nenhum momento eu deixei de lhe amar. O que eu procurei é me amar mais do que eu amava. Eu me preocupava com os outros e esquecia de mim. Acabou! Agora eu amo mais a mim...

João resolveu mudar de estratégia e tentou abraçar Maria Lúcia. Achava que a aproximação a faria sensibilizar-se.

— Eu te amo, e preciso de você, Maria Lúcia. Maria Lúcia o empurrou.

— Não venha para cá, que eu não quero mais saber de você.

Maria Lúcia levantou e ficou do lado oposto de João, percebendo que ele tinha um pacote na mão, e não sabia o que poderia ter naquele pacote. Ficou com medo de rejeitar João e tornou-se mais cautelosa.

— João, eu sofri muito. O tempo passava e você não aparecia. Você não telefonou. Quatro anos, João! Já tem quatro anos que você se foi. João, enquanto a vida vai e vem, eu procurava alguém que me dissesse: “Quero ficar só com você”.

João percebeu que tudo estava acabado, e resolveu jogar sua última cartada.

— Me disseram que você estava chorando, por isso resolvi voltar...

— Quem te disse isso, João. Deixa de ser mentiroso. Você nunca ligou para mim. É isso mesmo, você nunca ligou para mim, só ligou para você mesmo. O seu cinismo, essa sedução... Volta para o esgoto, baby, vê se alguém lhe quer.

Maria Lúcia estava muito zangada.

— Não me ofende. Eu posso ter meus problemas, mas estou melhorando. Pensei que você pudesse me ajudar, mas estou percebendo que estou perdendo tempo.

— É isso mesmo, João, você está perdendo seu tempo. Sai de mim que

eu já não quero saber de você...

— Não tem jeito?

— Agora já não tem mais volta...

João voltou-se a sentar. Neste momento entra na sala um menino, de uns dois anos. Corre para os braços de Maria Lúcia.

— Acordou, filhinho. Viu só, nós assustamos o menino.

João percebeu que Maria Lúcia era mãe. Então ele realmente é que tinha problemas para ter um filho. Maria Lúcia tinha razão. Se ele tivesse feito os exames e fizesse tratamentos talvez hoje seria o pai daquela criança.

— Quem está ao seu lado, agora? — perguntou João. Maria Lúcia estava linda abraçando aquele menino.

— É uma longa história. Acho que Deus me odeia. Jogou este homem na minha vida e ele vem e vai. O nome dele é Jeremias. É do Rio de Janeiro, mas está morando em Brasília.

Foi como se João tomasse um tiro. Doeu mais do que qualquer coisa que tinha acontecido em sua vida. Jeremias conseguiu destruir tudo em sua vida. Aquele maldito, além de derrubá-lo em seu comércio, ainda acabou com a sua única chance de paz.

Abriu o pacote, tinha a Winchester 22. João pegou aquilo nas mãos, olhou para Maria Lúcia com seu filho no colo. Maria Lúcia se encolheu no canto da parede. Sabia que João a mataria. Sabia que João estava louco de ciúme e faria aquela tragédia.

— Maria Lúcia, olhe para mim... — disse João. Maria Lúcia olhou, devagar, para João.

— Maria Lúcia, eu estou derrotado. Vocês ganharam. Quero que receba isso, como uma lembrança minha. Foi a coisa mais valiosa que me foi dado com carinho por alguém que eu tenho certeza que gosta de mim, sem interesses. É a coisa mais importante na minha vida...

Maria Lúcia foi aos poucos se libertando daquele medo, e esticou devagarzinho a mão, até pegar na arma. Tomou-as em suas mãos. Era realmente, muito bonita. Nova, brilhando.

— Fique sossegada. Nunca foi usada. Esta está virgem. Eu prometi que só a usaria quando fosse capaz de mudar toda uma vida. Seria a última bala

da minha vida. Mas, agora estou vendo que nunca a usarei. Quero que a guarde, e se lembre que você foi a pessoa mais importante na minha vida. Eu te amei, eu te amo e sempre te amarei...

Falou isso, virou as costas, saiu. Maria Lúcia viu que João estava chorando. Viu João se dirigir para a praça, encontrar com outro rapaz. Saíram em direção contrária à casa de Maria Lúcia. Tudo estava acabado. Mas Maria Lúcia ainda amava João.

## Capítulo 24

### O DUELO

---

Natinho percebeu o que havia ocorrido assim que viu João saindo da casa de Maria Lúcia. Não quis conversar com João, porque sabia que o que ele falasse não ajudaria. Agora, só o tempo consertaria o seu coração.

— Natinho, quem inventou o amor?

Natinho sabia que era uma pergunta sem resposta.

— Vamos embora, João, tudo agora é coisa do passado.

Foram para a Rodoviária, e pegaram o ônibus para Brasília. Tudo estava acabado. João sabia que tinha que começar uma vida diferente de tudo o que tinha. Não tinha mais o comércio, nem os amigos, e muito menos dinheiro e condições de reconstruir tudo. Só restava a João voltar a vender drogas, ou trabalhar.

Trabalhar, ele não conseguiria, mesmo porque continuava viciado. Vender drogas seria a solução.

Quando chegaram em Brasília, João procurou uma forma de fazer o seu próprio ponto de venda de maconha. Era um quartinho que não tinha nem camas. Tinha um colchão velho em cima de caixas de tomate, onde ele dormia, e ali mesmo ele passava a droga. Mas, cada vez estava ficando mais difícil, porque ele usava mais do que vendia.

João, naquela tarde teve uma surpresa muito desagradável.

Jeremias foi visitá-lo.

— João, eu sei o que você está passando, e quero lhe oferecer um emprego. Você será chefe em um ponto de drogas. Que tal?

— Jeremias, você deve ser muito burro em vir me oferecer uma coisa dessas? Você acabou com a minha vida e agora quer que eu me humilhe para você? Saia daqui, seu idiota!

Os dois capangas de Jeremias quiseram segurar João, mas Jeremias não deixou.

— Idiota é você... Você não vê que está acabado? Eu tomei tudo o que você tinha! Até a sua mulher... Ou você acha que eu amava Maria Lúcia?

— Você acabou com a vida daquela mulher. — João estava vermelho de ódio. — A única mulher que eu amei de verdade. Uma pessoa boa, que não merecia nunca o que você fez com ela.

— É isso mesmo, João. Você viu que filho lindo. É a minha cara! Fiquei sabendo que nem isso você conseguiu... João agora era só ódio e não conseguia se controlar.

— Jeremias, vamos ver se você é homem. Amanhã eu quero te enfrentar em um duelo. Só eu e você. Quem for melhor, vence. O que você acha?

Jeremias olhou para João naquela colchão, naquele quarto todo sujo, aquele idiota. João não tinha nem arma, com certeza.

— Está aceito, João, um duelo ao modo antigo? Que legal, vai parecer um filme!

— E escolha suas armas, seu porco traidor. Eu acabo mesmo com você de qualquer jeito.

— Amanhã eu lhe espero, João.

João não sabia o que estava fazendo, mas sabia que sua vida estava acabada, mesmo. Tinha fumado maconha, naquele dia, mas precisava de cocaína. Tinha um papelote. Esparramou sobre a cadeira e cheirou. Pegou o litro de conhaque, no canto da parede, e o bebia, quando olhou a sua televisão. Era um modelo bem pequeno, devia valer muito pouco, mas resolveu trocá-la por heroína.

Ligou-a pela última vez. Já estava escurecendo, e ele viu o anúncio:

“Amanhã, haverá o grande duelo. O faroeste caboclo ao vivo na praça Sete de Setembro, às duas da tarde”.

Como os repórteres sabiam do duelo? Isso era coisa do Jeremias.

João pegou a televisão e assim que a levantou, encontrou, embaixo dela, um papelote de cocaína. Resolveu cheirar mais uma vez. Nem percebeu o efeito que aquele papelote fez. Era muita droga e bebida num dia só, e ele caiu em seu colchão, desacordado.

Só se levantou às dez e meia da manhã. João afobado, procurou Pablo.

— Pablo, eu preciso de um revólver.

— O que você aprontou, João?

— Nada, não. Mas, confia em mim, pela última vez. Me arruma um

revólver, preciso enfrentar um cara. Só Deus sabe se eu vou usar esse revólver, mas eu preciso.

Pablo também estava mau. A vantagem que estava tendo em relação a João era que não usava drogas. Conseguiu se libertar do vício antes que o mesmo dominasse sua vida. Haviam vendido todos os bens e perderam todas os pontos de droga para Jeremias.

Pablo estava pensando em conseguir algum dinheiro para sobreviver, mas estava pensando em viajar para a Bolívia, tentar alguns contatos e recomeçar a sua vida.

Tinha uma arma, a sua última. Resolveu emprestá-la a João.

— João, eu só tenho essa arma. Você promete que me traz de volta?

— Claro, Pablo, claro.

Pegou a arma e saiu. Precisava chegar na praça antes de Jeremias.

Só que João não sabia que nesta mesma praça, uma rede de televisão estava filmando uma minissérie chamada Faroeste Caboclo, misturando o passado dos faroestes dos índios, e o presente, do faroeste dos bandidos, das drogas.

Foi este anúncio que ele viu na televisão e imaginou que fosse a divulgação de seu duelo.

E João não sabia que Maria Lúcia havia se arrependido de tudo o que fez com João, e que tinha vindo à Brasília, à procura dele, para voltarem a viver juntos.

E chegou a hora da disputa. João apareceu mais cedo. Jeremias apareceu um pouco mais tarde, acompanhado de diversos capangas. João sabia que de qualquer forma iria morrer.

Não sabia como lidar com a situação. A televisão filmava a minissérie. Ele estava do lado oposto da praça onde estava Jeremias.

Jeremias já havia visto João, mas estava esperando as coisas acalmarem. Tinha muita gente na praça.

João se aproximou.

— Jeremias, seu safado, vamos começar nosso duelo — e sacou sua arma. Jeremias viu que a hora havia chegado. Pegou a sua arma, também.

As pessoas que estavam perto acharam que era parte da minissérie. Um

câmera desavisado começou a gravar o que se passava. O câmara filmou quando João virou as costas e Jeremias abriu um sorriso enorme. Apontou sua arma para João e disparou.

João caiu, atingido. Quando caiu, a sua arma voou longe. João sentiu que o tiro havia atingido um ponto mortal, mas ainda viu quando Natinho chegou acompanhado por Maria Lúcia.

— Me tire essa vergonha, meu Deus, me tire dessa vida — falou João, sentido a dor do tiro.

João não sabia se era o sol, mas ele via uma luz diferente em Natinho. Ele reconhecia que Natinho estava possuído por uma coisa muito boa. Ele conseguia sentir isso. Será que era o amor que Natinho tanto falou? Maria Lúcia o abraçou e chorou.

— Eu queria que o tempo pudesse voltar dessa vez. Acho que só agora começo a perceber tudo o que você me disse. Está mais certo do que eu queria acreditar. Você gostava mesmo de mim.

Viu Jeremias sorrindo sem perceber que ela retirava a Winchester 22 de um pacote e a entregava a João.

— Toma, João. Use a última bala como você queria e mude uma vida. Mate este idiota!

João olhou pras bandeirinhas que tremulavam ao vento. Olhou para o povo aplaudindo a cena, muito bem ensaiada, não sabendo que era de verdade. O sorveteiro, também sem saber da realidade, vendia sorvetes calmamente, tentando aproveitar o movimento maior naquele dia. E as câmeras da televisão agora estavam todas filmando os dois, com transmissão ao vivo para todo o Brasil.

João sentia a morte se aproximando. Viu seu pai correndo daquele policial. Reencontrou com Zé Luiz na beira do rio. Viu suas aventuras amorosas, as janelas que pulava, o reformatório, a política. Reencontrou com Seu Fernando na rodoviária de Salvador. E estava ali, agora, com o sangue na garganta, já sentindo que o final estava chegando. Não se sabe de onde, João tirou suas últimas forças, agarrou a arma que Maria Lúcia lhe trouxe, engatilhou.

— Jeremias, eu sou homem, coisa que você não é, e não atiro pelas

costas, não. Vira para cá, filha da puta, sem vergonha, dá uma olhada no meu sangue e vem sentir o seu perdão.

João deu cinco tiros em Jeremias. Seus capangas não sabiam o que fazer e fugiram, deixando o seu chefe, morto, estirado no chão.

João de Santo Cristo caiu morto, com os braços abertos, como Jesus crucificado, com a Winchester 22 ao seu lado.



## Capítulo 25

### A MORTE DE SANTO CRISTO

---

João morreu sem ver quando Maria Lúcia o abraçou, soluçando, arrependida de tê-lo recusado. Não tinha mais sentido a sua vida sem João. João não viu quando Maria Lúcia pegou o seu revólver e deu um único tiro em seu coração, acabando com sua vida.

João morreu sem saber que Pablo assumiu novamente todo o poder que eles tinham. Sem Jeremias, Pablo, pouco a pouco, passou a trabalhar para o pessoal do Rio de Janeiro. E João também não soube que, o mesmo pessoal do Rio de Janeiro acabou matando Pablo, dois anos depois de sua morte.

João morreu sem saber que a cidade de Boa Vista, depois de tanto tempo, conseguiu eleger o primeiro prefeito da oposição. O doutor José Luiz conseguiu se formar médico e, depois de um trabalho bem feito, conseguiu derrotar toda a estrutura da posição.

João morreu sem ouvir os comentários das pessoas que estavam presentes, admirando as belas cenas dos artistas da televisão. Quem é aquele? Não conheço aquele ator. Aquele que morreu?

Outros chegavam mais perto, e verificaram que não era a minissérie.

— É sangue mesmo... Isso não foi gravação da televisão, é de verdade! E outros:

— Vai passar na televisão?

A multidão só abriu espaço quando viram a veraneio vascaína virando a esquina, com quatro policiais, vindo ver o que havia se passado. Em pouco tempo, chegou toda a estrutura de policiais e bombeiros para darem assistência aos feridos.

Passou à noite na televisão. Alguns acreditaram, outros não, como sempre acontece. Usaram a história de João como exemplo político, como exemplo social, como mau exemplo. Mas não resolveram nada.

O que chocou, e repercutiu entre todos os que assistiram àquela cena, foi o final da transmissão, quando a câmera ia se aproximando do corpo de João de Santo Cristo, todo ensangüentado, virado para cima.

**Na sua camiseta estava escrito: VIVER É FODA, MORRER É DIFÍCIL!**  
**E em algum lugar o Brasil, alguém falou.**  
**— Vamos fazer um filme?**

**FIM**